

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

Fábio Henrique França Rezende

OS BONDES DE PISTA:

a briga como possibilidade de lazer para grupos de
torcedores de futebol no Brasil

Belo Horizonte

2024

Fábio Henrique França Rezende

OS BONDES DE PISTA:

a briga como possibilidade de lazer para grupos de
torcedores de futebol no Brasil

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Silvio Ricardo da Silva
Coorientadora: Prof.^a Ana Cláudia Porfírio Couto

Linha de pesquisa: Identidade, sociabilidades e práticas de Lazer.

Belo Horizonte

2024

R467b 2024	Rezende, Fábio Henrique França Os bondes de pista: a briga como possibilidade de lazer para grupos de torcedores de futebol no Brasil. [manuscrito] / Fábio Henrique França Rezende – 2024. 118 f. Orientador: Silvio Ricardo da Silva Coorientadora: Ana Cláudia Porfírio Couto Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Bibliografia: f. 109-118. 1. Lazer – Teses. 2. Futebol – Teses. 3. Futebol – Torcedores – Teses. I. Silva, Silvio Ricardo da.; Couto, Ana Cláudia Porfírio. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.
---------------	--

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

Dedico o presente trabalho à minha Mamãe, ao meu irmão – Róbson França – e ao Puppy que nos deixou há três meses, mas continua vivo em nossos corações. Sempre foi por vocês!

AGRADECIMENTOS

À infância difícil e pobre que poderia ter me deixado cabisbaixo e me tornado alguém triste, revoltado e sem sonhos. No entanto, me fez resiliente e feliz com o pouco.

À minha amada Mamãe – Marcela Maria França Fraga – que me ensina todos os dias sobre união, amizade, lealdade, honra, trabalho e quanto o poder de Deus e Maria podem tornar o caminho mais leve.

Ao Puppy, por ser o meu melhor amigo e pela lealdade que demonstrou até o seu último suspiro.

Ao meu irmão, Róbson França, por nunca ter esquecido sua família.

À Ana Luiza, minha querida companheira e confidente, pela paciência e resiliência todos esses anos.

Aos amigos do Magnum Buritis, representados pelo Lucas Ranelly, Gabriel Fiche, Bernardo Mendes, pela oportunidade de ser acolhido como um dos seus desde o início.

Aos amigos do Estrela Dalva a minha total gratidão, vocês estão representados aqui pelo André Nery.

Ao Futsal, por ter me moldado como alguém que não desiste e que entende fielmente que o esforço vence o talento em todas as ocasiões. Deixo esse querido esporte referendado com a figura do Lenon (Dallas), da Nathália Avelar (Futsal Feminino da Veterinária/Aquacultura da UFMG) e do Leonardo Diniz (Futsal Masculino da UFMG), grandes amigos que me indicaram o caminho a ser seguido quando os meus olhos estavam fechados.

Aos amigos que construí na Universidade Federal de Minas Gerais, agradeço por acreditarem no meu potencial, mesmo nos momentos em que nem eu entendia que era capaz – Atayde, Gustavo Narimatsu, Smurf, Vitinho, Cambraia, Danilo, Malbar e Lígia.

Aos meus Orientadores e amigos Silvio e Ana Cláudia, pelas oportunidades, acolhimentos e ensinamentos desde o primeiro momento.

Ao GEFuT e ao GESPEL por pelas amizades construídas e toda troca de conhecimentos.

Ao amigo Renato Saldanha, pelo encorajamento para que eu estudasse os bondes de pista.

À Maria Cristina, minha primeira orientadora e grande amiga.

À Gleide Avelar, minha professora de Anatomia e inspiradora.

Ao Misericórdia (minha querida sala na graduação), por ter tornado o caminho até aqui mais leve e feliz.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), por subsidiarem economicamente esse estudo e por tornarem as idas a campo possíveis.

Às cidades de Bogotá, Rosário e Buenos Aires pela oportunidade de conhecer pessoas que contribuíram com a minha evolução pessoal e acadêmica.

Aos meus amigos de torcida organizada, aqui representados pela figura do Lissin que me ensina todos os dias o significado de humildade e justiça. Estou aqui para representar todos vocês que não tiveram a oportunidade de estudar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

À UFMG, EEEFTO e ao PPGIEL, por me honrarem fazer parte dessa história.

Aos bondes de pistas e suas lideranças, por tornarem exequível e prazeroso a realização desse trabalho.

O trabalho duro vence o dom natural. (Rock Lee)

RESUMO

Diante das inúmeras possibilidades existentes, quando relacionado ao futebol, o torcer apresenta-se como uma importante prática de lazer. Assim, a formação de grupos torcedores específicos, como os bondes de pista, acontece através de processos de sociabilidades decorrentes de engajamentos emocionais e/ou elementos em comum, como o fato de encararem as brigas como práticas de lazer e um estilo de vida. Dessa forma, a realização desse estudo se deu por uma necessidade de se avançar nas discussões e entendimentos sobre estes grupos torcedores, a fim de refletir e debater sobre os bondes de pista, o torcer e os confrontos a eles relacionados. Este estudo é de abordagem qualitativa, do tipo exploratório, sendo dividido em revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas com as lideranças dos bondes de pista e pesquisas de campo. Como objetivo geral busquei analisar a atuação dos bondes de pista, por meio das brigas e das regras de conduta pré-estabelecidas para os confrontos. Já como objetivos específicos procurei compreender as normas, dinâmicas internas, aspectos de sociabilidade e o sentido das brigas para esses grupos torcedores. Eles se mostram como uma manifestação torcedora e cultural que vêm ganhando destaque seja dentro ou fora das arquibancadas brasileiras. O respeito às normas de conduta para os confrontos, possibilitou o ressurgimento de uma consciência torcedora que é nutrida nos embates corporais e na disputa de territórios simbólicos. O presente estudo permitiu a percepção das brigas balizadas pela ideia de jogo e não de extermínio. Dito isso, caracterizo esses grupos como sujeitos complexos que ultrapassam a lógica de pessoas violentas, que se mostram como personagens multifacetários e que utilizam o protagonismo de torcedores de briga para direcioná-los diante de uma perspectiva contra hegemônica no que tange a utilizar as contendas como atos conscientes, voluntários, lúdicos e que oportunizam a criação de laços de amizade, respeito e união entre os seus membros.

Palavras-chave: Lazer; Torcer; Brigas; Bondes de Pista; Regras.

ABSTRACT

Given the countless possibilities that exist, when related to football, cheering presents itself as an important leisure practice. Thus, the formation of specific fan groups, such as “Bondes de pista”, happens through sociability processes resulting from emotional engagement and/or common elements, such as the fact that they view fights as leisure practices and a lifestyle. Therefore, this study was carried out due to the need to advance discussions and understandings about these fan groups, in order to reflect and debate about “Bondes de pista”, cheering and the clashes related to them. This study has a qualitative, exploratory approach, being divided into a bibliographical review, semi-structured interviews with the leaders of the “Bondes de pista” and field research. As a general objective, I sought to analyze the performance of “Bondes de pista”, through fights and pre-established rules of conduct for confrontations. As specific objectives, I sought to understand the norms, internal dynamics, aspects of sociability and the meaning of fights for these fan groups. They show themselves as a fan and cultural manifestation that has been gaining prominence whether inside or outside the Brazilian stands. Respect for the rules of conduct for clashes enabled the resurgence of a fan consciousness that is nurtured in physical clashes and the dispute over symbolic territories. The present study allowed the perception of fights based on the idea of play and not extermination. That said, I characterize these groups as complex subjects who go beyond the logic of violent people, who show themselves as multifaceted characters and who use the protagonism of fight fans to direct them towards a counter-hegemonic perspective in terms of using disputes as conscious, voluntary, playful acts that provide opportunities for the creation of bonds of friendship, respect and unity between its members.

Keywords: Leisure; Root; Fights; “Bondes de Pista”; Rules.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Bate Anda em jogo pela Copa do Brasil em 2022.	73
Figura 2 – Faixa do Sobranada em partida como visitante.	78
Figura 3 – BBF em jogo como visitante contra o América - MG no ano de 2024.	87
Figura 4 – Ultras do ABC em clássico contra o América de Natal.	96
Figura 5 – Bonde da Aliança de visitante em Maceió - Alagoas.	98

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Lazer, torcer e suas variadas faces.....	15
1.2 Objetivo Geral.....	18
1.3 Objetivos Específicos	18
1.4 Procedimentos metodológicos	18
2 A ORGANIZAÇÃO COLETIVA TORCEDORA	23
2.1 O Cenário Internacional: Hooligans; Barras e Ultras	23
2.1.1 Os hooligans	23
2.1.2 As barras.....	27
2.1.3 Os ultras.....	34
2.2 Da assistência aos coletivos torcedores brasileiros	38
3 A PISTA COMO ESTILO DE VIDA	47
3.1 Condutas de Risco	47
3.2 Bailes de corredor e os territórios simbólicos	55
3.3 Viva à pista: 24/48 horas	59
4 OS MEANDROS DOS BONDES DE PISTA	66
4.1 O ingresso nos bondes de pista brasileiros.....	66
4.2 Bate Anda: preservando a essência.....	68
4.3 Sobranada 1902: orgulho de não ser como vocês	73
4.4 Bonde do Braço Fino: troca soco e sai andando.....	82
4.5 Ultras do ABC: amizade & respeito – 1915	91
4.6 Bonde da Aliança: amigos até no céu	97
5 REFLEXÕES FINAIS: UMA NOVA CONDIÇÃO TORCEDORA – AS BRIGAS COMO LAZER.....	104
REFERÊNCIAS	109

APRESENTAÇÃO

O futebol está presente na minha vida há mais de duas décadas. Assim como inúmeras crianças do meu bairro na cidade de Sete Lagoas, eu cresci praticando esse esporte na rua, em clubes e até mesmo em espaços diminutos, como no quarto da minha casa. Além disso, eu também assisti, desde pequeno, o esporte da forma que me era permitida. Em jogos que não eram transmitidos na televisão, recordo-me de ficar horas em frente ao rádio escutando desde o pré-jogo até os comentários após as partidas do meu clube.

No ano de 2000, quando tinha seis anos de idade e já residia em Belo Horizonte, devido a uma transferência de emprego da minha mãe, que era professora em turmas de 1ª a 4ª séries do estado de Minas Gerais, tive a minha primeira experiência no estádio, em uma final da Copa do Brasil em que o Cruzeiro enfrentou o São Paulo. Como venho de uma família com baixo poder aquisitivo, composta por duas pessoas na casa (minha mãe e eu), em que minha mãe era a única pessoa da residência que possuía renda fixa, o futebol era, em Belo Horizonte, uma das poucas opções de lazer que ela podia custear de maneira contínua para nós dois. Isto porque, na época, os ingressos eram comercializados a preços populares e o Mineirão ainda tinha a geral, setor com valores mais acessíveis às “massas”, o que permitia a nossa ida à maioria das partidas. Foi em casa e nesse cenário de acesso ao esporte como espectador que vivenciei um formato diferente da rivalidade do esporte mineiro: apesar de torcer pelo adversário, Clube Atlético Mineiro, minha mãe desistia de frequentar os jogos de seu time para me oferecer a vivência de lazer junto ao Cruzeiro.

A partir dos 12 anos de idade, adquiri independência para ir ao estádio sozinho. Devido à influência de amigos e ao interesse criado pela observação das festas realizadas pelas torcidas organizadas nas arquibancadas, iniciei minha trajetória no Comando Máfia Azul (CMA), uma das torcidas organizadas do Cruzeiro Esporte Clube e que tem as brigas como um dos seus principais marcos identitários. Comecei como outros membros, apenas assistindo aos jogos no setor da organizada. Com o tempo, passei a me disponibilizar para auxiliá-los no que fosse preciso, como: carregar os materiais e ajudar nas ações sociais. Em seguida, comecei a frequentar a sede da torcida frequentemente, o que me permitiu conhecer mais de perto os membros e, as

lideranças, criando vínculos mais ativos. Assim, tornei-me efetivamente um integrante da torcida.

Além de viver o esporte como torcedor, fui jogador de futsal desde a infância - o que, inclusive também, motivou a mudança de residência de Sete Lagoas¹ para Belo Horizonte. Devido ao futsal, pude estudar desde os seis anos com bolsa de estudos no Colégio Magnum Buritis, vivenciar o esporte de maneira cotidiana, competir em diversas localidades e aprender valores que levo até os dias atuais. Considero essa oportunidade educacional e esportiva fundamental ser aprovado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), escolher o curso de Educação Física e hoje cursar o Mestrado no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer.

Também é importante destacar que ser membro da Máfia Azul por mais de uma década me ajuda a entender e conhecer o mundo por outros prismas, perspectivas – que o Colégio Magnum, a minha vivência como atleta de futsal e a minha família não são capazes de mostrar. Na torcida organizada, aprendo a entrar e sair de vários ambientes, desenvolvo a empatia, compreendo a necessidade de respeitar opiniões contrárias às minhas e o poder que um clube de futebol tem para unir pessoas de diferentes valores, formações educacionais, posições políticas e costumes. Dessa maneira, corroboro com os dizeres do personagem principal do filme *Hooligans Green Street*, que afirma que o aprendizado proporcionado pela torcida, nenhuma escola no mundo seria capaz de ensiná-lo.

É desse lugar diverso e multifacetado que constitui o cenário de minha formação pessoal e acadêmica e que vem o interesse pelo tema do estudo. Como atleta de futsal, o rigor dos treinos, a pressão emocional, o preparo físico e técnico me ensinou sobre os critérios pro alto rendimento; assim como a vivência individual de contextos sociais diversos – estando entre uma realidade pessoal de vulnerabilidade socioeconômica concomitante à oportunidade de estudar entre um grupo utilizado –, ao lado da experiência como torcedor organizado da Máfia Azul, diante das perseguições e repressões por parte das autoridades, da mídia e da legislação, deram-me resiliência e integralidade. Essa trajetória de formação humana me motivou

¹ Município localizado no Estado de Minas Gerais. Está localizado à cerca de 72 quilômetros de Belo Horizonte, capital do referido Estado.

à atenção às questões sociais negligenciadas, direcionando meu foco acadêmico para a compreensão social e cultural do futebol e de suas manifestações torcedoras.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Lazer, torcer e suas variadas faces

Lazer é uma necessidade humana e uma dimensão da cultura, constituída na articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social (Gomes, 2014). Este fenômeno também deve ser entendido de múltiplas formas, abarcando uma diversidade de vivências culturais lúdicas e historicamente situadas (Gomes, 2014). Assim, o lazer possui uma potência política que motiva sua defesa em uma perspectiva contra hegemônica e de caráter transformacional.

O lazer é, também, um fenômeno subjetivo e, por isso, a sua concepção pode variar de acordo com as realidades e necessidades dos indivíduos. Essa perspectiva direciona o olhar para o futebol, tido como um dos símbolos da sociedade brasileira (Damo, 1998, p.11), como moldador da dinâmica social e cultural de muitas pessoas, balizando suas escolhas e cotidianos, como uma fonte de expressão individual (Da Matta, 1982). Essa formação identitária voltada para o futebol é explanada por Vogel (1982, p.78), para quem “temos uma identidade social composta por uma seleção de papéis entre os quais o de torcedor ocupa um lugar de destaque”.

Na perspectiva coletiva, os diferentes futebolís (Silva; Cordeiro & Campos, 2016) valorizam distintos aspectos culturais e possibilitam protagonismos que vão além do poder econômico das pessoas e dos padrões heteronormativos impostos pela sociedade. A presença marcante do futebol mobiliza o reconhecimento de sua complexidade e das relações que media nos grupos envolvidos, tornando-o uma potente opção de lazer e um elemento social representativo (Escher; Reis, 2006).

Dentre as formações voltadas para o futebol e as formas de expressões que lhe são atribuídas, destaca-se o torcer e as suas variadas faces. Sobre isso, Souza Neto (2010), ao analisar a história do torcer em Belo Horizonte, mostra como, ao longo dos anos, passou de assistência para o pertencimento clubístico. No decorrer das décadas, outras formas de torcer se apresentaram como possibilidades, com a ampliação do acesso a novos meios de comunicação, como: o rádio, as transmissões pela televisão em preto e branco, em tela colorida e o surgimento da *internet*. Vimieiro

(2014) apresenta aqueles torcedores que preferem acompanhar os seus clubes pelos meios digitais às arquibancadas e que utilizam da tecnologia para produzir narrativas para além daquelas oriundas da televisão e do rádio. Já o torcer nos bares é apresentado por Abrantes (2015) como possibilidade para acompanhar o clube e que se mostra mais econômico em relação à ida às novas arenas.

Dessa forma, a necessidade de ir a todos os jogos do clube para o qual torce, assistir aos jogos pela televisão e/ou ler e ouvir notícias relacionadas ao futebol é motivado, de acordo com Silva, Souza Neto e Campos (2011), por sentimentos poderosos, vivenciados individualmente ou coletivamente no tempo disponível das pessoas e que representam objetos fundamentais de análise da dinâmica social e cultural em que estamos colocados. Inegavelmente, o torcer protagoniza variados processos de sociabilidade, denominados de “a forma lúdica da sociação” - que, por sua vez, é entendida como um processo que se inicia quando os indivíduos passam a adotar sistemas de cooperação e de colaboração em um determinado contexto (Simmel, 2006). Esses processos de sociabilidades torcedoras estão ligados a engajamentos emocionais que podem estar relacionados a pertencimentos clubísticos e a grupos torcedores específicos (Damo, 2005).

No âmbito destes grupos específicos destaco os bondes de pista², que surgiram no Brasil na última década, a partir de torcidas organizadas dos clubes que torcem e que possuem como elemento aglutinador o fato de encararem as brigas como práticas de lazer, de prazer e como um estilo de vida. O termo “pista”, nesse contexto, se refere aos locais onde acontecem as brigas e “o torcedor de pista” é aquele membro que possui pré-disposição para confrontos contra os rivais.

Esses bondes surgem no contexto brasileiro, com a finalidade de resgatar tradições dos *hooligans* e ultras europeus, das barras³ sul-americanas e das torcidas

² Nome escolhido para designar grupos torcedores que encaram as brigas como lazer, sob a premissa de lógicas de confrontos corporais mais justos, que primam por não utilizar artefatos que lhes deem vantagens nos conflitos.

³ Cabrera (2020), em seus estudos fala sobre a utilização do termo Barra Brava. Este tem origem e conotação pejorativa e é utilizado pela mídia e as autoridades para se referirem aos torcedores ditos, como violentos e arruaceiros. Neste trabalho, utilizarei a expressão barra, pois entendo que esses grupos possuem características e vínculos esportivos que perpassam análises superficiais e homogêneas sobre suas formas de atuação e construções identitárias.

organizadas brasileiras até a metade da década de 1980, no que diz respeito, aos confrontos físicos “na mão e sem covardia”. As brigas possuem regras estipuladas, como a proibição da utilização de quaisquer artefatos que não sejam os corpos dos envolvidos, indicando a ideia do *tener aguante* fundamentada por Zucal (2004; 2006; 2010), como uma das maneiras de entender a lógica da violência para os bondes de pista.

Assim, os sistemas de cooperação e colaboração (Simmel, 2006), são mobilizados para a realização de tarefas coletivas em prol da entidade. Esse conjunto expressa formas de sociabilidade, tornando os bondes de pista movimentos amplos e complexos, com engajamento fidelizados aos seus clubes.

Dessa maneira, justifico esse estudo pela necessidade de desmistificar a cultura de esporte, lazer e sociabilidade como objeto de uma caracterização de contendas, ressignificando a interpretação para uma lógica de vínculos e pertencimentos. Além disso, referendo a importância de compreender novas construções torcedoras baseadas no uso da força física e de conhecer como suas normas se mostram nos momentos dos embates físicos contra os rivais.

O que também justifica este trabalho e amplia a sua relevância, é que embora haja um considerado número de produções científicas sobre o futebol e o torcer e, mais especificamente, sobre as torcidas organizadas e sua relação com a violência, não identifiquei nas bases de dados científicas, *Google Acadêmico*, Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e *Brasil Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil)*, pesquisas de pós-graduação que tratem de maneira particular sobre movimentos independentes de torcedores que buscam resgatar tradições dos *hooligans* ingleses (Giulianotti, 2002), das primeiras e segundas gerações das barras sul-americanas, especificamente, no contexto argentino (Alabarces, 2004; Cabrera, 2014; Moreira, 2005; Zucal, 2006; 2010) e das torcidas organizadas brasileiras na década de 1980 (Teixeira, 2001; 2003; Hollanda & Teixeira, 2022) no que se refere às normas de conduta pré-estabelecidas nos confrontos corporais.

Vale sublinhar, que esse estudo possui um viés pessoal e que ao mesmo tempo se mostra como um ato político, já que em certa medida, ele é uma forma de amplificar

a voz de grupos torcedores que, historicamente, têm sido invisibilizados e colocados à margem. Além de valorizar a história contada do ponto de vista dos nativos, com as suas próprias características e sem a intenção de julgar e criminalizar quaisquer ações, mas sim, de entender e compreender os sentimentos que estão emaranhados no universo torcedor dos bondes de pista.

Posto isso, este estudo busca avançar nas discussões e contribuir para o entendimento inicial destes novos grupos torcedores que entendem as brigas como práticas de lazer, a fim de compreender esses processos e dinâmicas de confrontos sob a perspectiva do lazer como uma necessidade humana e fundamental (Gomes, 2014). Além disso, o estudo visa propor o debate sobre os bondes de pista, o torcer e os confrontos enquanto dinâmica torcedora e aspecto de sociabilidade, entendendo as normas dos grupos.

1.2 Objetivo Geral

- Analisar a formação e a atuação de grupos torcedores brasileiros (bondes de pista) que vivenciam brigas como uma possibilidade de lazer a partir de determinados códigos de conduta.

1.3 Objetivos Específicos

- Compreender as normas, dinâmicas internas e os aspectos de sociabilidades dos bondes de pista;
- Entender o sentido das brigas para esses torcedores.

1.4 Procedimentos metodológicos

Este estudo é de abordagem qualitativa, do tipo exploratório. Segundo Denzin & Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que os pesquisadores estudam os seus objetos em seus cenários naturais, de modo a entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles os conferem. No que diz respeito, ao tipo exploratório, este tem o objetivo de conhecer a variável do estudo assim como ele se apresenta, a partir do

seu significado e contexto em que ele se insere, sendo essa a forma mais adequada de se entender o comportamento humano (Queiróz, 1992).

Os dados foram coletados em etapas, compreendendo: a revisão bibliográfica com vistas à compreensão do estado da arte. Nesse sentido, realizei uma breve revisão bibliográfica, a partir de pesquisas nas bases de dados *Google Acadêmico*, Portal de Periódicos da CAPES e *Scielo* Brasil. Para a busca, utilizei as palavras-chave: lazer, futebol, brigas, violências, torcidas, territórios, condutas de risco, bailes de corredor, cultura do mano a mano⁴. Apesar da escassez de estudos de mestrado e doutorado focados na atuação dos bondes de pista, usei como base o estudo de Teixeira (2021), recortando o seu capítulo sobre o discurso dos bondes de pista cariocas, analisando a reportagem dos canais Entertainment and Sports Programming Network (ESPN) sobre a pista limpa e a volta do mano a mano, protagonizada no Rio de Janeiro pelo Sobranada 1902 e o Bate Anda. Ainda, recorri a amostra por conveniência a partir da literatura cinzenta (Botelho & Oliveira, 2015), devido à escassez de estudos sobre o tema. A etapa seguinte, compreendeu a pesquisa de campo que é entendida pelas representações históricas, das crenças, das representações e produtos das opiniões e interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos, sentem, pensam e se comportam. Além disso, esta pesquisa responde a questões particulares, enfocando um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois trabalha com um universo de amplas possibilidades, motivos, crenças e atitudes e significados (Minayo, 2014).

Nesse sentido, a referida pesquisa de campo se deu por meio de visitas aos jogos de futebol dos bondes de pista do Sudeste; presenças em reuniões pré e pós as partidas; visitas aos espaços utilizados como ponto de encontro dos grupos e às sedes sociais do Fluminense Football Club e do Santos Futebol Clube, organizadas pelas lideranças do Sobranada 1902 e do Bonde do Braço Fino, respectivamente e aos treinos de artes marciais. Já as atividades dos grupos do Nordeste foram acompanhadas via telefone, por rede social e por conversas informais no *whatsapp*, com a intenção de estar a par de todas as ações dos referidos grupos.

⁴ Brigas que utilizam apenas os corpos dos participantes, como objetos de ataque e de defesa.

Realizei as entrevistas semiestruturadas por meio de diálogos com as lideranças dos bondes de pista, presencialmente, por meio de aplicativo de mensagens instantâneas (*whatsapp*) e por ligação telefônica, com vistas ao detalhamento das ocasiões que foram cenário para visita de campo e captação de suas experiências e percepções. Justifico a escolha das entrevistas semiestruturadas, pois elas têm como características questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa (Triviños, 1987, p.146). Ademais, elas mostram-se como uma forma de interação social, um diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informações (Gil, 1999).

As entrevistas aconteceram no segundo semestre do ano de 2023, de forma presencial e virtual, de acordo com a minha disponibilidade e dos informantes chave. O critério de seleção dos informantes foi incluir o membro de maior hierarquia dos bondes de pista brasileiros, visando o contato com a pessoa responsável pela representação, que pudesse refletir a trajetória de grupo e os ideais expressos nas coletividades estudadas. Não foram incluídos componentes de outros grupos que também têm como método de torcida a inserção nas pistas, mas compõem torcidas organizadas ou outros coletivos torcedores, possuem Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) e cadastro de seus membros junto às autoridades responsáveis pela segurança pública do estado. Defendo o estabelecimento desses critérios de inclusão e exclusão pelo foco do estudo nos grupos torcedores independentes, que possuem o conflito como estilo de vida, distinguindo-se das demais modalidades torcedoras pela participação em contendas organizadas com regras e métodos próprios.

Foram entrevistadas sete lideranças: três do Sobranada 1902, do Fluminense Football Club; uma do Bate Anda, do Clube de Regatas do Flamengo; uma do Bonde do Braço Fino⁵, do Santos Futebol Clube; uma do Bonde da Aliança, do Ceará Sporting Club, e uma do Ultras, do ABC de Natal.

⁵ Desde o dia 29 de janeiro de 2024, o Bonde do Braço Fino (BBF) passou a ser uma torcida organizada, atendendo às diretrizes exigidas pelo Ministério Público de São Paulo. Contudo, como o primeiro bonde de pista e pelo fato de no momento das entrevistas e análise dos dados ele ainda ser um grupo independente, optei por escrever sobre ele na dissertação em questão. Esse assunto será mais bem abordado no subcapítulo específico do BBF.

As entrevistas foram gravadas e transcritas manualmente. Após esta etapa os dados coletados foram analisados por meio da análise de conteúdo fundamentada por Bardin (2011). Tal método é dividido pela autora em três etapas: 1) organização, que consistiu na avaliação dos dados coletados durante a pesquisa e na utilização ou não dos mesmos, dialogando com o que se considera relevante para responder os problemas do estudo; 2) codificação, que correspondeu à imersão em dois conceitos básicos - a unidade de registro e a unidade de contexto; 3) categorização, que é o momento em que os dados são agrupados em categorias referentes aos objetivos traçados. Neste estudo, realizei a categorização de forma semântica, ou seja, indicando os significados dos códigos encontrados por meio do método indutivo, que consiste nas definições das categorias a partir das observações das respostas encontradas (Bardin, 2011).

Quanto ao aspecto ético do estudo, este foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tendo sido aprovado pelo parecer número 71757023.3.0000.5149.

Os participantes do estudo assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo cientificados sobre o armazenamento dos dados coletados pelo período de cinco anos e sobre o direito de interrupção das entrevistas, revogação da autorização para divulgação dos dados coletados ou desistência completa de participação a qualquer momento. Os pseudônimos utilizados durante a escrita têm a finalidade de manter em sigilo a identidade dos entrevistados e seguem a seguinte lógica: para os homens optei pela escolha de nomes de ídolos referentes aos clubes de cada bonde de pista; já para as mulheres utilizei nomes de jogadoras da seleção brasileira de futebol feminino.

Para mais, a anunciada escrita é dividida em mais quatro capítulos. O segundo capítulo aborda a organização coletiva torcedora, de modo, a contextualizar nacionalmente e internacionalmente os processos históricos da formação de grupos torcedores que serviram como motivação para a criação dos bondes de pista. O capítulo três, desenvolve uma discussão da pista como estilo de vida, no que concerne, ao fato de esmiuçar as disputas simbólicas que estes grupos protagonizam. Já o capítulo quatro trata, especificamente, dos bondes de pista, da pesquisa de campo desenvolvida com eles e de cada grupo particularmente, de forma, a trazer para o centro do debate os variados processos de sociabilidade que os constituem. Por último, o capítulo das considerações finais, tem como finalidade refletir acerca do

trabalho desenvolvido, buscando entender os bondes de pista como mais uma possibilidade social de enxergar o torcer e as suas distintas faces.

2 A ORGANIZAÇÃO COLETIVA TORCEDORA

A organização coletiva torcedora, de alguma forma, antecedeu, modulou e inspirou a criação dos bondes de pista. Os cenários internacional e nacional dessa conformação mostra a interligação entre manifestações torcedoras, influenciando no surgimento de diversas expressões de torcida.

2.1 O Cenário Internacional: Hooligans; Barras e Ultras

2.1.1 Os *hooligans*

O termo *hooligans* é uma forma pejorativa que a imprensa inglesa usou para denominar os torcedores ditos como violentos (Oliveira, 2023). Existem diferentes teorias acerca de seu surgimento, sendo que três delas são as mais fundamentadas e perpetuadas ao longo dos anos: a primeira tem relação com a forma que os jovens que praticavam arruaças eram chamados no Reino Unido no final do século XIX (Pimenta, 2004). A segunda, afirma que o termo é oriundo de uma família irlandesa que residia em Londres, tinha o sobrenome *Houlihan* e ficaram conhecidos pela violência, brigas e roubos que praticavam contra os seus rivais de negócios ou aqueles que os provocassem (Person, 1983; Pimenta, 2004). A terceira hipótese relata que a palavra é oriunda do livro *The Hooligan Night*, que é uma descrição clássica contemporânea de crimes nas ruas da cidade de Lambeth – Reino Unido na década de 1890. A obra foi produzida em 1899, por Clarence Rook, no qual o personagem Patrick Hooligan ganhou fama e notoriedade, graças ao seu comportamento rebelde, desordeiro e violento (Pimenta, 2004). Isto fez com que os indivíduos que tivessem condutas parecidas com as de *Hooligan* ficassem conhecidos por esta alcunha.

O fato é que o termo *hooligan* foi utilizado pela imprensa britânica antes do surgimento de torcedores que utilizam de estratégias violentas para chamar atenção e ganhar visibilidade dos seus pares, dos clubes, das autoridades e como forma de distinção (Oliveira, 2023). Pimenta (2004) afirma que as cidades de Londres e Manchester, no final do século XIX, observavam a presença de gangues que promoviam arruaças, brigas e roubos. Estes já eram chamados naquela época de *hooligans* ou *peaky blinders* - denominação utilizada na província de Birmingham.

Grupos que passaram a se intitular como firmas de *hooligans* surgem na Inglaterra em meados da década de 1950 (Elias & Dunning, 2019). É importante dizer, que o hooliganismo⁶ já existia no futebol britânico, pois casos de violências entre torcedores e/ou destes e os aparatos estatais já aconteciam. Contudo, é na década de 1950 que grupos se organizaram e passaram a se intitular como firmas de *hooligans* (Elias & Dunning, 2019).

Giulianotti (2002) aponta que os *hooligans* são grupos de torcedores que surgiram na Inglaterra e possuem presença elevada no conjunto de países que formam o Reino Unido e no Norte da Europa. Dunning (2014) constrói uma teoria sobre as ações dos *hooligans* e os motivos destas. Entre outras justificativas, chega à conclusão de que o hooliganismo pode ser entendido como uma “explosão desviciadora” dos setores rudes da classe trabalhadora inglesa, em relação ao conceito central do processo civilizador (Elias & Dunning, 2019). Assim, os jovens oriundos desse segmento da sociedade, encontraram no futebol um espaço privilegiado para a participação de brigas, agressões e outras violências que eram entendidas como uma maneira de afirmação social, por meio da masculinidade em seu meio de convivência. Portanto, para Dunning (2014), a violência naquele espaço não era vista como uma ação indesejada e condenável, ao contrário, era motivo de orgulho, de notoriedade e de pertencimento a determinados grupos. Ainda, vale dizer que o ambiente do futebol se mostrara um espaço propício para aguçar o aumento da sensação de impunidade e do poder do grupo, permitindo que aqueles indivíduos criassem vínculos entre si e se organizassem diante de ideais (Dunning, 1994).

Diante disso, o futebol se tornou o cenário ideal para as ações dos *hooligans*, por conta do anonimato aos torcedores envolvidos. Obviamente, os jovens ingleses já se organizavam entre outros coletivos que possuíam rivalidades, como os *teddy-boys* e seus rivais: os *rockers*, os *mods* e os *skinheads* (Pimenta, 2004; Hollanda, 2021). Estes, por sua vez, envolviam-se em conflitos pelas cidades inglesas. Contudo, nas décadas de 1950, 1960 e 1980, quando estes jovens passaram a frequentar grupos organizados de torcedores, – as firmas *hooligans* –, estas rivalidades migraram para

⁶ Expressão consagrada pela bibliografia internacional e deve ser entendida por ações violentas de agentes envolvidos no futebol, como torcedores, policiais e seguranças privados.

as arquibancadas, ruas e *pubs* onde se reuniam, fazendo com que a violência aumentasse de maneira exponencial (Giulianotti, 2002; Hollanda, 2021).

Para mais, no contexto da sociedade francesa, Le Breton (2009) elabora a teoria de que as pessoas buscam atividades de risco como forma de gerar desafios e situações de imprevisibilidade dentro de um contexto capitalista que, na maioria dos momentos, mostra-se monótono e sem desafios. O que em certa medida, pode dialogar com as condutas dos grupos torcedores que possuem como marco identitário os confrontos corporais, no que tange, a buscar alcançar níveis de prazer, adrenalina, excitação e extravasamento que eles não conseguem em outros setores da sociedade.

Para Lopes & Cordeiro (2010), os *hooligans* são menos comprometidos com as festas nas arquibancadas quando comparados às torcidas organizadas brasileiras. Isto pode ser explicado pela exclusão do grupo inglês das arquibancadas locais. No Brasil, por outro lado, as torcidas organizadas exercem influência política e econômica nos estádios brasileiros e em seus respectivos clubes.

Os jornais ingleses denominaram o *hooliganismo* (atos de violência em torno do futebol) de a “doença inglesa”, já que na década de 1960 passara a ser um problema social (Hollanda, 2021). Diversas medidas de repressão aos *hooligans* foram elaboradas para a Copa do Mundo de Futebol Masculino de 1966, sediada na Inglaterra e divulgadas pela imprensa da época. Claramente, esta foi uma forma de atrair a atenção do grande público, visto que os editoriais, espertamente, perceberam que as brigas desses torcedores chamavam a atenção e tinham potencial para ganhar as primeiras páginas, deixando as jogadas e os gols em segundo plano (Dunning, Murphy e Williams, 1993).

Porém, as notícias sensacionalistas em torno dos *hooligans* e da violência que causavam, fizeram com que ganhassem ainda mais notoriedade e fama entre os jovens da época (Hollanda, 2021). Tal amplitude gerou o crescimento desses grupos, assim como ocorreu no Brasil quando as torcidas organizadas foram criminalizadas pelas autoridades e a mídia na década de 1990.

A criminalização dos *hooligans* ingleses se deu, principalmente, por dois acontecimentos. O primeiro ficou conhecido como Tragédia de *Heysel*, por ocorrer no

estádio de mesmo nome, antes da final da Liga dos Campeões da Europa no ano de 1985, entre o Liverpool, da Inglaterra, e o Juventus, da Itália. Na ocasião, houve um confronto entre os *hooligans* ingleses e os ultras italianos, que culminou em 39 torcedores que vieram a óbito e cerca de 450 pessoas feridas – em razão da correria generalizada nas arquibancadas para fugir do avanço dos ingleses, fazendo com que centenas de pessoas fossem pisoteadas. (Soares & Rezende, 2019). Após analisar os fatos, a União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) culpabilizou os *hooligans* do Liverpool e acabou por gerar uma punição a todos os clubes ingleses, excluindo-os de participar de quaisquer competições europeias por cinco anos.

Outro ocorrido que culminou em penalidades rigorosas aplicadas pelas autoridades britânicas aos *hooligans* aconteceu em 1989, em partida válida pela semifinal da Taça da Inglaterra, entre Liverpool e Nottingham Forest. Na ocasião, a superlotação do estádio de *Hillsborough* gerou uma grande confusão, que resultou em 96 mortes e 966 pessoas feridas (Soares & Rezende, 2019). Novamente os *hooligans*, do Liverpool, foram culpados pela imprensa inglesa e as autoridades, o que culminou em mudanças drásticas no Campeonato Inglês no que diz respeito, por exemplo, à estrutura física dos estádios e o aumento no preço dos ingressos.

Nessa mesma época, como “solução” para o problema do hooliganismo, foi criado o Relatório Taylor⁷. A partir do documento, dezenas de normas foram instituídas no novo modelo inglês de futebol: assistir aos jogos sentado, aumento considerável no preço dos ingressos, modernização dos estádios com câmeras de vigilância e punição criminal aos torcedores que invadissem o campo (Hollanda, 2021). Tais medidas não fizeram com que as brigas cessassem, apenas que mudassem de lugar. Além de não terem perdido popularidade, os *hooligans* foram deslocados para jogos de divisões inferiores, onde o controle policial e os preços dos ingressos eram menores. Assim, *pubs* e estações de metrô, próximos aos estádios mais periféricos agora ocupados por esses grupos, tornaram-se locais estratégicos para confrontos, em razão da inexistente vigilância policial (Hollanda, 2021).

⁷ A priori esse documento visava do valor dos ingressos e o avanço da hipercantilização. Contudo, na prática ocorreu o inverso, sendo o campeonato inglês que poucos anos depois se transformou em *Premier League*, uma mercadoria rentosa para as grandes corporações globais.

Diante disso, a violência entre os *hooligans* não pode ser observada e compreendida sob uma única perspectiva, mas entendida em distintos contextos de localização e cultura, que abrangem os processos de rivalidades sociais antecedentes ou não à própria existência torcedora (Dunning, 2014). As brigas são motivadas em cada localidade por diferentes processos históricos. Na Escócia, são estimuladas pelo sectarismo religioso, expresso na disputa entre católicos e protestantes; na Itália, por uma desavença histórica entre cidades do Norte – ricas e desenvolvidas – e cidades do Sul, especialmente, Nápoles, com maiores níveis de desemprego e desigualdade social; na França, estão relacionadas a motivações políticas, com a rivalidade entre torcidas de esquerda e direita; na Espanha, devido ao sentimento nacionalista e separatista das regiões Bascas e da Catalunha; e na Inglaterra, as rivalidades torcedoras são marcadas pelo antagonismo histórico entre as cidades (Dunning, 2014).

O campo científico possui uma disputa evidente acerca do hooliganismo e do seu potencial de disseminação para outras localidades do planeta. No entanto, o certo é que ações organizadas violentas foram herdadas, transferidas e adaptadas por grupos torcedores de outros países, o que auxiliou na constituição, por exemplo, das barras sul-americanas.

2.1.2 As barras

As barras são um estilo próprio de torcer dos países da América Espanhola. Alguns dos marcos identitários das barras são a violência contra torcedores de outros clubes, do mesmo clube que fazem oposição à gestão atual da barra, e às forças policiais (Alabarces; Zucal & Moreira, 2008).

As barras possuem como características distintivas a presença do *aguante*. Esta é, à priori, uma categoria polissêmica, pois produz diferentes significados e provoca distinções entre os espectadores. Assim, o ser *aguante* significa possuir um sistema de honra e prestígio vinculado a uma pré-disposição aos embates físicos (Alabarces, 2004; Moreira, 2005; Zucal, 2006). Esses torcedores são reconhecidos por seus pares e, portanto, ganham respeito e notoriedade dentro das barras por sua coragem e valentia. Moreira (2005) afirma que as histórias, experiências e cicatrizes

adquiridas nas batalhas são aspectos de distinção entre esses torcedores, que têm um estilo de vida voltado para as pistas.

Não obstante, etimologicamente o “ato de aguantar” significa ser solidário. Por outro lado, na linguagem torcedora, está relacionado à disposição para colocar o corpo à prova: seja viajando longas horas para acompanhar o seu clube como visitante, enfrentando longas filas para comprar ingresso, passando situações de frio ou calor, ir a todos os jogos como mandante e participar de confrontos físicos contra torcedores rivais (Archetti, 1985).

Com isso, a identidade dos bondes de pista também é forjada por meio da violência e do ato de conseguir suportar e conviver com essas práticas. Já que não basta estar disposto a lutar contra os seus adversários, é preciso agir com honra, estar preparado para situações de inferioridade numérica, de covardias dos grupos rivais, de repressão policial e para os golpes sofridos (Moreira, 2005).

Assim, estes torcedores são vistos pela imprensa e por parte da sociedade como seres irracionais, bárbaros, selvagens e marginais. Tal discurso, que criminaliza e generaliza as barras, também é transferido para o contexto brasileiro, devido às narrativas que culpam e responsabilizam as torcidas organizadas pela violência, transformando-as em umas das principais “vilãs” do futebol brasileiro (Oliveira, 2022).

No Brasil, as torcidas organizadas de pista⁸ e os bondes de pista possuem semelhanças com os grupos argentinos, no que diz respeito à lógica do pertencimento ao grupo, consolidada através das brigas e da ideia de não recuar diante do inimigo, mesmo que este esteja em vantagem numérica e/ou territorial.

Apesar da diferenciação dos conceitos, na prática eles se misturam, pois em diferentes ocasiões os personagens também são os mesmos e acabam por assumir distintos papéis sociais de acordo com as circunstâncias que são apresentadas. Assim, em determinados jogos, que aqui chamarei de “jogos de guerra”, os torcedores que acompanham o seu clube, por exemplo, em uma caravana, precisam estar cientes que um confronto pode acontecer a qualquer momento. Por isso, diante das

⁸ Grupos torcedores que têm as brigas como elemento fundamental do seu processo de sociabilidade. Contudo, na maioria das ocasiões, não seguem regras de conduta como os bondes de pista, se utilizando de artefatos, como, armas brancas e de fogo para levarem vantagem nos confrontos.

conceituações apresentadas, aqueles que se mostram disponíveis para viajar e enfrentar um clima hostil frente aos adversários e às autoridades possuem comportamentos *aguantes*. Para estes grupos, os combates contra torcidas rivais são momentos esperados e buscados durante a temporada de jogos, pois permitem que se diferenciem de outros companheiros de tribuna⁹ (Alabarces, Moreira & Zucal, 2008).

No cenário das torcidas sul-americanas, destacam-se as barras argentinas, que surgiram no final da década de 1960. Os seus fundadores foram sucedidos por uma segunda geração cuja demarcação temporal data dos anos 1980 aos anos 2000, quando é possível observar a incidência de confrontos planejados entre elas – as barras, por meio da elaboração de emboscadas e da utilização de armas de fogo (Cabrera, 2022). Grabia (2012)¹⁰ expõe que as barras vivem uma lógica diferenciada – voltada para o poder político – no contexto argentino, haja vista seus contatos poderosos dentro da polícia, da política dos clubes, das cidades e do próprio país.

A *La Doce* – barra do Boca Juniors – é um importante exemplo desse poder que uma barra possui na Argentina. As suas diferentes gerações, desde José Barrita (El Abuelo), Rafael Di Zeo e Mauro Martín, que foi o sucessor natural de Di Zeo, após a sua prisão em 2007, mostram características peculiares, no que concerne, ao tratamento com as autoridades, à sensação de impunidade e de segurança que possuem dentro do território argentino e nos bairros que dominam. Quanto mais se aproximam do estádio em que o Boca Juniors joga como mandante – *La Bombonera*, mais seguros e imponentes se sentem os que são da barra. Afinal, estes possuem participação nos negócios que giram em torno do estádio e dos jogos do Boca Juniors,

⁹ O termo tribuna é uma denominação dos autores e que para esse contexto deve ser entendido como locais do estádio. Já que se refere a uma distinção de outros torcedores que também se encontram ali assistindo ao jogo no estádio, mas que não possuem as brigas como processos identitários.

¹⁰ Como Hollanda & Aguilar (2017) apontam, a escrita de Grabia (2012) sobre a barra do Boca Juniors e o seu processo histórico é dotada de uma linguagem sensacionalista e de caráter homogêneo. Contudo, ela se mostra uma citação necessária, devido ao alcance que ela obteve, atingindo fronteiras para além da Argentina. Vale dizer, que o livro de Grabia (2012) é mais uma possibilidade para o conhecimento de uma parte da história das barras, especialmente, nesse contexto portenho, mas que a sua leitura deve ser interpretada por um olhar crítico, já que o autor em variados momentos mostra apenas o lado negativo das barras argentinas, as colocando como grupos que desenvolvem suas relações sociais em busca de poder político e econômico.

como revenda de ingressos, ganhos no estacionamento e lucro sobre o que é vendido pelos ambulantes que ali trabalham (Grabia, 2012).

Exemplo dessas relações são as diferentes ocasiões em que a primeira e a segunda linha da barra – aqui entendidas como as principais lideranças, pessoas com maior prestígio dentro do grupo – saíram impunes de questões judiciais graças à importante influência política que possuem. Como aponta o referido autor, estes momentos não foram apenas coincidência ou dias de sorte, mas resultados de complexas relações que a *La Doce* possui com os detentores do poder na Argentina desde a primeira geração da barra.

Portanto, para Grabia (2012) as brigas internas nas barras são motivadas unicamente por questões políticas e econômicas. Já antropólogos, como (Alabarces, 2004; Moreira, 2005; Zucal, 2006; Cabrera, 2022) que imergiram no contexto e nas relações sociais de barras argentinas, reconhecem os sentidos lúdicos e conscientes que estão atrelados aos confrontos físicos (Lopes, 2020), portanto, desconsiderando a premissa condenatória aclamada na obra de Grabia (2012).

As complexas negociações políticas das barras com clubes e dirigentes, também se caracterizam pela disputa hegemônica do poder (Hollanda & Aguilar, 2017). As diferentes cúpulas formadas por uma barra argentina anseiam se destacar nas relações políticas locais, pois isso denota status, prestígio, poder simbólico e econômico. Assim, as posições hierárquicas mais elevadas não são conseguidas por meio de eleições, mas sim por tomadas do poder, quando o líder morre ou é preso (Cabrera, 2022).

Diante desse cenário, em 2013 o estado argentino aprovou uma lei que impõe a torcida única em todos os jogos do campeonato argentino de futebol masculino da primeira divisão, com a finalidade de diminuir o número de óbitos ocasionados por confrontos. Após uma década de aplicação dessa legislação, é confirmado que a violência no futebol argentino não diminuiu¹¹, o que aconteceu foi a migração das contendas para localidades em que as forças policiais não se encontravam, como nos trajetos aos estádios e em bairros periféricos. Fato parecido com o que ocorreu na

¹¹ Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/torcida-unica-jogos-argentina-nao-diminuiu-mortes-por-brigas.html>. Acesso em 08-01-2024 às 08h28.

Inglaterra com a elaboração do Relatório Taylor e com o que acontece no Brasil com as normas judiciais para clássicos de torcida única e/ou com 10% de visitantes.

Contudo, a Argentina tem uma particularidade em relação aos contextos exemplificados. Visto que, com a norma instituída em 2013, o inimigo que antes estava na arquibancada oposta passa a estar no mesmo setor, na mesma barra, ao lado e vence aquele grupo que detém maior poderio bélico: armas de fogo, armas brancas e pessoas dispostas a utilizá-las, com o objetivo de dominar a barra, a arquibancada e os negócios que dali se apresentam (Cabrera, 2022).

Para além das contendas e de outras diferenças existentes entre o futebol sul-americano e o brasileiro, é importante destacar que os vizinhos sul-americanos também exportaram características que se tornaram tendência no Brasil. Por exemplo: os seus jogadores, técnicos, a sua forma de torcer, cânticos, trapos¹² e coreografias. No Rio Grande do Sul, desde a década de 2000, o estilo barra de torcer possui destaque considerado em clubes como Sport Club Internacional (Oliveira, 2023) e Grêmio Football Porto Alegrense levando milhares de pessoas para as arquibancadas atrás dos gols, entoando músicas com ritmo portenho e realizando coreografias – como avalanche da Geral do Grêmio, forma típica de comemoração de gols dos grupos argentinos.

Oliveira (2023), em seu estudo de mestrado, mostra a transição das torcidas organizadas do Rio Grande do Sul para o estilo barra de torcer nas arquibancadas gaúchas no início da década de 2000. Além disso, Hollanda & Aguilar (2017) apresentam como essa forma torcedora já havia migrado dos países de língua espanhola da América do Sul para a Região Sul do Brasil e, anos depois, para o Nordeste e o Sudeste. Apesar das barras brasileiras não terem o poder numérico e político que os seus semelhantes portenhos, elas atraem um relevante número de membros por conta de suas músicas, apoio ao clube e pela sua negação à violência. Conjectura que se diferencia dos grupos do Internacional, do Grêmio e das barras sul-

¹² Como são denominados nos países andinos e na região Sul do Brasil os materiais das barras, por exemplo: bandeiras, faixas, camisas e bonés que fazem alusão ao grupo torcedor e/ou ao clube que pertencem.

americanas que possuem como marco identitário elevada presença política nos clubes e a cultura do *aguante* (Moreira, 2005; Zucal, 2006; 2010).

Olhar o cenário sul-americano me leva a observar outros locais, para além do contexto argentino. Abarca (2001) e Castro (2013) investigam as barras colombianas, em que o conceito *aguante* aparece na identificação das características dessas torcidas. Estas possuem como aspectos principais o apoio aos seus clubes de maneira ininterrupta e a utilização da violência verbal e física para demonstrar superioridade frente aos seus rivais.

As décadas de 1980 e 1990 marcam o início de um cenário de ascensão e sucesso do futebol colombiano (Castro, 2022). A seleção masculina sub-20 chega às fases finais da Copa do Mundo da categoria, revelando nomes importantes para o futebol, como o goleiro René Higuita, o zagueiro Andrés Escobar e o atacante Faustino Asprilla. Também por conta da geração mencionada, a Colômbia consegue o feito de disputar consecutivamente as Copas do Mundo de futebol masculino dos anos de 1990, 1994 e 1998. Os clubes colombianos, por sua vez, também experimentam importantes sucessos internacionais, especialmente na Copa Libertadores da América. Gomes (2016; 2017; 2020) relaciona as sucessivas boas campanhas de clubes como Atlético Nacional de Medellín, América de Cali e Millonarios Fútbol Club de Bogotá com o investimento dos narcotraficantes que usavam as referidas instituições para lavagem de dinheiro. É neste contexto que o Atlético Nacional de Medellín se sagra campeão da Copa Libertadores da América de 1989 e o América de Cali é vice-campeão nos anos de 1985, 1986 e 1987, respectivamente.

A cultura colombiana do torcer possui elevada influência do futebol argentino, devido à observação das partidas e da forma com que as *hinchadas* apoiavam de maneira ininterrupta suas equipes na arquibancada atrás do gol – o chamado setor popular (Castro, 2013). Essa geração de torcedores surge na Colômbia a partir do ano 1991, nas cidades de Bogotá e Cali, em seguida migram para cidades regionais, como Medellín e Barranquilla e, por fim, para as cidades locais – Manizales e Bucaramanga (Castro, 2022).

Para além das barras, Archetti (1985), destaca a presença dos *hinchas* militantes. Cabrera (2022) afirma que estes torcedores também são chamados de

*pibes*¹³. Eles se dedicam quase que inteiramente às ações vinculadas ao clube, como: preparação de festas nas arquibancadas, confecção dos trapos com frases alusivas ao seu amor e dedicação ao clube que torcem, dia do torcedor, comemoração de um título e viagens para assistirem jogos como visitante.

Ser um *hincha* militante também é uma forma de se conquistar prestígio dentro do clube e de conseguir acesso facilitado dentro do estádio em dias de jogos como mandante, de se tornar conhecido dentro das dependências do clube e de se associar oficialmente àquela instituição. Os *hinchas* militantes podem participar de forma eventual de episódios violentos no futebol, mas não faz parte dos seus códigos a pré-disposição para atos violentos em nome das cores que defendem e do estilo de vida que adotam (Alabarces; Moreira & Zucal, 2008).

Por conseguinte, Ramírez & Salazar (2021) analisam as barras colombianas e equatorianas pelo viés do Barrismo Social. De acordo com Restrepo (2018), a Colômbia ocupa o quarto lugar, na América do Sul, no que diz respeito ao número de mortes violentas no futebol, totalizando 116 óbitos entre os anos 2000 e 2018. Isso resultou na elaboração de leis e políticas públicas, com o intuito de diminuir e até mesmo cessar as mortes no futebol colombiano. Destaca-se a Lei nº 1270, que permitiu a criação da Comissão Nacional para Segurança, Comodidade e Convivência no Futebol (CNSCCF), a qual, por sua vez, elaborou estratégias para manter/gerar a segurança, comodidade e o convívio entre as barras colombianas e entre elas e as forças estatais (Ramírez & Salazar, 2021).

A partir disso, os referidos autores firmam que as barras começaram a se organizar para poder angariar posições na sociedade, que vão além das arquibancadas e do apoio ao clube. Para tanto, passam a ocupar posições políticas até então não preenchidas, como programas sociais, educativos, esportivos, e atos coletivos em conjunto com a sociedade colombiana. Isso permitiu que as barras fossem mais ouvidas pela sociedade civil e a imagem de instituições violentas e

¹³ Na tradução literária esse termo significa crianças. No entanto, no referido contexto utilizo a denominação “pibes” para designar aqueles torcedores que fazem parte do clube desde pequenos, o que demonstra longevidade e pertencimento nas suas ações.

marginais fosse desconstruída pela população, autoridades e imprensa (Restrepo, 2018; Ramírez & Salazar, 2021).

Nesse sentido, em julho de 2006, 19 barras do futebol colombiano decidiram se organizar a nível nacional, com a finalidade de lutar por questões sociais, aumentar o diálogo e a participação destas instituições nas decisões do estado - movimento que ficou conhecido como Coletivo Barrista Colombiano (ARROYO, 2014). Entre outras reivindicações, buscavam o respeito à vida, a volta da torcida visitante nas partidas do campeonato colombiano, uma melhor comunicação entre as barras e as autoridades para resolver questões de convivência e o respeito à cultura dos torcedores, como a manutenção dos bombos¹⁴ e dos trapos.

Ramírez & Salazar (2021) afirmam que o modelo colombiano serviu de influência para o modelo equatoriano. O protótipo colombiano que foi exportado para o Equador vai em oposição ao argentino e ao brasileiro quanto ao combate à violência no futebol. O primeiro busca possibilitar um protagonismo das barras no debate e elaboração de políticas públicas para o futebol; já o segundo preza pela tutela, controle e punição, com sanções constantes às barras, torcidas organizadas e outros coletivos torcedores (Rezende & Saldanha, 2023).

Ante ao exposto, percebo que as ações das barras sul-americanas estão relacionadas à cultura do *aguante* (Moreira, 2005; Zucal, 2006; 2010). Isto não necessariamente tem a ver com sair bem-sucedido dos desafios, mas com o fato de demonstrar lealdade, honra, fidelidade e disposição diante das adversidades.

2.1.3 Os ultras

Em comunhão ao surgimento dos *hooligans* no cenário britânico e das barras sul-americanas, surge, na Itália e em outros países do leste europeu, os ultras (DYAL, 2018). Segundo a historiografia, o termo “ultra” surgiu no ano de 1986, quando a imprensa italiana começou a noticiar a violência protagonizada por coletivos organizados nas arquibancadas italianas. Dito isto, a palavra pode ser entendida como

¹⁴ Tambor cilíndrico que emite som grave e seco. É um material utilizado pelas barras sul-americanas durante as partidas, como forma de apoiar o clube.

uma simplificação do termo “*ultraderecha*”, que, traduzido, significa extrema direita (Spaaij & Viñas, 2005).

Esses têm características que identificam sua atuação nas arquibancadas e ao redor dos estádios europeus: masculinidade intensificada; identificação territorial; prazer e excitação com atos violentos; solidariedade e pertencimento; sentimento de reputação do grupo e individual e, por último, soberania frente aos rivais e as forças do estado (Spaaij, 2008). Os elementos descritos podem ser observados de maneira geral e/ou individualizada, isso dependerá da importância do jogo, da posição da equipe no campeonato e de situações externas às partidas, como rivalidades torcedoras e tratamento recebido pelas autoridades.

Rojo-Labaien (2014) afirma que ser um Ultra está relacionado a um estilo de vida, no qual o sujeito precisa demonstrar lealdade e pertencimento ao grupo, por meio do uso de símbolos, cânticos, comportamentos e vestimentas que o identifiquem como igual. Estas são características desejadas por aqueles que anseiam determinado protagonismo dentro da estrutura hierárquica dos Ultras.

Dyal (2018) aponta que os ultras são identificados por sua postura política (em maioria os grupos possuem aproximações com a extrema direita), sua forma de torcer e por valores voltados para a “Moralidade Ultra”, que significa um estilo de vida voltado para o agonismo, que prega a oposição ao futebol moderno e à globalização. Estes têm por característica questionarem os dois últimos elementos, pois entendem que fazem com que o futebol deixe de ser local e artesanal e passe a ser global e estandardizado (Pinto, 2021).

Assim, Dyal (2018) desenvolve o conceito do *fare tifo* para contextualizar e explicar o que é ser um ultra. Esse termo não possui uma tradução específica para o português. No entanto, deve ser entendido como uma capacidade de torcer e de demonstrar apoio nos momentos mais difíceis, quando o clube está passando por uma fase ruim e nos jogos fora de casa em que se tem que viajar longas distâncias, andar por territórios pouco conhecidos e enfrentar ultras que possuem como vantagem o conhecimento do território e o maior número de integrantes para os confrontos. O *fare tifo*, portanto, é uma marca de distinção do ultra em relação a outros torcedores, tal como é o *aguante* no contexto das barras sul-americanas.

Mascarenhas (2019) afirma que o estádio é uma centralidade política, simbólica, física e cultural no espaço-urbano metropolitano. Por isso, é comum que os ultras se organizem e exacerbem suas posições políticas neste ambiente torcedor, construindo rivalidades e/ou amizades com outros coletivos devido às suas semelhanças identitárias. Um exemplo são os ultras da Lazio da Itália, conhecidos como os *Irriducibili* (Spaaij, 2007) - que se autodenominam como uma torcida de extrema direita, com posições fascistas e neonazistas (Flores, 2019) - serem aliados dos *Ultrassur* do Real Madrid da Espanha. Este também se caracteriza por posturas vinculadas à extrema direita, apoio e exaltação à ditadura fascista espanhola (1939-1945), comandada por Francisco Franco. Por isso, pode-se observar faixas, bandeiras, canções e gestos que fazem apologia ao fascismo e ao nazismo nesses e outros grupos de ultras que se identificam com posições políticas semelhantes.

Além disso, o poder dos Ultras está para além do âmbito futebolístico. Os *Irriducibili*, a título de exemplo, possuem uma marca de roupa própria com o nome do grupo. O mesmo acontece com os *Ultrassur* que, mesmo banidos do Santiago Bernabéu, estádio do Real Madrid, ainda detêm considerável influência torcedora em suas redes sociais e angariam importantes cifras com vendas *online* de materiais (Flores, 2019).

Em contrapartida aos ultras de extrema direita, existem também aqueles que utilizam sua atuação nas arquibancadas e em outros setores do futebol como espaços de resistência e luta. Freitas (2016) afirma que, durante a ditadura de Francisco Franco, os ultras do Barcelona se organizavam nas arquibancadas do Estádio *Camp Nou*¹⁵, como forma de luta política e resistência do povo da Catalunha.

Diante desse panorama, existem ultras que não compartilham de apologias de extrema direita e acabam por defender bandeiras mais democráticas e de esquerda, como no caso dos Ultras do ST. Pauli da Alemanha, clube que passou oito anos sendo presidido por um presidente homossexual, Corny Litman, e que, desde a década de 1980, recusa-se a vender ingressos e/ou aceitar como sócios torcedores que comprovadamente tenham conexão com o neofascismo.

¹⁵ Estádio onde o Futbol Club Barcelona realiza os seus jogos como mandante.

Outro exemplo são os ultras do Livorno, da Itália, clube originário da cidade de mesmo nome, onde o partido comunista italiano foi fundado na década de 1920 e no qual sua torcida mantém suas raízes esquerdistas bem visíveis. Eles têm o costume de comemorar o aniversário de Joseph Stalin, líder da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e de levar para as arquibancadas bandeiras e faixas com o seu nome e com o do guerrilheiro argentino Ernesto Che Guevara. Além disso, entoam a “Bandiera Rosa”, canção que o movimento operário italiano utilizava como forma de demonstrar a sua resistência contra o governo fascista de Benito Mussolini.

Também vale destacar os ultras do Borussia Dortmund, da Alemanha, e do AEK Atenas, da Grécia, como coletivos que possuem ideologias voltadas para a esquerda. Por fim, dentre os grupos citados e considerados de esquerda na Europa, o mais conhecido e respeitado por seus rivais é o Commando Ultras 1984, do Olympique de Marselha, da França. Este se identifica como de esquerda e se autodenomina anticapitalista, antirracista e antifascista. Eles têm como principais rivais os ultras do Paris Saint Germain (PSG), que possuem ideologia voltada para a direita e, fora do cenário francês, possuem rivalidades com os ultras da Lazio e do Real Madrid, também de direita. Assim, percebe-se que as inimizades e/ou amizades ultras perpassam o campo esportivo e estão ligadas às questões políticas¹⁶.

Em suma, o ser ultra está relacionado a sentimentos que denotam honra, sacrifício, determinação, glória, heroísmo, coragem coletiva e individual (Dyal, 2018). Por meio desses conceitos atribuídos, ficam evidentes os motivos que os bondes de pista de maneira direta ou indireta se inspiram neles, seja através dos nomes e/ou pelas ações que eles têm nas brigas, respeitando normas e valores, como, o ódio ao futebol moderno. No entanto, apesar da inspiração no modelo de torcer e agir dos ultras, os bondes de pista não se inspiram politicamente como os primeiros.

Pelo contrário, os bondes de pista, embora demonstrem desprezo por ideologias fascistas – como fica evidente em suas redes sociais e em postagens que reprimem atos racistas -, não declaram ideologia política, afirmando dar autonomia

¹⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rafael-reis/2020/05/26/politica-em-campo-5-clubes-de-futebol-que-sao-de-esquerda.htm>. Acesso em: 25-01-2024 às 10h11.

aos membros para que votem e apoiem candidatos que transitam pelo sistema político institucional brasileiro.

2.2 Da assistência aos coletivos torcedores brasileiros

O torcer se desenvolve em comunhão com o futebol e gradativamente passa de uma assistência para formas mais coletivizadas, acompanhando os processos de profissionalização do esporte (Souza Neto, 2010). Isso fez com que, já nos anos 1910 e 1920, um número cada vez maior de pessoas se interessasse em acompanhar as partidas, aumentando o pertencimento clubístico, as rivalidades torcedoras e os tumultos (Malaia, 2012).

No Brasil, a importação do futebol se dá pela volta de jovens brasileiros da elite que regressavam do Reino Unido após intercâmbios e traziam, junto com suas experiências sociais e culturais, uma nova possibilidade de esporte para as elites (Hamilton, 2001). Nesse cenário, existem os mitos-fundadores (Souza Neto, 2010), ou seja, aquelas pessoas que, historicamente, foram responsabilizadas por grandes feitos, nesse caso trazer o futebol para o Brasil. Contudo, é importante que esses relatos sejam analisados de forma crítica, já que existe um privilégio de classe e raça embutido nesses personagens.

A relação entre os dois elementos expostos – quais sejam: a transformação da assistência no cenário do futebol para coletivos torcedores e a origem do futebol brasileiro – e as características conflitivas imbricadas no processo fizeram com que, em 1920, as autoridades implementassem o Decreto Nº 14.529, de 9 de dezembro (Malaia, 2012), que deve ser entendido como uma espécie de Estatuto do Torcedor da época (Rezende & Saldanha, 2023). A norma se preocupava em tutelar as ações dos torcedores, de modo a garantir plenos poderes aos aparatos policiais durante sua atuação, garantindo-lhe o emprego da força caso entendesse necessário.

É diante desse contexto que surgem as torcidas uniformizadas na década de 1940, como agremiações financiadas pelas diretorias de seus respectivos clubes, com a finalidade de apoiar suas equipes e de realizar festas nas arquibancadas em dias de jogos (Canale, 2012). Essas torcidas possuíam características comuns às das torcidas organizadas, como a presença de pessoas que apoiavam os seus clubes com

instrumentos musicais e vestimentas específicas, mas também apresentavam atributos próprios, como a presença de um torcedor-símbolo (Palhares et al. 2012).

A Charanga do Flamengo, por exemplo, fundada em 1942 (Toledo, 1996; Pimenta, 1997; Murad, 2007) tinha como seu líder e principal figura nos jogos o icônico Jaime Rodrigues de Carvalho. Ele veio a ser o primeiro torcedor a receber uma placa de homenagem do Maracanã e quem começou a comandar a torcida do Flamengo com um megafone.

Pelo fato de os torcedores uniformizados raramente estarem envolvidos em atitudes violentas, eles serviam como moduladores do comportamento da grande massa, mantendo-a alinhada à ordem considerada apropriada no estádio de futebol (Lopes, 2013; Santos, 2004). Para mais, possuíam apoio da imprensa da época, relação diferente da vivenciada pelas torcidas organizadas (Santos, 2004). Dentre os anos de 1940 e 1960, as torcidas uniformizadas cariocas tinham como preocupação principal o embelezamento das arquibancadas. Este acontecia por meio de coreografias e artigos para as festas, como o pó de arroz jogado pela torcida do Fluminense quando o seu time entrava em campo. Hollanda (2016) chama esse fenômeno de “carnavalização das torcidas”.

As torcidas uniformizadas cunharam características e comportamentos torcedores que até hoje são mantidos pelas torcidas organizadas, por isso também podem ser chamadas de “a primeira geração das torcidas” (Lopes, 2013). São exemplos dessas características o uso de camisas da associação civil que fazem parte, com a finalidade de passarem o sentido de unidade, de grupo, descaracterizando as individualidades e chamando atenção para a presença do coletivo; o emprego de instrumentos musicais, como forma de enfatizar os cânticos ali entoados, a colocação de faixas e bandeiras em setores estratégicos do estádio.

No entanto, no final da década de 1960, o predomínio das torcidas uniformizadas nas arquibancadas brasileiras é colocado em xeque por movimentos de contestação contra o predomínio até então exercido por esses coletivos torcedores. O referido modelo hegemônico foi questionado por grupos juvenis, que faziam parte dessas agremiações e/ou angariavam outra vivência torcedora, mais ativa politicamente e de caráter contestatório.

Embora as torcidas uniformizadas já tivessem como hábito o planejamento das festas nas arquibancadas e o acompanhamento de seu clube em jogos dentro e fora de casa, não podem ser confundidas com as torcidas organizadas. Isto porque as últimas têm como característica o pertencimento exacerbado ao grupo torcedor, demonstrado por meio da utilização de vestimentas próprias, tatuagens e cânticos que os diferenciam dos demais torcedores (Hollanda, 2016). Já as primeiras, dispunham de membros que apresentavam vínculos com o clube e tinham boa relação com a imprensa (Lopes, 2013).

Assim, após quase três décadas do predomínio dos torcedores uniformizados nas arquibancadas, o Brasil observou um movimento de oposição às torcidas uniformizadas e de rejuvenescimento delas, inicialmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Esses novos grupos, de acordo com Hollanda e Teixeira (2016), ficaram conhecidos como torcidas organizadas em São Paulo e torcidas jovens no Rio de Janeiro.

Lopes (2013) afirma que as torcidas organizadas surgem no fim da década de 1960 e início da década de 1970, como “a segunda geração das torcidas”, em um momento no qual o Brasil estava inserido em um cenário de ditadura militar. Naquela época, um dos poucos espaços em que as pessoas conseguiam se reunir e agir de forma conjunta, assim como criticar desmandos das autoridades e estabelecer posicionamentos contrários aos da estrutura política vigente, eram os estádios de futebol.

Foi na década de 1970 que a cultura brasileira se consolidou em torno do futebol como um elemento de paixão nacional, fato que despertou interesses sociais, políticos e econômicos relacionados ao esporte (Toledo, 1996). Sob o governo militar, o futebol serviu como um aporte de sustentação política e de viabilização do sentimento nacionalista. Houve investimentos na infraestrutura que girava em torno do futebol, o que resultou na construção de estádios, no incentivo para a criação de clubes de futebol e na realização do primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol no ano de 1971. Nesse momento, os jovens passaram a frequentar as arquibancadas de maneira mais assídua e organizada, visando “ocupar um espaço político até então não reivindicado enquanto torcedores comuns” (Toledo, 1996, p. 31). Mais tarde, a década de 1990 representa anos importantes no que se refere ao crescimento das

torcidas organizadas, sendo ali um espaço de expressão da juventude, de forma a atrair cada vez mais pessoas (Pimenta, 1997).

O crescimento das torcidas organizadas foi acompanhado, também, de um acirramento dos episódios de violência, fato que levou Murad (1996) a afirmar que, de carnavalizadas, as torcidas organizadas passaram a ser militarizadas. A afirmação do autor está relacionada não só com a disposição para brigas, mas também com os símbolos utilizados pelas torcidas e os cânticos entoados nas arquibancadas, que valorizavam a violência e a rivalidade frente às demais torcidas.

O site da *Universe Online* (UOL), afirma que de acordo com pesquisa do diário *Lance!*, o período de 1988 a 2012 apresentou um recorde de óbitos ocasionados por brigas entre torcidas organizadas, alcançando um total de 155 mortes¹⁷. Esse número, segundo Murad (2013, p.150) cresceu exponencialmente a partir da década de 2000. Alguns episódios tiveram uma ampla repercussão na mídia, como a morte do presidente da Mancha Verde do Palmeiras, Cléo, e a chamada “Batalha do Pacaembu”¹⁸. Fatos como esses fizeram com que a violência no futebol se tornasse uma preocupação do poder público e da sociedade, levando a um destaque negativo das torcidas organizadas na mídia, que as colocava como desordeiras e violentas em razão do aumento da letalidade das brigas no futebol brasileiro (Lopes, 2013). A consequência foi a criação de normas que restringissem ou mesmo proibissem sua atuação.

A partir do momento em que os órgãos que são parte do estado, como a polícia e o Ministério Público, enxergam como inadequadas a criação e a posterior ação de grupos como as torcidas organizadas é que os discursos e leis que criminalizam são naturalizados pela população. O poder discricionário que esses aparatos públicos receberam ao longo das décadas em diferentes estados brasileiros fez com que consequências prejudiciais a médio e longo prazo refletissem sobre as torcidas organizadas (Araújo, 2021).

¹⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2012/04/03/violencia-no-futebol-ja-provoco-155-mortes-no-brasil-desde-1988-diz-jornal.htm>. Acesso em 06-01-2024.

¹⁸ Confronto entre a Torcida Mancha Verde do Palmeiras e a Torcida Independente do São Paulo, no ano de 1995, após a partida entre Palmeiras e São Paulo pela final da Supercopa de Futebol Júnior.

Exemplos disto são a proibição de materiais utilizados pelos grupos, e a veiculação pela mídia apenas de atos negativos de seus membros, reduzindo as mesmas para uma categoria superficial e falaciosa. O desdobramento social disso foi fazer com que “torcida organizada” seja classificada, na maioria das vezes, por um único viés: grupos que possuem membros violentos e que utilizam o futebol como um meio para realizar vandalismo. Essa interpretação é equivocada e deixa de lado a multiplicidade de torcidas organizadas (Araújo, 2021) e suas diferentes projeções enquanto coletividade (Menezes, 2010).

No início dos anos 2000, os desmandos que ocorriam no futebol brasileiro passaram a ser questionados, principalmente por parte da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e das Federações Estaduais. Os apontamentos evidenciavam o descompromisso com a organização dos eventos e com o público que ali se encontrava, no que diz respeito à aquisição dos ingressos, ao acesso para as partidas, ao conhecimento e divulgação pública das regras dos campeonatos (Reis, 2010). Esses fatos levaram o Congresso Nacional a realizar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (Rebelo & Torres, 2001) e, posteriormente, a aprovar a Lei nº 10.671, 2003, conhecida como Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT).

Como afirma Reis (2010), o EDT foi de suma importância para a cidadania brasileira, pois garante direitos aos torcedores nas praças esportivas que antes não eram previstos pela lei. Silva *et al.* (2007) chegaram a duas importantes conclusões sobre a percepção do EDT pelos torcedores de futebol em Belo Horizonte: a primeira é que mais de 85% deles reconheceram a importância do documento para as melhores condições dos eventos esportivos no Brasil; a segunda é que mais de 65% dos torcedores que foram entrevistados disseram não conhecer o EDT e, aqueles que afirmaram conhecer, tinham um entendimento superficial dele, ou seja, apenas sabiam que existia.

Nota-se, então, o quanto o EDT ainda era um documento de difícil acesso e compreensão para os torcedores. Isso fez com que, mesmo implantado o EDT, nos anos iniciais mandos e desmandos fossem realizados aos montes nas praças esportivas brasileiras, já que não havia uma fiscalização específica, o que ocasionou o descumprimento de variados artigos do documento por parte das autoridades e dos responsáveis pelos eventos esportivos (Reis, 2010).

Além desses aspectos, o EDT descrevia uma série de deveres a serem cumpridos pelos torcedores antes, durante e após os eventos esportivos, tais como: ter em mãos ingresso válido; não portar objetos, bebidas ou substâncias proibidas, suscetíveis de possibilitar a prática de atos de violência; consentir com a revista pessoal de prevenção e segurança. As torcidas organizadas também foram obrigadas a criar um banco de dados com o cadastro dos seus membros, contendo informações pessoais básicas. Os responsáveis pelos eventos esportivos também passaram a ter que divulgar *online* os nomes dos torcedores impedidos de frequentar os estádios e arenas do País.

No entanto, como mostrado por Reis (2010), esse último ponto foi implementado de forma incipiente, pelo fato de ter existido uma pequena comunicação entre os setores responsáveis pela fiscalização dos torcedores que estão banidos dos jogos. A autora também relatou que a lista desses torcedores punidos se mostrou menor do que deveria ser, observando a responsabilização de poucos pelos atos de muitos - o que gerou a sensação de que o poder público não se preparou para cumprir o EDT e que as punições, em sua maioria, eram apenas para dar uma resposta para a sociedade civil, mostrando-se pouco embasada em estudos científicos que caminham para o estabelecimento de políticas públicas de segurança esportiva mais eficazes.

Nesse contexto, Toledo (2012) critica o EDT e as medidas que foram tomadas no futebol brasileiro a partir da formulação da lei. O autor afirma que o futebol passou a ser encarado como um fenômeno de mercado, em que os ingressos aumentaram substancialmente sendo estes e outros fatores os responsáveis por afastar estratos sociais menos favorecidos dos estádios brasileiros. Corroborando como uma outra forma de violência, mais velada e invisível aos olhos do grande público: a violência de classe.

Diante da realização de megaeventos esportivos no Brasil – Copa das Confederações (2013); Copa do Mundo (2014) ambas de Futebol Masculino e as Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016), o EDT passou por uma série de modificações ocasionadas pela Lei nº 12.299 no ano de 2010. Esta por sua vez, trouxe punições mais severas às torcidas organizadas, as caracterizando por um único prisma de

existência, ou seja, de grupos desordeiros que têm a violência como principal forma de atuação.

Dessa maneira, a nova versão do EDT foi acompanhada pelos artigos 39-A e 39-B. O primeiro, pauta as punições às torcidas organizadas que realizarem atos de violência nas praças esportivas. Na edição inicial do documento, no ano de 2003, o texto utilizava o termo torcedores e não torcidas organizadas. Já o artigo 39-B, afirma que a torcida organizada pela figura da sua diretoria deve responder civilmente, de forma objetiva e solidária, pelos danos causados por quaisquer dos seus associados ou membros no local do evento esportivo, em um raio de até 5 quilômetros (Km) do estádio em dias de jogos e não jogos (Rezende & Saldanha, 2023).

Não se pode generalizar a violência do futebol para um grupo de torcedores apenas, desconsiderando outras variáveis presentes (Lopes, 2013). Mesmo sendo um documento criado para a proteção, a redação do EDT e sua posterior promulgação pela Lei nº 12.299, 2010, remete a pensar que as torcidas, em algum momento, serão protagonistas de atos violentos na praça esportiva e que, portanto, deveriam existir leis que previssessem a punição dessas associações civis. Dessa maneira, entendo esse documento como mais um aparato que auxilia na marginalização desses grupos, colocando-os em oposição aos valores e costumes que, supostamente, são esperados no futebol.

A Lei nº 12.299 de 2010, trouxe outras duas obrigatoriedades para as torcidas organizadas oriundas desse processo de criminalização. A primeira foi o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), que em junho de 2011, obrigou cerca de 36 lideranças de torcidas organizadas brasileiras a assinarem um decreto que os responsabiliza criminalmente por atos violentos da sua própria torcida, mesmo que esses líderes não estejam presentes como pessoas físicas nos referidos momentos (Hollanda, 2014). Em suma, o TAC é uma resposta para a sociedade ao crescimento no número de mortes ocasionadas por confrontos no futebol. Já a segunda obrigou as torcidas organizadas a realizarem o cadastramento dos seus membros junto ao Ministério Público do estado que pertencem, de modo a permitir um maior controle e tutela dos aparatos públicos em relação às torcidas organizadas (Rezende & Saldanha, 2023).

Duas décadas após a elaboração do EDT, o então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), no dia 14 de junho de 2023, sancionou a Lei Geral do Esporte (LGE). A normativa legal tramitou na Câmara desde o ano de 2017 e foi aprovada pelo Senado no dia 09 de maio de 2023. A LGE revoga as legislações anteriores que regiam o esporte brasileiro, como a Lei de Incentivo ao Esporte, o Bolsa Atleta, a Lei Pelé e o EDT.

A LGE regulamenta a profissionalização do esporte brasileiro, o pagamento de salários, as premiações, a garantia de liberdade de expressão para atletas, além de estabelecer punições para os crimes de homofobia, racismo, xenofobia e sexismo. Precisar punições para crimes de ódio é um avanço, sobretudo em relação ao texto do EDT. Este progresso precisa se perpetuar, o que só é possível sanando a evidente necessidade de discussões e pesquisas que tenham como objeto de estudo as minorias sociais presentes nesse contexto, historicamente esquecidas e invisibilizadas no futebol brasileiro.

Contudo, a LGE também apresenta pontos questionáveis. Destaco a maneira com que as torcidas organizadas são colocadas na lei, com penas ainda maiores quando comparadas ao EDT e sanções inconstitucionais. Os incisos quinto e sexto do artigo 178 mostram a preocupação do estado em tutelar e normatizar o comportamento das torcidas organizadas, baseando-se em leis que punem e reprimem suas ações (Rezende & Saldanha, 2023).

Tendo isto em vista, a LGE pode, portanto, ser interpretada como inconstitucional, pois a torcida organizada é um dos poucos movimentos sociais brasileiros que responde de forma civil e solidária pelos danos que quaisquer um dos seus associados venha a ocasionar dentro das praças esportivas brasileiras. Ou seja, de acordo com o texto da LGE, pune-se as torcidas organizadas e não os infratores, o que já foi comprovado por Monteiro (2003) como um caminho improdutivo, que dificulta a identificação dos culpados pelas autoridades, pois se perde a referência das lideranças.

Em síntese, com a perda de hegemonia das torcidas organizadas na década de 2010, devido às sucessivas punições que sofreram, abriu-se uma lacuna nas arquibancadas de clubes, como: Flamengo, Fluminense, Botafogo, Vasco, Cruzeiro e

Sport Recife. Esse cenário, motivou a formação de grupos torcedores que modulam suas ações apenas pela lógica do apoio ao clube, do consumo de bebidas alcoólicas e da cultura de países da América Central, como a Jamaica. Estes ficaram conhecidos como movimento populares, torcidas chopps e *reggaes* (Hollanda, 2014).

Após o ano de 2010, em virtude da polarização política ocorrida no Brasil, movimentos torcedores com posicionamentos divergentes ganharam espaço, no que tange, a passeatas nas ruas durante a pandemia da Covid-19 e em redes sociais, como o *Instagram* e o *X*¹⁹. Vale mencionar, que nas arquibancadas a atuação desses grupos ainda não se dá de maneira institucionalizada, mas com camisetas, faixas de mão e bonés que fazem alusão aos grupos citados e à partidos políticos (Saldanha, 2023). Em consonância com o exposto, Lopes (2023) fala sobre a primavera das torcidas antifascistas e à ida às ruas de integrantes de torcidas organizadas e de coletivos ativistas nas cidades do Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e Belo Horizonte, a favor de pautas democráticas e contra o governo Jair Bolsonaro. Diante desse contexto, Saldanha (2023) afirma em seu estudo de doutoramento, que nas últimas décadas, surge em coletivos torcedores antifascistas, uma nova consciência torcedora, mais politizada e disposta a discutir pautas necessárias para a sociedade, como a inclusão de minorias dentro do espectro do futebol.

Por fim, o novo cenário torcedor se apresenta, ainda mais opressor, no que diz respeito, às punições implementadas pela LGE fez com que coletivos torcedores, como as torcidas organizadas (Toledo, 1996; Teixeira, 2003; Hollanda, 2016), os bondes de pista (Rezende, 2023) e os demais torcedores pautassem suas atuações por meio de lógicas menos diretas, tendo a utilização de plataformas digitais, como as redes sociais, como importantes aliadas para denunciar mandos e desmandos contra o ato do torcer.

¹⁹ Desde 23 de julho de 2023, esse é o novo nome da rede social, mundialmente, conhecida como *Twitter*.

3 A PISTA COMO ESTILO DE VIDA

Os bondes de pista possuem elementos singulares para a escolha das brigas como forma de prazer e socialização. A adoção desse comportamento como estilo de vida resultou em ferramentas de lazer e vida social, como os bailes de corredor, que tornam os territórios onde são realizados em locais simbólicos. No Brasil, as periferias cariocas e nordestinas são protagonistas desse desenvolvimento, sobretudo na década de 1990 e nos anos 2000 (Cymrot, 2012).

A migração de pessoas desses territórios, a criminalização dessa forma de organização e comportamento, as relações de poder caracterizadas, muitas vezes, pelo exercício de padrões de masculinidade (Bandeira, 2009) e representações de força física, os combates corporais com o uso dos punhos são predicativos das contendidas organizadas (Cymrot, 2012). A criminalização desses aspectos levou à extinção dos bailes de corredor, impelindo os agrupamentos organizados em torno dessa prática à estruturação das torcidas organizadas e, posteriormente, dos bondes de pista.

3.1 Condutas de Risco

As torcidas organizadas, especialmente as que se apresentam como grupos de pista – que possuem as contendidas como importante marco de sociabilidade – recebem, em diferentes ocasiões, a responsabilidade por boa parte da violência no futebol brasileiro, sendo outros atores isentados da culpa, como a polícia e a imprensa (Lopes, 2013). Esses grupos torcedores são interpretados pela mídia e pelas autoridades como coletivos formados por marginais, delinquentes, irracionais e desocupados. Contudo, no decorrer da história, mostraram-se como fenômenos complexos (Toledo, 1996; Teixeira, 2003; Hollanda, 2014), com uma ampla gama de agrupamentos, sujeitos e formas de apoio diferenciadas aos seus clubes.

Visto isto, a fim de evitar análises simplistas e equivocadas, não pautarei o entendimento desses grupos apenas para torcidas de pista, já que outras formas menos tradicionais se mostram presentes a partir dos anos 2000, como, as torcidas *chopp*, torcidas inspiradas nas barras argentinas, torcidas organizadas que não possuem as brigas como elementos identitários (Hollanda, 2017), gospel, femininas,

formadas por pessoas pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+²⁰ (ANJOS, 2018) e por autistas.

Portanto, cada coletividade torcedora deve ser entendida de forma individualizada, baseada nos contextos específicos nos quais estão inseridas. Uma das formas exequíveis de compreender a atuação das coletividades torcedoras é sua análise a partir da cultura das brigas como lazer, bem como os seus códigos e rituais em torno dos confrontos físicos e do desvio – o que é denominado, respectivamente, de condutas de risco e do desvio (Le Breton, 2009; Becker, 2019).

Para compreender as condutas de risco e desvio é necessário partir da compreensão da origem das regras sociais. Estas são criadas por grupos específicos, que possuem poder suficiente para as impor frente aos demais (Becker, 2019). Socialmente, as normas são impostas como padrão comportamental que favorece à perpetuação do poder desses grupos dominantes que as formulam, sendo utilizadas, ainda, como forma de punir e julgar as pessoas subalternizadas e que não seguem o padrão imposto. Exemplo disto são as normas de homens em relação às mulheres ou de adultos para com adolescentes.

Dessa maneira, aqueles que não seguem as regras são rotulados como desviantes. O desvio pode ser entendido de diferentes maneiras, desde a concepção matemática, que o interpreta como o número que está muito distante da média, até a interpretação social, que o compreende como tudo aquilo que gera a desestabilização da sociedade a partir do descumprimento da norma – constituindo um comportamento disfuncional. Logo, o comportamento desviante é aquele que faz com que a sociedade perca a sua harmonia (Becker, 2019).

Há, ainda, a definição do indivíduo que assume uma conduta desviante como *outsider*, sendo aquele que não se comporta, de acordo com os padrões exigidos e/ou esperados em determinado ambiente, como na orientação sexual, no estilo de roupas, de músicas, de gostos esportivos e de alimentação que não corresponde às tendências dos grupos dominantes (Becker, 2019). Becker reflete, contudo, que não

²⁰ (L) Lésbica, (G) Gay, (B) Bissexual, (T) Transsexual, (Q) Queer, (I) Intersexo, (A) Assexual, (P) Pansexual, (N) Não-Binário e + (outras possibilidades).

apenas o desviante pode ser um *outsider*, pois, a visão de quem não se adequa às regras impostas pela cultura dominante pode atribuir a característica àquele que julga.

O autor explica que o desvio não é uma qualidade do ato de quem o comete, mas uma consequência da aplicação por outras pessoas de regras e sanções a um “transgressor”. O desviante é alguém a quem a regra foi aplicada, porém não a cumpriu. Em razão disso, há comportamentos entendidos como atitudes inadequadas pela rotulação por pessoas e instituições. São a sociedade, as autoridades e a mídia que enxergam as torcidas organizadas e os bondes de pista como desviantes, ao passo que estes encaram as brigas como lazer.

As relações com as regras/visões que a sociedade e as autoridades possuem dos integrantes das torcidas organizadas e dos bondes de pista são comentadas pelo Imperador, uma das lideranças do Bate Anda:

Por a gente gostar do embate, querem nos classificar como bandidos. Mas nós não somos. A grande maioria trabalha e aqueles que não trabalham correm atrás de alguma coisa para poder obter o dinheiro do pão de cada dia. (Imperador, Bate Anda, em entrevista realizada no dia 22/10/2023).

O rótulo de marginal é algo que a sociedade, a imprensa e as autoridades impõem a esses torcedores por meio de discursos (Lopes, 2013). Essa visão rasa e preconceituosa desconsidera outras esferas de suas vidas e a diversidade de indivíduos que constituem esses grupos. Quando as coletividades torcedoras fogem do padrão violento de comportamento que lhes é atribuído, protagonizando ações sociais, caravanas e festas nas arquibancadas, nota-se a surpresa, certa rejeição e crítica negativa por parte dos agentes que observam esses torcedores como grupos prejudiciais ao futebol brasileiro. Por consequência, existe uma disputa entre aquilo que é vendido pelas autoridades e/ou a mídia e o que os estudiosos das ciências humanas indicam acerca dos torcedores organizados, mostrando-os como associações civis complexas e plurais.

A consequência da interpretação elitista e errônea é a marginalização, a criminalização e a tutela dos agrupamentos torcedores, como ocorre pela reformulação do Estatuto de Defesa do Torcedor (Lei nº 12.299/2010) e pela Lei Geral do Esporte – que aborda a segurança, a transparência e as regras gerais na organização das competições esportivas. Esta e outras legislações são criticadas por

cientistas que estudam a violência no futebol brasileiro, assim como as tecnologias utilizadas na implementação dos aparatos de segurança e vigilância dentro e ao redor dos estádios brasileiros (Lopes & Perina, 2018; 2021). Pois desconsideram o contexto dos torcedores, suas características e não os convidam para o debate público que priorize a formulação de políticas públicas que visem dar protagonismos positivos para esses torcedores e não somente evidenciá-los em momentos de brigas.

Além das normas externas às torcidas e outras coletividades, o comportamento desviante também possui padrões e interpretações internos aos agrupamentos torcedores. Quando resgato no próximo capítulo o histórico de que os bondes de pista são formados, em muitos casos, por pessoas que anteriormente compuseram torcidas organizadas, verifico que existem padrões de comportamento pré-estabelecidos na cultura dessas coletividades e, quanto aos segmentos que não se adequam, são internamente classificados como *outsiders*.

Exemplo disto são aqueles torcedores desfavoráveis aos confrontos e que não se preparam para vivenciá-los; ou o caso da tratativa atribuída às minorias no futebol – perpetrando ações machistas, racistas e LGBTfóbicas. Tais grupos populacionais oprimidos e vulnerabilizados acabam submetidos a regras que não ajudaram a construir, demonstrando que o estádio de futebol e as vivências internas das torcidas também apresentam condutas hegemônicas determinadas pelas figuras mais influentes, sejam elas de teor físico ou político.

Algumas divergências ficam evidentes na história da construção das diferentes coletividades torcedoras, a exemplo do questionamento dos bondes de pista em relação às torcidas organizadas e a letalidade dos confrontos entre elas, a partir da década de 1990 (Toledo, 1996; Teixeira, 2003; Lopes, 2013). Essas diferenças e questionamentos internos ou entre grupos diferentes de torcedores servem para despertar a avaliação das normas construídas nesses formatos de sociabilidade e o exercício interno das condutas de desvio. Há padrões de sociabilidade frequentemente exercidos por esses agrupamentos, como a masculinidade apresentada não só pela força física empenhada nos momentos das brigas, mas também nas preparações, maneiras de se vestir, de agir e de falar.

Os Ultras do ABC, por exemplo, têm regras baseadas no que acreditam ser correto dentro do cenário dos confrontos e que, portanto, não são pautadas nas ações dos seus adversários e no desejo de vencer a qualquer custo. Para tais momentos, eles utilizam apenas os seus corpos como fontes de ataque e de defesa:

O nosso intuito é representar as cores do ABC e confrontar nossos inimigos. Preservamos a vida. Por isso, preferimos perder com honra a ganhar com covardia. (Alberi, Ultras do ABC em entrevista realizada no dia 30/10/2023).

Dessa maneira, é entendido como desonra recorrer a armas de fogo, pedaços de madeira para atingir os oponentes e/ou emboscadas para ter vantagem numérica e alcançar a vitória de maneira mais fácil. Estes são os principais questionamentos dos bondes de pista às torcidas organizadas, visto que para os primeiros o ato de sobrepujar os seus oponentes de maneira mais facilitada não está ligado à ideia de coragem e valentia (Moreira, 2005).

O que demonstra a construção de normas e culturas no ambiente das torcidas de futebol, onde o desvio é considerado, também, padrão de distinção e exclusão. Para os bondes de pista, são condutas consideradas caras e, por isso, esperadas por seus membros: acompanhar a equipe que representam mesmo na adversidade (seja devido aos maus resultados esportivos, à desvantagem numérica em jogos fora de casa, à violência policial ou a estádios considerados hostis); a preparação prévia para confrontos contra grupos rivais; a pré-disposição para as brigas e o gosto por elas, de forma a encará-las no sentido de jogo (Coelho, 2016). Esse padrão de comportamento é uma forma de demonstrar poder, pertencimento, masculinidade e domínio, seja físico e/ou territorial, frente aos adversários.

Diante disso, os grupos que estudei se organizam por meio de lógicas voltadas para confrontos que visam à ideia do “mano a mano”, ou seja, de brigas limpas e com os corpos dos participantes como meio para atacar e defender - o que se opõe ao sentido de aniquilação e vingança pessoal desenvolvidos pelos confrontos de torcidas organizadas desde a década de 1990. A partir dessa época, as brigas se tornam mais letais, devido à presença de armas brancas e armas de fogo em maior escala, aumentando de forma significativa o número de óbitos (Murad, 2007).

Esses fatos, noticiados amplamente pelos meios de comunicação, geraram um protagonismo negativo para as torcidas organizadas envolvidas. No entanto, esse

destaque acabou por dar notoriedade e reconhecimento a esses grupos. A consequência foi que, no final da década de 1990, as torcidas organizadas dos quatro maiores clubes do estado de São Paulo²¹ observaram um aumento exponencial em seu quadro de associados (Murad, 1996).

Tal notabilidade e a sensação de pertencimento, associadas às brigas e às preparações para elas, geram sentimentos de união e amizade presentes no *slogan* de diferentes torcidas organizadas brasileiras e dos bondes de pista. Os indivíduos enxergam a coletividade torcedora como uma instituição que valoriza os seus atos, não os julga e possui membros que pensam como eles. Este sentido é observado na fala do Washington, uma das lideranças do Sobranada 1902:

Somos um grupo de amigos que se reúne para torcer pelo Fluminense, beber, festejar e brigar se for preciso. Então, é natural que quando estamos brigando, exista um sentimento de nunca abandonar o companheiro. Até porque a nossa convivência vai além da pista, como ocorre em muitas torcidas organizadas. (Washington, Sobranada 1902 em entrevista realizada no dia 20/10/2023).

A narrativa sobre os confrontos chama atenção para o que Elias & Dunning (2019) já afirmavam sobre a exposição deliberada ao risco, cujos resultados imprevisíveis, acaba por fascinar os sujeitos que se colocam nessas condições. No contexto das torcidas de futebol, torcedores relatam sentir prazer na adrenalina provocada pelos embates contra grupos rivais, mesmo sem a certeza de que aquela batalha será vencida (Coelho, 2016). Corrobora-se com Teixeira (2016) que o caminho necessário não é o de reprimir e o de punir esses grupos, mas sim o de buscar entender quais os sentidos e significados dessas ações, com a finalidade de criar diálogos entre eles e o poder público e, posteriormente, formular políticas públicas. Percebo esses comportamentos, a partir de Le Breton (2009), como ritos ordálicos contemporâneos, em que os indivíduos jogam de forma inconsciente com a morte, colocando-se em situações de risco, buscando sentidos e valores para a sua própria existência.

A esse respeito, entendo como necessário refletir sobre a sedução que pessoas que possuem responsabilidades como quaisquer outros indivíduos inseridos na

²¹ Sport Club Corinthians Paulista; Sociedade Esportiva Palmeiras; São Paulo Futebol Clube e Santos Futebol Clube.

sociedade, sentem por assumir riscos baseados em rivalidades grupais, ainda que isso possa transformar, negativamente suas trajetórias pessoais e profissionais. O estudo de Teixeira, Medeiros, Reis & Lopes (2021), que caracteriza o perfil das lideranças de mais de 36 torcidas organizadas brasileiras, filiadas à Associação Nacional de Torcidas Organizadas (ANATORG), auxilia a quebrar paradigmas negativos sobre esses agrupamentos e os seus integrantes. Os perigos vividos por lideranças e membros ativos dos grupos de pista podem ser vinculados ao raciocínio de Le Breton (2009), que mostra essas condutas como oportunidades de aceitação, de colocar o corpo à prova, reforçar a autoestima frente a situações de tensão que, para eles, não se mostra algo totalmente inédito.

Atraídos por sair da rotina e de uma vida rodeada de regras e vigilância, optam por assumir essas experiências sem se importar com os riscos individuais e coletivos (Le Breton, 2009). Vale dizer que o referido autor está analisando o contexto específico da sociedade francesa. Por isso, a analogia com a obra de David Le Breton deve ser feita com cuidado, visto que aborda as condutas de risco voltadas para o cenário dos esportes de aventura na Europa e em outras localidades do mundo. Não obstante, os sentidos e a ideia de jogo podem ser aproveitados para a conjuntura das torcidas/grupos de pistas que adequam os seus processos de sociabilidade, diante da preparação e dos confrontos contra os rivais.

A ideia desenvolvida por uma adrenalina conquistada por meio da programação e execução de confrontos corporais já está bem desenvolvida na conjunção das torcidas organizadas e da América Latina (Pimenta, 1997; Moreira, 2005; Reis, 1998; 2004; Teixeira, 2003; Zucal, 2010), bem como a relação das brigas com o status social que oferecem para os seus participantes (Reis, 2005). Somando-se a isto, Zucal (2010) afirma que as atitudes violentas não são condenadas, mas sim valorizadas e destacadas nesses ambientes. Ou seja, tornam-se um estilo de vida que rege boa parte das lógicas torcedoras, em que o mais forte tem mais poder e privilégios (Alabarces, 2004; Zucal, 2006) em relação àqueles que não compartilham da cultura de pista, como as torcidas *Chopp* e movimentos que se inspiram nas barras argentinas no quesito musical, de instrumentos e apoio durante as partidas (Hollanda & Aguilar, 2017).

Outro ponto de diálogo entre a teoria das condutas de risco (Le Breton, 2009) e as contendidas protagonizadas pelos grupos estudados é o fato que suas lideranças optaram em não assinar o TAC, mesmo com a pressão existente por parte dos órgãos de segurança. Isso permite que se desloquem sem escolta para as partidas, o que aumenta ainda mais a sensação de prazer e adrenalina vivenciada pelos torcedores que ali estão devido à possibilidade de encontrar no trajeto de ida e/ou volta grupos rivais que nutrem do mesmo intuito de brigar. Sobre isso, Washington, um dos líderes do Sobranada 1902, relata:

O fato de irmos para os jogos de maneira independente, sem escolta, atrai muitos torcedores. Isso faz o nosso bonde crescer em dias de jogo de guerra, como nos clássicos contra o Flamengo. (Washington, Sobranada 1902 em entrevista realizada no dia 20/10/2023).

O fato de citar, especificamente, os jogos contra o Flamengo e não outro clássico carioca está relacionado à rivalidade que o Sobranada 1902 possui com o Bate Anda. Apesar, dos confrontos também acontecerem quando o Fluminense joga contra outras equipes, as partidas contra o Flamengo revelam-se como especiais, pois existe um compartilhamento de códigos entre os grupos para a execução dos conflitos (Giddens & Sutton, 2017). O termo conflito aqui deve ser entendido como associação humana no qual os indivíduos são colocados em contato. Dessa forma, ele não se mostra como o fim/pausa das relações, mas sim como o reconhecimento da existência do outro, mesmo que os vínculos sejam antagônicos (Simmel, 2006). Assim, é por meio dessa análise teórica que são explicadas e entendidas as relações existentes entre os bondes de pista e a ideia de jogo fundamentada por Coelho (2016). Haja visto que a vitória não se torna um elemento imprescindível, mas sim a participação de maneira honrosa (Pitt-Rivers, 1992) dos confrontos – de modo a respeitar as regras estipuladas, não recuar, bem como demonstrar coragem e valentia diante dos adversários.

Além disso, é importante dizer que para grupos similares aos bondes de pista, como as torcidas organizadas que têm as brigas como parte fundamental da sua atuação, o ato de confrontar torcedores que não compartilham das mesmas éticas e códigos de condutas não é bem-visto e, portanto, considerado como ato de covardia e desonra (Coelho, 2016). Também observo esse fato neste estudo, já que em diferentes momentos da pesquisa de campo os grupos que estudei conviveram no mesmo ambiente de torcedores comuns de clubes rivais. Este convívio social não pressupõe, contudo, o combate – uma vez que este se dá apenas contra sujeitos que

compartilham dos mesmos códigos, sendo um ato desonroso atacar torcedores que não podem se proteger e/ou que simplesmente não compactuam com a cultura de brigas.

O que observei nos últimos anos é o aumento da legitimidade desses confrontos por parte dos bondes de pista, por meio de uma constante mudança de entendimento sobre o que é aceitável ou não nas contendidas. A respeito disso, Coelho (2016) também investiga os contextos de bailes de corredor, caravanas, entrevistas e conversas informais nas quais os torcedores mostram respeito e até certa admiração por características vistas como positivas que os rivais venham a possuir. A análise parte da qualidade deles serem “bons de briga”, o que faz com que ganhem fama por meio dos confrontos, já que possuem características desejadas e entendidas como necessárias para a participação em grupos que compartilham das brigas, da persistência nas adversidades e da coragem, disposição, frieza e honra.

Em síntese, a idealização das brigas limpas e da essência dos *hooligans* (Dunning, 2003) se mostra enraizada nas condutas das torcidas organizadas de pista e herdadas na última década pelos bondes de pista. O que constitui a cultura da exposição ao risco e abrange as caracterizações de atitudes desviantes.

3.2 Bailes de corredor e os territórios simbólicos

Os bailes de corredor, famosos na cidade do Rio de Janeiro, no final da década de 1990 e no início dos anos 2000, possuem similaridades com os atos bondes de pista. Primeiro porque, já naquela época, os participantes - em sua maioria homens – que participavam dos bailes e das torcidas tinham o intuito de adquirir reconhecimento social através dos embates corporais (Carmo, 2001; Teixeira, 2003). Segundo, é que ambos os movimentos (bailes de corredor e torcidas/grupos de pista) são importantes espaços de adesão, lazer e sociabilidade para sujeitos que, em sua maioria, se encontram fora do círculo de oportunidades sociais oferecidas pelo estado. Terceiro, pois tanto as torcidas organizadas (Lopes, 2013), quanto os bailes de corredor foram/são alvos constantes de operações policiais e formulações de leis por vezes inconstitucionais (Lopes & Perina, 2018). Por fim, nos bailes eram priorizados os combates limpos, com lados que possuíam número proporcional de integrantes e

utilizavam apenas os corpos como fontes de ataque e de defesa (Cymrot, 2012), tal como ocorre nas ações dos bondes de pista.

Contudo, a derradeira característica não é uma regra seguida por todos. Desde a década de 1980, as brigas entre as torcidas organizadas acompanharam o aumento da violência urbana e juvenil no Brasil, principalmente na década de 1990, com a consequente facilitação do acesso às armas de fogo. Os bailes de corredor ainda se apresentavam como cenários com regras pré-estabelecidas e se mostravam um potente espaço de lazer e sociabilidade para sujeitos periféricos, de classes sociais menos abastadas e que não tinham oportunidades de usufruírem outras opções de lazer mais caras do ponto de vista financeiro. Alguns dos participantes dos bailes também eram membros das torcidas jovens cariocas (Coelho, 2016) e de torcidas do Nordeste, o que permitiu que esses indivíduos levassem as condutas dessas festas para as torcidas e vice-versa.

Os processos de rivalidades territoriais também aumentaram nesse período, já que cada grupo, comumente denominados nos bailes de corredor de Lado A e Lado B (Cymrot, 2012), era originado nos bairros das cidades. Os bailes *funks* abriram caminho para artistas de sucesso, como Mc Marcinho, Mc Leozinho e Valeska Popozuda. Contudo, também ajudaram a estabelecer rivalidades territoriais entre bairros, já que os ápices dessas festas eram os confrontos que ocorriam entre o Lado A e o Lado B (Coelho, 2016). As disputas eram encaradas como lazer, tinham regras pré-estabelecidas, juízes que paravam os embates e transmitiam sensação de justiça para os confrontos. Além disso, a participação em um lado no baile era motivo de orgulho, visto que processos de sociabilidade fora dos bailes eram vivenciados, como o pertencimento a grupos que circulavam pela cidade e o estabelecimento de amizades/inimizades oriundas do lado que se participava (Coelho, 2016).

Por isso, as vitórias ou derrotas protagonizadas durante os bailes e nos confrontos entre torcidas significavam a honra²² do grupo vencedor frente ao perdedor e um processo de dominação territorial. Este podia ser observado na utilização das

²² Expressão relacionada a um status simbólico de um grupo que possui coragem e que não recua diante dos confrontos.

linhas de ônibus, nos trajetos escolhidos pelos grupos e/ou no local onde se reuniam antes das partidas.

Estes são alguns dos elementos que caracterizam as esferas de domínio territorial desses grupos. Obviamente estas jurisdições de territórios se apresentam como poderes simbólicos para aqueles que fazem parte de torcidas organizadas, galeras de baile *funk* de corredor (Coelho, 2016) e/ou bondes de pista. Contudo são invisíveis para torcedores que não partilham da cultura dessas coletividades e para pessoas que não estão envolvidas diretamente com os ambientes das torcidas de pista, suas práticas e seus códigos – o que reforça a cultura própria e a sociabilidade singular das coletividades torcedoras.

A partir do território, são desenvolvidas identidades próprias que podem ser expressas por símbolos, bandeiras, cânticos, sedes, acúmulos de poder, status social, roupas e outras manifestações (Toledo, 1996). Em resumo, entendendo os territórios são uma parte essencial da cultura torcedora, pois representam a ligação emocional entre a torcida, o clube e a própria cidade, servindo como base para a organização e expressão de uma e/ou várias identidades torcedoras.

Hoje, mais de duas décadas após a criminalização e proibição dos bailes de corredor no Rio de Janeiro e no Ceará, algumas de suas características constituem heranças e estão presentes na mente de pessoas que viveram ou até mesmo ouviram falar daqueles tempos em que a judaria²³ não era aceita. Como afirma Cymrot (2012), o ganhar e o perder já não se mostrava como algo fundamental nos momentos em que as brigas aconteciam à revelia, por isso, o que mais importava era agir com honra, seguir o princípio de não recuar diante de um confronto e não abandonar nenhum companheiro.

Um ponto que merece destaque sobre os bailes de corredor, como relata Coelho (2016, p. 209), é que no Lado B, especificamente, grupo que ele acompanhou em um dos bailes clandestinos realizados na capital carioca, se encontravam pessoas com camisas, bonés e bermudas de diferentes torcidas organizadas do Rio de Janeiro

²³ Expressão nativa que deve ser entendida como atitudes covardes. No cenário dos bondes de pistas estas são observadas como algo não valoroso, com pouca expressividade e que não representam a conduta e os códigos que ali são empregados.

que possuem elevado histórico de rivalidade. No entanto, naquele momento, como aponta o autor, esses sujeitos compartilhavam cerveja, churrasco e histórias sobre os bailes passados. Logo, todos ali representavam o Lado B e seu bairro de origem, desconsiderando ao menos por ora, rivalidades torcedoras.

Os antagonismos apresentados nos bailes são processos mais fluidos, onde no mesmo lado estão torcedores de torcidas inimigas e, no lado oposto, indivíduos da mesma torcida que em outros momentos são seus aliados (Coelho, 2016). Percebo, por isso, que os laços de bairro e de amigos são priorizados quando comparados ao pertencimento clubístico.

Diante disso, era comum o cumprimento/saudação de pessoas antes dos confrontos nos bailes de corredor (Coelho, 2016). Isto porque os protagonistas já se conheciam de outras esferas da vida, como as torcidas organizadas e escolas de samba. Assim me parece clara a aproximação para um entendimento da busca de adrenalina e pertencimento que leva esses indivíduos a encararem as brigas como lazer, mesmo que as relações estabelecidas nos conflitos sejam mutáveis e possam sofrer transformações severas ou não com o passar do tempo, assim como acontece com as alianças entre torcidas organizadas (Souza, 2020; Hollanda & Teixeira, 2022).

Já nos bailes do Nordeste, especificamente na capital cearense, o Lado A e o Lado B eram constituídos por membros de torcidas organizadas do Fortaleza Esporte Clube e do Ceará Sporting Club, respectivamente. Dessa forma, as rivalidades clubísticas foram mais determinantes para a formulação e manutenção dos lados nos bailes do que na realidade carioca. Isso fez com que o antagonismo entre Fortaleza (Lado A) e Ceará (Lado B) ascendesse a outros patamares e cenários que pouco tinham a ver com o futebol.

Em relação aos grupos cariocas, os seus líderes apontam em entrevista para os canais *ESPN*, que eles possuem a ideia de que todos os envolvidos devem retornar para suas casas e terem a possibilidade de, no dia seguinte, realizarem suas obrigações cotidianas. Realidade que observam como inviável nos confrontos entre as torcidas organizadas, devido à militarização (Lopes & Perina, 2018) desses embates e o desejo de vingança pessoal presente entre os membros.

Em resumo, os bondes de pista se mostram mais espontâneos e menos planejados (Rezende, 2023) no que concerne a não preparação e execução de emboscadas contra rivais quando comparados às torcidas organizadas – o que remonta às ideologias e normas de condutas vinculadas aos *hooligans* ingleses (Giulianotti, 2002). Isto reforça, novamente, a ideia de jogo e não de extermínio (Coelho, 2016), vinculada aos bondes que priorizam, em suas ações, pistas limpas e com regras de conduta pré-determinadas.

3.3 Viva à pista: 24/48 horas

O fenômeno do hooliganismo foi estudado por autores no contexto britânico (Dunning, Murphy & Willians, 1993; Dunning, 2014). Posteriormente, recebeu outras denominações mundo à fora e passou a ser estudado por outros autores, como Alabarces (2004), Cabrera (2022), Dyal (2018), Hollanda (2014), Lopes (2013), Moreira (2005), Teixeira (2001), Toledo (1996), Zucal (2006).

Elias & Dunning (2019) tecem raciocínios acerca do lazer e da forma com que este é entendido na sociedade. Os autores afirmam que é, justamente, nas práticas de lazer que as pessoas conseguem expressar suas emoções sem se preocuparem com julgamentos prévios. Diante disso, colocam o lazer como um produtor de tensões agradáveis e de processos civilizatórios mais maleáveis. Nesse contexto, o que move os bondes de pista são as rivalidades e a vivência dos confrontos como formas de lazer, afinal, eles – os confrontos – não são vivenciados apenas durante as pelejas, mas durante treinamentos, festas, reuniões e estratégias traçadas que faz com que os membros estejam envolvidos nesse estilo de vida 24 por 48 horas de suas vidas²⁴. O fato é que, para esses indivíduos, os confrontos físicos contra grupos rivais geram sentimentos de prazer, euforia, pertencimento e amizade que outros âmbitos de suas vidas profissionais e pessoais não são capazes de ofertar.

Os bondes de pista se preparam/treinam para as contendidas. Cuidam-se fisicamente, evitam a ingestão excessiva de bebidas alcoólicas (em especial em momentos que antecedem os confrontos), buscam ter corpos que possam aguentar os ardores físicos proporcionados pela pista e utilizam a preparação física, com lutas

²⁴ Este é um termo falado pelos próprios torcedores e que significa que os membros desses grupos vivem a torcida, o bonde de pista em todos os momentos de suas vidas.

e treinos, como meio para chegar a esse fim. Pepe conta como funcionou no BBF a preparação para os combates, mesmo em tempos de pandemia, quando os jogos não estavam acontecendo com a presença dos torcedores:

Durante a pandemia todas as quebradas se mexeram. Zona Sul, Zona Norte, Zona Oeste. Todas ficaram treinando certinho. Teve um período que íamos até marcar uma briga e a gente se preparou valendo mesmo, com o objetivo de chegar bem fisicamente. No automático a pessoa fica bem de saúde, tudo é válido. A pessoa acaba pegando o gosto, automaticamente, estará bem fisicamente. (Pepe, BBF, em entrevista realizada no dia 26/10/2023).

Portanto, entendo os confrontos entre grupos que compartilham de códigos de condutas parecidos e que não buscam a morte dos seus rivais como uma violência controlada. Esta possui similaridades com aquela comentada por Wacquant (2002) durante o *sparring* dos lutadores de boxe. Obviamente, no boxe existe um ambiente ainda mais controlado, onde um boxeador auxilia o outro a evoluir técnica e psicologicamente na luta – o que não ocorre nas brigas entre torcedores de futebol.

Apesar disso, eles – bondes de pista – afirmam que em diferentes ocasiões pouparam a vida dos seus oponentes, o que é considerado por eles como um sinal de grandeza e de superioridade. Em relação a isso, o Imperador, uma das lideranças do Bate Anda, relata um confronto em que salvaram a vida de um torcedor do Botafogo de Futebol e Regatas:

Sempre conversamos isso. Não vamos para matar, vamos para brigar e depois cada um pode voltar para a sua casa. Ele mesmo pode falar por ele, não teve covardia. Não deixaram matar e nem jogar ele da ponte. Em torcida organizada, não tem isso, os caras estão ali para matar. Naquela oportunidade, podemos mostrar que a nossa essência prevaleceu. (Imperador, Bate Anda, em entrevista realizada no dia 22/10/2023).

A preservação da vida do oponente ilustra a compreensão dos bondes de pista sobre a possibilidade da derrota e, principalmente, quanto à eventual necessidade da clemência do adversário. Durante as pesquisas de campo, as lideranças dos grupos cariocas e do grupo santista me afirmam que a rivalidade é levada apenas para o ambiente da pista, portanto, aqueles grupos que ultrapassam esse âmbito são considerados por eles como desonrosos, covardes e desprovidos de coragem. Esse discurso, também é colocado pelos Ultras do ABC e pelo Bonde da Aliança, quando se referem aos seus rivais.

Os bondes de pista, também possuem uma importante inserção na *internet*, divulgando suas ações sociais, vendendo materiais e promovendo caravanas. O espaço virtual foi citado nas entrevistas como um importante ambiente para a sobrevivência dos grupos, seja para serem conhecidos por outros coletivos/movimentos/torcidas organizadas, disseminarem suas ideologias, recrutarem novos membros, seja para dar visibilidade às suas ações e/ou para viabilizar recursos financeiros para o grupo.

Também observo isto na atuação das torcidas organizadas, dos movimentos e coletivos torcedores. Nesse sentido, a *internet* se mostra um tempo/espaço importante para os bondes de pista e as torcidas organizadas que possuem a briga como elemento principal de atuação dos seus membros e promoção de experiências (Bondía, 2002). As páginas no *Instagram* possuem como conteúdo principal os embates físicos que ocorrem entre os torcedores em diferentes estados brasileiros, além de mostrarem a preparação para os confrontos, chamadas de torcidas para caravanas com elevada chance de conflitos, comentários, notas oficiais e caminhadas para os jogos. Vale ressaltar que a maioria dos conteúdos dessas páginas são enviados pelos próprios torcedores e que a administração delas também se dá por pessoas que já frequentaram ou ainda frequentam torcidas organizadas de pista e que, portanto, possuem certo nível de proximidade com o tema.

As principais páginas mapeadas foram o Etorcida.official e a PistasBrazil, que possuem 57.200 seguidores e 59.900 seguidores²⁵, respectivamente. Suas publicações são quase que cotidianas sobre jogos com possibilidade de confrontos, as brigas que acontecem no território nacional e se nota um elevado número de menções por parte dos internautas a respeito dos bondes de pista e do protagonismo positivo das brigas limpas que eles pregam. O que faz com que as referidas páginas tenham sido citadas pelas lideranças dos grupos estudados nas entrevistas e no convívio durante a pesquisa de campo que realizei.

²⁵ Os números apresentados denotam do dia 26 de junho de 2024 às 08h31. É importante colocar essas informações, pois as redes sociais são dinâmicas, por isso o número de seguidores varia de forma considerável em pouco tempo. Além disso, as páginas citadas possuem contas reservas, que no momento possuem 27 mil seguidores (Etorcida) e 572 seguidores (PistasBrazil), respectivamente. Essa é uma estratégia utilizada já que é comum o *Instagram* bloquear as contas, devido às postagens de brigas e provocações que elas realizam.

Outro ponto que destaco é a criação no ano de 2023, pela página Etorcida.oficial, de um campeonato brasileiro de pista. O administrador da página, que se veste como um extraterrestre (E.T), busca analisar os confrontos que acontecem no Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino da Série A e estabelece pontuações: três pontos para vitória, dois pontos para vitória por meio de emboscadas e/ou utilização de aparatos que demonstrem atitudes que não condizem com o código de ética entendido como o ideal, um ponto para empate técnico e zero ponto para derrota. As análises são embasadas em vídeos e comentários que são feitos pelos internautas.

As lógicas dos confrontos também mudam conforme o mando de campo. Quando se é mandante em um jogo de guerra, é entendido como obrigatório atacar, iniciar a contenda contra o grupo visitante, que, em tese, está em menor número e com menos conhecimento tático sobre o território. Já quando se está no papel de visitante, a obrigação é chegar ao estádio e colocar a faixa, sendo este um sinal de honra e superioridade frente aos rivais.

A amizade também é um atributo que se mostra fundamental para os momentos dos combates. A esse respeito, Pepe afirma:

Somos um grupo de amigos, mesmo sendo um bonde de 150 a 200 pessoas, o que para uns é um bonde pequeno, mas, para a gente, é um bonde grande, em que acabamos frequentando a casa do outro, tendo amizade com a família do outro. Isso é muito importante, principalmente na pista. Porque lá você não verá um amigo e virará as costas como se fosse um desconhecido. Nosso vínculo é forte, lógico que a distância acaba prejudicando um pouco. Mas, de um modo geral nós sempre procuramos estarmos juntos em uma festa, em um chá de bebê de alguém. Tendo essa vivência de amigos estamos sempre passos à frente dos nossos inimigos. Não só como bonde de briga, mas com a nossa lealdade, irmandade, humildade. (Pepe, BBF, em entrevista realizada no dia 26/10/2023).

É interessante observar essa fala do líder do BBF, visto que a sociabilidade (Simmel, 2006) é essencial para caracterizar categorias, como amizade, lealdade e companheirismo. O trabalho em equipe e o senso de coletividade são fundamentais para esses grupos no momento da pista. Já que, de acordo com suas lógicas, o sucesso nas brigas também está relacionado à empatia com a pessoa que defende as mesmas cores.

A questão de classe nos bondes de pista é algo que também é importante frisar. Dunning (1993) afirmou que a violência no futebol britânico, denominada pela imprensa da época de *hooliganismo*, vinha de jovens, do gênero masculino e de classes sociais menos abastadas. Por isso, o Relatório Taylor e as demais sanções que se sucederam, com a finalidade de erradicar os *hooligans* do futebol inglês, vieram para priorizar que estes torcedores ditos violentos e entendidos como pessoas de classes sociais menos favorecidas não pudessem mais frequentar os estádios.

Alabarces (2004) e Zucal (2010) contrapõem a teoria da classe social²⁶ fundamentada por Dunning (1993), pois eles confirmam no futebol argentino a presença da classe média no núcleo duro da Barra Los Borrachos Del Tablón, do River Plate. Esta é uma das principais barras da Argentina no quesito número de torcedores e poder político, chegando até, em certas ocasiões, a ter o monopólio dos ingressos para representar a torcida argentina em jogos de Copas do Mundo (Grabia, 2012). Nesse sentido, Trejo (2019) garante que as brigas internas são motivadas por disputas intrínsecas para adquirir o poder da barra, em que o grupo vencedor acaba por usufruir das regalias que as lideranças dispõem, entre elas o domínio na revenda de ingressos e o controle do comércio nas redondezas do estádio.

Essas vantagens, naturalmente, permitem com que os torcedores que formam o núcleo duro das barras argentinas ascendam socialmente, conquistando poder político e econômico, por causa e/ou através do status de profissão atribuído a ser líder de uma barra na Argentina. Vale dizer, que a presença de *hooligans* de classe média também é observada por Armstrong (2013) em seu estudo na cidade de Sheffield.

Lopes & Perina (2018) apontam que o contexto brasileiro, historicamente, trabalha com leis e modelos de segurança pública que têm como base o modelo inglês: punição, repressão e o poder quase que absoluto para as instituições envolvidas com a segurança do futebol brasileiro. Estas leis, por sua vez, desconsideram características específicas dos grupos torcedores, a cultura que

²⁶ Segundo Bourdieu, classe social: (...) conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posições semelhantes (Bourdieu, 1998, p.136).

envolve o esporte e a própria sociedade. Em relação a isso, destaco a elevação no preço dos ingressos; a marcação de jogos²⁷ priorizando apenas os patrocinadores esportivos e os detentores dos direitos de transmissão, desconsiderando o torcedor; a precarização do transporte público em dias de jogos; a violência policial; a cobrança de preços abusivos nos alimentos e bebidas vendidas em dias de jogos e, por consequência, a diminuição de torcedores de baixa renda nas partidas.

O ponto é que, estudos como o de Monteiro (2003) e o de Teixeira; Medeiros; Reis & Lopes (2021) confirmaram um perfil social heterogêneo no que diz respeito, à Raça Rubro-Negra (RRN) no início da década de 2000 e das lideranças de torcidas organizadas cadastradas na ANATORG no ano de 2021, respectivamente. Nesse sentido, os bondes de pista também possuem pessoas de patamares sociais variados e que a escolha de encarar as brigas como lazer se dá por um estilo de vida referente a esses grupos e não por uma ligação de classe social. Afinal de contas, como mesmo aponta Monteiro (2003), o uso da força física baseado na masculinidade (Bandeira, 2009) e na atribuição de um estilo de vida também é encontrado nos torcedores organizados de classes sociais mais altas.

Dunning (2003), após uma década, desconsidera a sua teoria do ano de 1994, afirmando que na verdade o que é certo é que a violência no futebol é universal, sendo fruto de condições específicas de cada sociedade. Obviamente, não se pode transmitir o contexto europeu e o das barras sul-americanas para o brasileiro, já que estas localidades possuem similaridades e diferenças. Em suma, a questão da violência é complexa e deve ser analisada por diferentes prismas, de forma a respeitar conjunturas e normas específicas de cada local.

Dessa maneira, em relação aos bondes de pistas, o correto é que estes grupos se pautam por uma lógica do confronto e da defesa de seus territórios simbólicos²⁸, sendo estas vivenciadas em momentos que vão para além dos 90 minutos de uma partida de futebol. O gosto pelas brigas está claro no estilo de vida desses grupos, contudo é importante refletir sobre o motivo do seu crescimento, visto que, levam a

²⁷ Jogos marcados no meio de semana às 21h30; aos sábados às 21h e domingos às 18h30 dificultam à volta para casa de torcedores que utilizam o transporte público, diante quantidade escassa desses coletivos e, conseqüentemente, da demora elevada deles.

²⁸ Localidades em que os grupos se organizam para irem aos jogos, realizam reuniões e treinos de artes marciais.

admiração e o respeito de integrantes de outras torcidas organizadas do clube que representam, de outros clubes (aliados ou rivais) e até mesmo de torcedores comuns que compartilham suas postagens em redes sociais e aprovam a defesa de um território simbólico baseada no uso da força física.

Este raciocínio pelo gosto das brigas já foi amplamente estudado e justificado em trabalhos em torno de torcidas organizadas, barras sul-americanas e *hooligans* (Toledo, 1996; Teixeira, 2003; Zucal, 2006; Cabrera, 2022; Giulianotti, 2002). No entanto, percebo a necessidade de ampliar a análise para o gosto por condutas de risco (Le Breton, 2009) e por práticas consideradas desviantes pela sociedade.

A esse respeito, Becker (2019), em sua obra *Outsiders*, aborda a conduta do desvio em relação aos usuários de maconha, no tocante à técnica do uso, aos efeitos e gosto pela substância, à aquisição do produto e ao sigilo para proteção. Esta cultura *outsider* serve como parâmetro de analogia com os bondes de pista tanto pela semelhança acerca dos processos de criminalização, quanto pela atenção integral das pessoas que partilham dessa sociabilidade.

Apesar dos embates corporais serem uma prática naturalizada no universo torcedor, esta é uma ação considerada fora da lei e, portanto, desviante do ponto de vista da sociedade. Por isso a importância de os membros protegerem suas identidades em fotos e vídeos de confrontos, com a finalidade de não serem prejudicados e julgados em outros setores de suas vidas. Teixeira (2021) aborda esse ponto em sua escrita acerca da entrevista das lideranças do Sobranada 1902 e do Bate Anda para os canais *ESPN* no ano de 2019.

Em suma, a entrada nesses grupos se dá por um interesse dos membros em protagonizar e vivenciar as brigas por meio de regras de ética e de honra, que pautam os conflitos pela ideia de jogo (Coelho, 2016). Por fim, os grupos pesquisados vivem um cenário de tensão e de confrontos iminentes, fazendo com que exista outra competição que está em movimento, que não acaba e que possui dinâmicas transformacionais que se pautam na lógica das rivalidades e antagonismos clubísticos, torcedores e territoriais.

4 OS MEANDROS DOS BONDES DE PISTA

A exposição acerca dos bondes de pista faz jus às dificuldades, facilidades e desafios desta modalidade torcedora, partindo da especificação do processo de formação de cada grupo estudado; das pistas; motivações; composições dos grupos; estruturas hierárquicas; lemas; novas gerações e ações. Este arcabouço enfatiza as características desse modelo de sociabilidade e lazer para além dos conflitos, pelos quais normalmente são conhecidos. Neste capítulo, disserto acerca dos bondes de pista no que tange à minha inserção a campo com eles – do primeiro ao último – visando à sistematização do conhecimento acerca de tais agrupamentos, com nexos histórico, social e político.

4.1 O ingresso nos bondes de pista brasileiros

Geertz (2008) afirma durante a sua incursão à Bali, para pesquisar os costumes, tradições e culturas daquele povo, a respeito da necessidade de ser aceito pelos nativos e que só a partir do momento em que fora reconhecido como um cidadão de Bali é que sua investigação, realmente, passou a ser efetiva. Quanto ao presente estudo, à priori existiu a indagação, com surpresa, dos líderes dos bondes de pista sobre o meu interesse de estudar os seus meandros e pelo receio deles de haver algum tipo de relação minha com a imprensa ou mesmo com a polícia.

Depois das minhas primeiras inserções a campo e de ter demonstrado proatividade e entendimento de regras simbólicas que existem no ambiente de grupos torcedores envolvidos com o futebol, consegui estabelecer confiança com as lideranças dos grupos cariocas, por meio de contatos pessoais que adquiri na cidade do Rio de Janeiro, participando de aulas de boxe com o Washington – um dos líderes do Sobranada 1902 – e de um apoio logístico que ofereci para o Assis – outra liderança do bonde de pista tricolor – e outros torcedores que vieram de carro para a cidade de Belo Horizonte para um jogo de guerra – com alto risco de confronto, válido pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino de 2023. A partir dessas primeiras relações, obtive a autorização definitiva do Sobranada 1902 para poder realizar o trabalho de campo com eles. É relevante dizer, que os contatos com cada bonde de pista serão exemplificados de maneira detalhada nos próximos momentos desse capítulo.

Afinal, que de nada adiantaria sólidos aspectos metodológicos, conhecimento teórico acerca das torcidas de futebol e bases científicas que respaldassem as minhas idas a campo, se a relação de confiança com os grupos estudados não fora estabelecida. Por isso, a profundidade teórica e científica que a presente dissertação possui é fruto meu acesso aos bondes de pista e do fato deles entenderem que este é um estudo que visa dar um protagonismo positivo para um estilo de vida que, historicamente, é colocado como irracional e marginal pelos meios de comunicação e as autoridades.

Seja pela recente criação dos bondes de pista – pouco menos de duas décadas -, seja pelo perfil baixo²⁹ que os grupos e os seus membros possuem, as informações sobre esses agrupamentos são escassas. O primeiro bonde de pista surge em São Paulo, no dia 06 de novembro de 2008, após insatisfações de membros da Torcida Jovem do Santos, que criaram o que ficara conhecido como Bonde do Braço Fino (BBF). O grupo do Fluminense, nomeado de Sobranada 1902, e o flamenguista – Bate Anda – surgem anos depois em um contexto de disputas internas nas torcidas de Fluminense e Flamengo, respectivamente, e da criminalização das torcidas jovens cariocas. Já o grupo do Ceará, conhecido como Bonde da Aliança, e o grupo do ABC de Natal, denominado de Ultras do ABC, são formados pela influência dos três grupos existentes no Sudeste e da observação das normas de conduta que estes primeiros possuem, como a busca por uma briga limpa, apenas com os punhos, a negativa de atos de covardia contra grupos rivais e, consequentemente, a ideia de não ter mortes nos conflitos.

O contexto de criminalização, repressão e o signo cultural desses grupos pressupõe um comportamento restrito, fechado às pessoas que não os compõem, por receio da atuação das autoridades e da exposição de jornalistas e outros profissionais da mídia – uma vez que a maior parte das manchetes os retrata como “bandidos, marginais e vagabundos”, assim como ocorre com as torcidas organizadas (Lopes,

²⁹ Linguagem nativa utilizada pelos bondes de pista que denota certa invisibilidade diante de suas ações. Seja com o intuito de proteger os membros contra os rivais e/ou de evitar a criminalização dos aparatos estatais diante das ações do grupo. O ato de passar despercebido é percebido com a utilização de tocas ninjas que tapam o rosto dos membros, de borrões que impossibilitam a identificação dos torcedores em fotos publicadas em redes sociais e da dificuldade de acesso aos bondes de pista, sendo uma característica comum aos cinco grupos. Essa abertura se dá apenas quando se é referenciado por alguém de confiança.

2013). Essa blindagem foi um desafio para a pesquisa de campo deste estudo, o que foi mitigado pela vivência que possuo enquanto membro da torcida organizada Comando Máfia Azul (CMA), do Cruzeiro Esporte Clube.

Embora os grupos estudados do Santos, Ceará, Fluminense e ABC de Natal sejam importantes rivais da Máfia Azul, a experiência da pesquisa sobrepõe a vivência subjetiva e individual, ao passo que esta não deixa de ser uma influência sobre a perspectiva do estudo.

Como as alianças torcedoras não são estáticas (SOUZA, 2018; 2020) e não se deve classificar as torcidas organizadas de uma única maneira (ARAÚJO, 2021), devido à ampla gama de instituições, com variadas propostas e formas de agir (MENEZES, 2010), estas aproximações e desavenças são moduladas por jogos, confraternizações e oportunidades ou não de confrontos entre os grupos. Compreendo, portanto, a pesquisa como uma oportunidade de aproximação. Isto pressupôs, para o estudo de campo, a preocupação de que este instrumento não visava criminalizar os bondes de pista e as torcidas organizadas, tampouco inferiorizá-los ou marginalizá-los frente a outros torcedores e associações civis. O respeito às torcidas organizadas e às vivências torcedoras e de sociabilidade que estas possibilitam é afirmado, portanto, neste estudo como uma postura política.

4.2 Bate Anda: preservando a essência

Devido à aproximação histórica por conta de uniões entre torcidas organizadas do Cruzeiro e do Flamengo, optei por começar um diálogo com o Bate Anda. Como, em geral, os membros do Bate Anda são integrantes ou ex-integrantes de torcidas organizadas do Flamengo, em especial, da Torcida Jovem do Flamengo (TJF), da Torcida Organizada Urubuzada (UBZ) e da Raça Rubro-Negra (RRN). Devido a uma amizade pessoal que possuo com a atual presidenta da Torcida China Azul (TCA) do Cruzeiro, consegui um primeiro diálogo com os flamenguistas, subsidiado pela aliança que a China Azul possui com a Urubuzada. As relações construídas por meio de alianças entre torcidas organizadas são bem fundamentadas na dissertação de Souza (2018), em que é mostrado que a aproximação que ocorre entre torcidas pode, em algum momento, se transformar em amizade pessoal entre os envolvidos.

A aproximação com a presidenta da TCA permitiu, ainda, uma entrevista sobre o seu trajeto como torcedora organizada, dificuldades, limites e possibilidades, até a chegada ao posto de a primeira mulher a presidir uma torcida organizada do Cruzeiro Esporte Clube. O diálogo deu origem ao trabalho “Pode uma mulher presidir uma torcida organizada?”, apresentado no XVI Encontro Nacional de História Oral: Pandemia e futuros possíveis, que foi realizado dos dias 25 a 28 de julho, no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Fundação Getúlio Vargas (FGV) Campus Candelária – ocasião na qual estive junto com a pesquisadora e torcedora do Clube Atlético Mineiro, Marina Dantas, representando o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da UFMG.

Assim, no dia 22 de junho de 2022, a referida presidenta da China Azul mediu o diálogo com um dos integrantes do Bate Anda e líder da UBZ no Méier – Adílio. O cenário deste encontro foi o primeiro jogo da Copa do Brasil de Futebol Masculino, entre Atlético Mineiro e Flamengo. A ocasião propiciou a autorização para o contato com as lideranças do grupo e a imersão no ambiente do Bate Anda.

Durante a incursão no Rio de Janeiro, por ocasião do XVI Encontro Nacional de História Oral: Pandemia e futuros possíveis, o contato com o líder da UBZ do Méier se repetiu, acompanhado do convite para visitar e assistir ao jogo entre Flamengo x Athletico Paranaense na Sede da UBZ. Após a partida, conheci outros integrantes do Bate Anda, que também fazem parte da UBZ; comentei sobre a pesquisa com eles e conversei a respeito de questões específicas do Bate Anda, da arquibancada do Flamengo e até mesmo da sociabilidade que possuem com integrantes do Sobranada 1902, como o fato de alguns treinarem na mesma academia.

Esta convivência é uma forma de relação entre membros rivais que até então eu desconhecia, apesar da minha vivência como torcedor organizado e estudioso do tema. Contudo, é algo bem detalhado no doutoramento de Coelho (2016), que aborda as questões dos bailes de corredor, da formação do Lado A e Lado B e das complexas rivalidades existentes entre os membros que ora estão no mesmo lado no baile, ora se enfrentam representando torcidas organizadas rivais.

Ainda na imersão ao Bate Anda, no dia 22 de outubro de 2022 o trabalho de campo realizado foi na partida entre América Mineiro x Flamengo, no Estádio

Independência, válida pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino. Esta ocasião, por intermédio da presidenta da China Azul, me permitiu conhecer o ex-presidente da UBZ que também é membro do Bate Anda. O diálogo abriu espaço para entrevista com a liderança, desde que presencial, em um local escolhido por eles. Esta foi uma medida de segurança tida como indispensável, devido à ampla criminalização que sofrem e o receio de informações falsas serem propagadas, como relataram ter acontecido em entrevistas para canais de televisão.

É interessante perceber que a maior parte dos membros do Bate Anda também é membro da UBZ e de outras torcidas organizadas do Flamengo. Por isso, a sede de uma dessas torcidas organizadas também é um importante ponto de encontro de membros desse movimento. O Bate Anda e demais torcidas organizadas do Flamengo vêm sofrendo uma forte repressão das autoridades cariocas e nacionais, principalmente após o jogo entre Flamengo e Vasco, válido pela semifinal do Campeonato Carioca de Futebol Masculino de 2023. Essa perseguição veio a ser motivo para que o Bate Anda excluísse a sua conta oficial no *Instagram*, que voltou ao ar no meio de julho de 2023, após alguns meses de inatividade.

O Bate Anda é um movimento de torcedores organizados do Clube de Regatas do Flamengo, que surgiu no ano de 2016, na cidade do Rio de Janeiro. São dois os contextos de criação do grupo: o primeiro são os constantes confrontos internos entre duas torcidas organizadas do Flamengo - a Torcida Jovem e a Raça Rubro-Negra. Por vezes, ambos os grupos entraram em conflito nas arquibancadas do Maracanã, de outros estádios e nos trajetos para os jogos, o que atrapalhou a dinâmica da arquibancada flamenguista, seja pela insegurança que trazia para os torcedores que nada tinham a ver com as contendidas ou pelo fato de as brigas gerarem punições para as entidades. O segundo fator que motivou a criação do Bate Anda é a ascensão do Sobranada 1902 (grupo do Fluminense) e da ideologia que eles pregam, no que diz respeito aos confrontos limpos, sem emboscadas, à preservação das vidas e à ideia de jogo por meio dos confrontos (Coelho, 2016). Isso fez com que os torcedores flamenguistas, insatisfeitos com as pistas das torcidas organizadas do Flamengo, no que se refere às emboscadas, utilização de armas de fogo e mortes, resolvessem formar um grupo que rivalizasse com o Sobranada 1902, mas que partilhasse de códigos de conduta parecidos.

Desta forma, surge o Bate Anda, formado por torcedores de três torcidas organizadas do Flamengo (Urubuzada, Torcida Jovem e Raça Rubro-Negra) que têm como intuito resgatar a paz e a unidade da arquibancada do Flamengo, além de preservar a essência das pistas que eles consideram que foi perdida pelas torcidas organizadas. O fato de membros e até mesmo lideranças de três torcidas rubro-negras formarem o Bate Anda permitiu o maior diálogo entre os grupos nos últimos anos, possibilitando com isso que os confrontos internos diminuíssem.

Dentre os bondes de pista, o Bate Anda se mostra o mais fechado, já que não aceita a presença de mulheres em seu corpo integrante, não tem a ideia de aumentar o seu quadro de membros, não possui uma atuação vigente nos jogos do Flamengo, se reúne apenas em jogos que possuem grandes rivalidades torcedoras e que as chances de brigas contra torcidas rivais são reais. As mulheres que possuem uma relação de proximidade com o Bate Anda, são aquelas que estão presentes em torcidas organizadas do Flamengo e/ou possuem relacionamentos pessoais com integrantes do grupo.

O Bate Anda não está constantemente nas arquibancadas e em outros ambientes, como os outros bondes de pista que se destacam também em caravanas, ações sociais e treinamentos de artes marciais que servem de preparação física e mental para os confrontos. Isso não quer dizer que os membros do Bate Anda não se preparam para as brigas, seria negligente afirmar isso. Na verdade, essa preparação não é institucionalizada como em outros grupos estudados. O que posso afirmar é que essa organização ocorre de maneira individualizada por seus integrantes e de forma coletiva dentro das torcidas organizadas que eles fazem parte.

O interessante é que a Torcida Urubuzada – a qual contém dezenas de membros do Bate Anda – não é uma entidade que tem a pista como uma prioridade. Eles se intitulam como uma torcida de família, onde mulheres possuem cargos de lideranças (movimento contrário do que ocorre nas torcidas de pista), inclusive, atualmente, a Urubuzada possui uma presidenta, o que é raro de se observar em torcidas organizadas brasileiras, nas barras sul-americanas e nos *hooligans* e ultras europeus. Por isso, os membros da Urubuzada que têm a briga como uma parte importante de suas trajetórias torcedoras, entendem o Bate Anda como um complemento de suas vivências. Já a Torcida Jovem do Flamengo e a Raça Rubro-Negra são torcidas de pista e, portanto, possuem atividades de defesa pessoal e

preparação física para deixar aptos os seus integrantes. É nesse sentido indireto que as preparações do Bate Anda acontecem.

Para mais, o bonde de pista flamenguista possui uma presença discreta nas redes sociais (*Instagram* e o *X*), o que os difere de outros bondes de pista. Um dos motivos é, justamente, que o grupo não pretende se expandir, por isso não tem a necessidade de postar as suas ações para angariar visibilidade e atenção de futuros membros. Outro ponto é que a criminalização e perseguição a grupos torcedores no estado do Rio de Janeiro é algo tocante, o que faz com que o Bate Anda se proteja de possíveis investidas das autoridades contra os seus membros. Quando fotos são colocadas em sua conta oficial no *Instagram*, a identidade dos presentes é protegida com os seus rostos tapados com a imagem de um urubu (mascote do Flamengo).

Dessa maneira, a entrada para o Bate Anda se mostra burocrática, já que o novato necessita de um padrinho (membro do Bate Anda com um histórico no grupo) que o indique, devido ao histórico que este torcedor já possui nos confrontos contra os rivais. Além disso, não basta somente ter a disposição e a coragem para estar presente nas pelejas, mas os corpos dos partícipes devem estar hábeis para os distintos momentos que uma pista pode apresentar, como ter que recuar em dados momentos, fugir do local dos embates para não sofrer sanções policiais e aguentar os golpes sofridos.

O lema de preservar a essência está atrelado à ideologia do grupo. Eles entendem que se diferenciam e se destacam das torcidas organizadas justamente porque não buscam vencer a qualquer custo, de modo a preservar uma essência construída pelos *Hooligans* (Dunning, 1994; Giulianotti, 2002) e *Ultras* (Dyal, 2018), em que nas brigas sentimentos de coragem, disposição, valentia e honra (Pitt-Rivers, 1992) devem estar presentes. Estas vivências e tradições estão atreladas às normas de conduta descritas por suas lideranças em entrevista para os canais *ESPN* (Teixeira, 2021). Na referida ocasião, eles deixam claro que a ideia é confrontar os grupos rivais, no entanto sem desrespeitar e ferir preceitos que não fazem parte do estilo de vida que eles possuem, protagonizando brigas limpas onde somente os corpos dos praticantes são utilizados para atacar e defender.

Em síntese, o Bate Anda se organiza a partir de uma lógica da guerra (Dyal, 2018), como os demais bondes de pista, torcidas organizadas, *hooligans*, *ultras* e barras sul-americanas que reconhecidamente encaram as brigas como importante

elemento de sociabilidade (Teixeira, 2003). Contudo, o Bate Anda traz para si um protagonismo na pista no que diz respeito às vivências que alguns dos seus membros tiveram nos bailes de corredor cariocas (Cymrot, 2012; Coelho, 2016) e com as culturas de trocação – ato de brigar na mão, portanto, sem a utilização de quaisquer artefatos que não sejam os corpos dos partícipes das contendidas – e de negação às covardias que essas formas de lazer do início dos anos 2000 permitiam aos seus frequentadores. Vale dizer que o desejo por brigas limpas está atrelado também às torcidas organizadas e grupos torcedores de outros países. Entretanto, devido aos confrontos filmados e que virilizaram nas redes sociais, o Bate Anda e o Sobranada 1902 ganharam notoriedade e ficaram conhecidos em diferentes culturas torcedoras como sujeitos que brigam na mão e que têm uma ideologia que é entendida como a ideal.



Figura 1 – Bate Anda em jogo contra o Atlético Mineiro pela Copa do Brasil em 2022.

Fonte: Instagram oficial do Bate Anda.

4.3 Sobranada 1902: orgulho de não ser como vocês

O Sobranada 1902 é formado por ex-integrantes da Torcida Young Flu (TYF), principalmente dos núcleos de Copacabana e Jacarepaguá. Para a entrada no grupo do Fluminense, a mediação do pesquisador do GEFuT e torcedor tricolor, Renato Saldanha. Este, além de frequentar a maioria dos jogos do Fluminense no Maracanã, possui um contato próximo com um membro do Sobranada 1902 e o informou sobre a minha pesquisa, conseguindo autorização para a pesquisa de campo.

Assim, no dia 01 de agosto de 2022, a primeira conversa com uma pessoa importante do Sobranada 1902 aconteceu, o Didi. Ele é líder de outro grupo de torcedores organizados e comuns do Fluminense que tem como finalidade auxiliar na divulgação e organização das canções que são entoadas nas partidas do clube, a Fanfarra Tricolor. O primeiro contato serviu para apresentação do estudo e solicitação de entrevistas com as lideranças dos bondes de pista, além de acompanhamento de jogos, festas, ações sociais, caravanas e pistas.

No dia 08 de janeiro de 2023, mediado por uma torcedora organizada do Cruzeiro, realizei um contato com o Rondinelli, líder da Torcida Fla - Nova Geração do Flamengo. O objetivo era contar com a ajuda do Rondinelli para chegar até o seu amigo de infância, Washington – um dos líderes do Sobranada 1902 –, que, no passado, também foi Monitor do Núcleo da Tijuca da Young Flu.

Após algumas conversas com o Rondinelli e com o Didi, foi marcado um encontro com o Washington, um dos fundadores e principais referências do Sobranada 1902. Washington é um profissional de Educação Física, que dá aulas particulares de boxe em diferentes contextos do Rio de Janeiro. Isso quebra mais uma vez o estereótipo que é reforçado pelas autoridades e a mídia a respeito das organizações torcedoras e dos bondes de pista. Vale ressaltar que este paradigma já vem sendo desmentido por diferentes estudos científicos, no que se refere ao contexto das torcidas organizadas e de outras agremiações (Teixeira, 2003; Lopes, 2013; Lopes & Hollanda, 2018; Hollanda & Teixeira, 2022).

Após eu ter apresentado o meu estudo para o Washington, ele me convidou para participar de uma aula de boxe com a sua turma. Comparo essa situação com a experiência de campo de Wacquant (2002), em razão de sua inserção no boxe e os testes que passou para ser reconhecido como alguém de dentro e um membro efetivo do *gym* que tinha ingressado. Vale dizer que nas aulas ministradas pelo Washington existem membros do Sobranada 1902, como também membros de torcidas rivais ao grupo tricolor, afinal aquele é um espaço em que as pessoas se matriculam e realizam aulas e treinos voltadas para a saúde, defesa pessoal, competições amadoras e profissionais de boxe.

No segundo semestre de 2023, surge a oportunidade de acompanhar o Sobranada 1902 e suas atividades antes, durante e depois do jogo entre Fluminense x Flamengo, válido pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino. Durante a minha estadia no Rio de Janeiro, a diretora da Força-Flu, Formiga, e outras lideranças do Sobranada 1902 possibilitaram uma visita na sede social do Fluminense, em Laranjeiras, para conhecer a sala de troféus, o estádio e para realizar as entrevistas com o Assis e a Sissi, lideranças do bonde de pista tricolor.

O fato de vivenciar o poder político que eles possuem dentro do Fluminense, com acesso ao clube social e conhecimento amplo da maioria das pessoas que ali trabalham. Ainda, o que chama atenção da fala do Assis é o fato do Sobranada 1902 ser composto por onze lideranças, dentre elas uma mulher. O que percebo como uma conquista, devido ao ambiente machista que ainda é o futebol, as torcidas e os bondes de pista. Ele afirma que ela é quem administra as redes sociais do Sobranada 1902 em conjunto com uma liderança identificada pelo gênero masculino, trabalha no site do grupo, organiza as caravanas e está envolvida na pista, negando o estereótipo dado pela sociedade de uma feminilidade frágil e que, por isso, deva ser preservada e protegida (Goellner, 2005).

Foi a influência de Sissi, uma das lideranças do Sobranada 1902, que favoreceu o contato com o Imperador, um dos líderes do Bate Anda. Apesar dos contatos anteriores com os flamenguistas, algumas lideranças do Bate Anda estavam relutantes em participar do meu estudo, devido ao aumento da criminalização que as torcidas organizadas cariocas estavam passando, sendo colocadas pelo poder público como organizações criminosas. Contudo, Sissi foi essencial nas negociações, informando sobre a veracidade e seriedade do meu estudo, além de garantir que ele tinha o foco de dar voz aos bondes de pista e não os criminalizar e julgar como outros aparatos midiáticos já fizeram.

O Sobranada 1902 é fundado no ano de 2015, diante de um contexto de crise do Grêmio Recreativo Social e Cultural Torcida Organizada Young Flu (TYF). Isso explica o fato de boa parte de suas lideranças atuais serem ex-membros da referida organizada do Fluminense. Tal conjuntura fez com que, no ano de 2014, alguns núcleos da TYF comesçassem a agir de forma independente, sem respeitar a direção geral da torcida.

Foi exatamente um desses grupos que começou a agir de maneira individualizada e, tempos depois, acabou por dar origem ao movimento independente contra o futebol moderno, Sobranada 1902. O grupo se localizava em Copacabana e tinha como liderança um jovem formado em *marketing*. Ele observou que *hooligans* do leste europeu tinham sua própria marca de roupa e a comercializavam para outros torcedores, como forma de aumentar o alcance e captar lucros. Diante disso, resolveu criar uma marca própria para o seu grupo, desenhou a logo e colocou como nome uma gíria interna: “Sobranada”.

A origem do termo é uma brincadeira entre os membros, visto que eles iam para as festas e bares da Zona Sul carioca, bebiam bastante e, por isso, “não sobrava nada”. Já o 1902, que aos poucos foi sendo anexado ao nome do grupo, refere-se ao ano de fundação do Fluminense Football Club, tornando-se uma marca que representa o Sobranada quando este é proibido de colocar o seu nome em suas faixas, por exemplo, nos jogos no estado do Rio de Janeiro. Este impedimento vem do Ministério Público carioca, já que o bonde de pista tricolor não tem CNPJ e, consequentemente, não é cadastrado junto às autoridades responsáveis.

Dessa maneira, eles começam como uma marca de roupa, em que as camisas da Young Flu do núcleo de Copacabana tinham uma etiqueta escrito “Sobranada”. Nota-se, assim, que o movimento se inicia devido a uma jogada de *marketing* de seu principal líder à época e não com o intuito de ser a “Tropa de Choque da torcida do Fluminense”.

Nesse contexto, no ano de 2014 ocorreu uma eleição na Torcida Young Flu e a chapa apoiada pelo núcleo de Copacabana perdeu. A nova direção, ao assumir, teria dito que a camisa com a etiqueta “Sobranada” não era bem-vinda na sede social da torcida. Com isso, foi realizada uma reunião interna do pessoal de Copacabana, até aquele momento, 5º Núcleo da Torcida Young Flu, e ficou decidido que eles, a partir daquela data, seriam um movimento independente.

O Sobranada 1902 é relativamente pequeno em número de integrantes, quando comparado a outras torcidas organizadas. Porém tem como diferencial pessoas que são conhecedores dos fundamentos do *marketing* e isso possibilita que usem de estratégias na rede social, especialmente no *Instagram*, para dar visibilidade

ao grupo, engajamento na página, atrair torcedores do Fluminense – sejam organizados ou não – e para venda de materiais personalizados.

Nos anos do presente estudo, o Sobranada 1902 já se mostra como uma marca consolidada dentro da torcida do Fluminense. No que tange a isto, Washington destaca:

O surgimento do Sobranada veio um pouco antes do Bate Anda, em função de problemas internos na torcida do Fluminense. Na realidade, a gente começou a ir a jogo com o nosso pessoal e o nosso maior temor era a própria torcida do Fluminense. (Conversa via *whatssapp* em 23/10/2023).

As lideranças do Sobranada 1902 não assinaram o Termo de Ajustamento de Conduta, documento obrigatório para as torcidas organizadas em diversos estados brasileiros, inclusive no do Rio de Janeiro. Por esse motivo, eles se intitulam como um movimento independente contra o futebol moderno, que busca preservar ações dos *hooligans* (Giulianotti, 2002), das barras argentinas (Alabarces, 2004; Moreira, 2005; Zucal, 2006) e das próprias torcidas organizadas na década de 1970 e 1980 (Toledo, 1996; Hollanda, 2009; Lopes & Hollanda, 2018), no que diz respeito às brigas limpas contra grupos rivais. Dito isso, o Washington declara que:

... a gente se organizava para ir aos jogos, mas, preocupados com os nossos adversários na torcida do Fluminense. Estes acabaram sendo o pessoal que tinham assumido a Young Flu e tinham um problema pessoal com a gente. Então meu irmão, a gente ia para jogo saindo do Ponto A ao Ponto B para não arrumar problema com ninguém. Nessa começou a surgir os problemas com a torcida do Flamengo e depois com o Bate Anda, mas no caminho para o jogo e aí ficou famoso com a reportagem na *ESPN*. A nossa conduta sempre foi essa de não usar quaisquer tipos de artefatos, enfim, pôr a gente ser mais cascuado, fazer uma briga limpa né?! (Conversa via *whatssapp* em 24/10/2023).

É importante refletir na preservação da vida dos adversários, como mesmo mostra a reportagem da *ESPN*, também citada na presente dissertação e durante a fala das lideranças mais ativas do Sobranada 1902. O termo “cascuado”, utilizado por eles, deve ser entendido como: sujeitos experientes e que estão acostumados com essa cultura de pista presente há décadas nas torcidas organizadas. Por conseguinte, o bonde de pista tricolor também partilha da dinâmica dos bailes *funks* de corredor, da dicotomia de Lado A e Lado B (Cymrot, 2012), em que brigas entre dois grupos com números equivalentes de pessoas e com regras pré-estipuladas eram uma das principais formas de lazer de homens, jovens e periféricos do Rio de Janeiro no início dos anos 2000. Essa relação entre eles e os bailes de corredor é justificada, pois boa

parte dos integrantes do Sobranada 1902 são oriundos dos bailes e das contendadas entre bairros protagonizadas nesses eventos. Alguns, inclusive, começaram a frequentar um dos lados do baile, antes mesmo da própria Torcida Young Flu e, a partir, daquelas vivências começaram a levar aquela experiência para o futebol e o ambiente torcedor.

A respeito do não desejo de o Sobranada 1902 ser uma torcida organizada, o Washington aponta:

... o pessoal vai envelhecendo, pessoas já possuem 30 anos de arquibancada e muita gente acha que não é necessária uma renovação. A gente como um movimento, não é uma torcida e não tem uma necessidade de postergar por uns 50 anos e no momento que quisermos, podemos acabar. (Conversa via *whatssapp* em 23/10/2023).

No que tange ao Estatuto de Defesa do Torcedor e a recém sancionada Lei Geral do Esporte, que buscam tutelar e normatizar os comportamentos e as ações das torcidas organizadas brasileiras (Rezende, Saldanha & Silva, 2023), é observado, na fala do Washington, que ele enxerga facilidade na atuação do Sobranada 1902 justamente pelo fato do grupo não se entender como uma torcida organizada. A clandestinidade diante das autoridades traz uma notoriedade para o bonde de pista tricolor com os demais torcedores do Fluminense, permitindo com que eles sejam reconhecidos pelos seus pares e observados por um prisma que se mostra mais amplo do que aquele divulgado pelas autoridades e pela mídia. Outro ponto que explica a presença forte do Sobranada 1902 na torcida do Fluminense, é o fato dele se fazer presente em todos os jogos da equipe carioca, caracterizados pela faixa “1902”, que contém uma grafia em itálico que especifica o grupo.



Figura 2 – Faixa do Sobranada 1902 em partida como visitante.
Fonte: Instagram Oficial do Sobranada 1902.

O Sobranada 1902 tem como ideologia estar presente em todos os jogos do Fluminense. Como mandante, próximo à bandeira de escanteio que se localiza adjacente às cabines de imprensa do setor Sul do Maracanã. Contudo, como o grupo não é uma torcida organizada, não existe a obrigatoriedade de os membros assistirem aos jogos juntos, sendo facultativa a presença no local referido. Eles também não têm baterias, bandeiras de mastro e/ou faixas presentes nos jogos dentro de casa.

Já nos jogos fora de casa, eles levam a faixa escrita – 1902 em itálico com as cores verde, branco e grená. Apesar de não possuir CNPJ, conseguem um ofício para a liberação do material por meio de alguma torcida organizada do clube carioca, que envia o pedido da entrada da faixa assumindo a posse do material. Entretanto, todos que frequentam as partidas sabem que o 1902 representa a presença do Sobranada na arquibancada tricolor. Outra estratégia é adentrar às arquibancadas com faixas de mão do Sobranada 1902, devido ao tamanho reduzido desses objetos, o que tem se mostrado eficaz para burlar as revistas policiais.

Quanto às caravanas, Sissi afirma que o hábito de viajar não está na cultura das torcidas cariocas e que isso também se estende para a realidade do Sobranada 1902:

É nosso, não sei. A gente não gosta de sair de casa, nós temos tudo. praia, piscina, futebol, samba, favela para a gente se divertir. A gente tem tudo, por que vamos sair daqui? Sendo que podemos estar em uma favela, na frente da tv e vendo o Fluminense. Não tem essa necessidade. Só sentimos isso, por exemplo, quando o clube está pedindo. Estou falando pelo Sobranada, não pelos outros. Porque eles viajam mesmo, eles são todos malucos. Mas quando o time está ruim, o clube pede, aí começa aquela conversa para colocar ou não a caravana. A gente fecha um ônibus, aquelas 100 cabeças que rola, você sabe. (Sissi, Sobranada 1902, 20/10/2023).

Assis também afirma:

Nós temos uma pessoa responsável. Mas não é todo jogo, pois aqui no Rio de Janeiro a cultura é diferente. Então para fecharmos uma caravana é mais complicado. A gente organiza um mês e pouco ou menos. Dependendo do jogo só vão os braços mesmos, gostamos de ir sem escolta e à vontade. (Assis, Sobranada 1902, 20/10/2023).

Pelo fato de o Sobranada 1902 não ser uma torcida organizada, o grupo não tem a obrigatoriedade de pedir escolta para chegar nas partidas. As torcidas organizadas sofrem essa pressão, pois o ato de não pedir escolta para a polícia do estado que estão visitando pode acarretar punições aplicadas pelas autoridades. Se

algum confronto acontecer, fatalmente serão punidas. Já com o Sobranada 1902 isso não ocorre, já que eles se comportam como torcedores comuns e isso atrai a atenção de alguns torcedores organizados que optam por viajar nas caravanas do bonde de pista tricolor, acreditando que as chances de confrontos são maiores sem a presença da escolta policial.

O Sobranada 1902 é um bonde de pista, mas, como afirmado pelo Washington, o grupo entende a briga como uma consequência. Apesar de encararem as brigas como lazer e gostarem de um confronto limpo contra os seus rivais, eles possuem como estratégias na maioria das vezes não procurarem o confronto, não se deslocarem até o setor dos adversários, mas defenderem o território tricolor. Isso se dá pelo fato das experiências que suas lideranças adquiriram com as pistas, desde os momentos que eles ainda eram da Young Flu, o que fez com que entendessem que, por mais que eles gostem das brigas, não são todos os momentos em que se deve brigar. Quanto a isso, o Washington destaca:

... Com o tempo você aprende que tem dias que não dá. O bonde dos caras está maior, eles não compartilham desta questão da briga limpa. Ou até o fato do nosso bonde não estar com tanta qualidade para determinado momento. Então nesses dias a missão é apoiar o Fluminense e voltar em segurança para casa. Quando você é liderança de um grupo como o Sobranada, você tem que entender que trabalha com vidas e que, portanto, deve ter mais responsabilidade do que os demais membros. Estratégias devem ser montadas e seguidas, para que no final do dia, tudo saia como o planejado. (Washington, Sobranada 1902, 20/10/2023).

Os tricolores, com o tempo, aprenderam que não serão em todas as ocasiões que eles estarão em maior número. Afinal, os flamenguistas, seus rivais principais, superam-nos quantitativamente. Por isso, é esperado que o grupo deles também seja maior em boa parte dos momentos. Como nem sempre as brigas do Sobranada 1902 são contra o Bate Anda, eles supõem que não são em todas as ocasiões que códigos de conduta e honra (Pitt-Ravers, 1992) sejam respeitados. Por essa razão, precisam traçar suas próprias estratégias para garantir a segurança dos seus. Uma delas é o fato de que o Sobranada 1902 não age, mas reage, o que apresenta um ambiente mais controlado (Wacquant, 2002) e sem maiores surpresas. Outro ponto é que optam pela qualidade e não pela quantidade das pessoas que estão com eles, especialmente nas partidas consideradas com alta possibilidade de briga. Ou seja, a qualidade está refletida na presença de torcedores que estão aptos para as pelejas, que treinam fisicamente para os confrontos, que não irão recuar e tampouco abandonar um

componente. A partir desse fundamento, o Sobranada 1902, diferentemente dos outros bondes de pista, entende o confronto como uma possibilidade, já que os seus líderes buscam analisar cada situação de forma individualizada, de modo a compreender que, assim como no esporte, existirão outras oportunidades de confrontos contra os seus adversários.

Para além da pista, o Sobranada 1902 se mostra um grupo com outras formas de sociabilidade, sendo, inclusive, o único bonde de pista estudado que aceita menores de idade. Isso possibilita que o grupo também fique conhecido por sua confraternização antes e depois dos jogos e ações sociais. A respeito das últimas, estas são organizadas em datas festivas e tiveram uma crescente durante a pandemia de COVID19, momento em que os integrantes se organizaram, a fim de doar alimentos, máscaras, roupas e outros utensílios básicos para localidades carentes do estado do Rio de Janeiro. Estas foram amplamente divulgadas no *Instagram* oficial do Sobranada 1902, recebendo milhares de curtidas e centenas de comentários de apoio de torcedores do Fluminense e de outros clubes. Atualmente, as ações acontecem em datas específicas, como Dia das Crianças, Páscoa e Natal.

Os anos de 2023 e 2024 tornaram o Sobranada 1902 conhecido como o grupo que estimulou e coordenou as ações em brigas que tiveram considerada repercussão midiática, como a da final da Copa Libertadores da América de Futebol Masculino em 2023, entre torcedores do Fluminense e do Boca Juniors na praia de Copacabana no Rio de Janeiro³⁰, e confrontos com torcedores do Flamengo durante o Campeonato Carioca de Futebol Masculino de 2024. Esses conflitos chamaram a atenção das autoridades para o Sobranada 1902, ocasionando uma perseguição dos órgãos públicos às suas lideranças, de modo a pressionar os dirigentes do clube carioca em dar informações específicas dos líderes do bonde de pista tricolor.

Isso fez com que o Sobranada 1902, em uma decisão unânime de suas lideranças, optasse por encerrar as suas atividades oficiais no *Instagram*, por meio de uma nota oficial que agradece pelos anos de atuação na arquibancada do Fluminense e pelo apoio que eles receberam de todos os torcedores do clube carioca, sejam organizados ou não. Afinal, o Sobranada 1902, durante todos esses anos, constitui-

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mRRpINyaASI>. Acesso em: 10 de junho de 2024.

se não só como um bonde de pista, mas como um estilo de vida que tem a amizade, os treinamentos físicos, o combate, o apoio ao Fluminense e à organização de ações sociais como pilares da atuação dos seus membros.

4.4 Bonde do Braço Fino: troca soco e sai andando

O Bonde do Braço Fino, grupo formado por torcedores do Santos Futebol Clube, é o primeiro nesse formato no cenário brasileiro, com características próprias, como: a busca por brigas limpas – sem a utilização de armas brancas, de fogo e com a utilização dos corpos para ataque e defesa –, não possui CNPJ cadastrado junto ao Ministério Público do seu estado (no caso São Paulo) e detém uma estrutura hierárquica menos vertical quando comparado às torcidas organizadas, ou seja, não existe o cargo de Presidente e Vice, mas sim, a presença de uma diretoria formada por 15 pessoas que possuem o mesmo poder de voz.

O primeiro contato que tive com o Pepe, um dos líderes do BBF, foi no dia 08 de setembro de 2023, devido ao intermédio da Formiga, diretora da Força-Flu. Após mais de cinco semanas de negociações, no dia 26 de outubro, via google *meet*, realizei a entrevista semiestruturada com o grupo santista.

Pepe foi a ponte para o acesso aos grupos de pista do Nordeste (Ultras do ABC e Bonde da Aliança), devido a amizade que o BBF possui com a torcida organizada Fanatismo Justifica Tradição (TJF) – Náutico Até Morrer³¹, que, por sua vez, é aliada dos referidos bondes de pista do Nordeste.

Pepe informou sobre a existência de outros possíveis bondes de pista no Brasil, para além do BBF e dos grupos cariocas. Ele cita: o Comando Sul do Paraná Clube, o Bonde dos Hooligans do Fortaleza Esporte Clube, o Ultras do ABC de Natal e o Bonde da Aliança do Ceará Sporting Club. Contudo, após contato com uma das lideranças do Sobranada 1902, ele me informa que os grupos citados do Paraná Clube e do Fortaleza Esporte Clube haviam voltado para as mais numerosas torcidas

³¹ Desde 2023 este é o novo nome da Torcida Jovem Fanático. A medida do Ministério Público de Pernambuco extinguiu o CNPJ das três maiores torcidas organizadas de Recife: Torcida Jovem do Sport; Inferno Coral do Santa Cruz e Fanático do Náutico. Como maneira de continuarem existindo e de voltarem legalmente às arquibancadas, as agremiações tiveram que mudar de CNPJ e, consequentemente, de identidade visual. Assim, os seus respectivos nomes passaram a ser: Torcida Jovem do Leão; Explosão Inferno Coral e Tradição Justifica Fanatismo (TJF) – Náutico Até Morrer.

organizadas dos seus clubes: Fúria Independente e Leões da TUF, respectivamente, uma vez que, para se tornar um bonde de pista é necessária uma organização como grupo, uma independência financeira e um espaço conquistado na arquibancada perante as demais torcidas já existentes naquele cenário. Por isso, ambos não entraram no radar do estudo, já que o meu foco são os grupos independentes, que não se entendem como torcidas organizadas, coletivos e movimentos torcedores.

O Bonde do Braço Fino, também conhecido como BBF, surge em 6 de novembro de 2008, em um jogo entre Santos e Vasco da Gama. Rivalidade motivada por uma briga em 1994, em uma partida válida pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino. Na ocasião, o mandante era o clube carioca e, no intervalo do jogo, a torcida vascaína invadiu o setor da torcida do Santos na arquibancada. Acuados, os santistas buscaram refúgio no gramado do Estádio São Januário - local da partida. Os vascaínos também pularam para dentro do campo e o resultado foi uma briga de mais de cinco minutos que culminou em dezenas de pessoas feridas, principalmente integrantes da Torcida Jovem do Santos (TJS)³².

Apesar dos membros do BBF não terem participado do confronto contra a Força Jovem do Vasco (FJV) em 1994, percebo durante os trabalhos de campo que realizei com eles, que aquele confronto é presente na memória de pessoas que naquele ano eram apenas crianças. O sentimento de pertencimento e honra (Moreira, 2005), nesse caso, é o que modula as relações de antagonismo construídas desde então. Afinal, mesmo que não estivessem fisicamente naquele dia, ouviram histórias, conhecem pessoas que participaram do histórico enfrentamento e, por isso, se preparam para o momento em que eles poderão confrontar novamente os vascaínos. Diante disso, Pepe afirma:

Buscamos nos preparar fisicamente e mentalmente para os confrontos contra nossos inimigos. Em especial os da torcida do Vasco, que, mesmo não estando presente naquele dia, esperamos com ansiedade por essa revanche contra eles. Mas, agora em condição de igualdade e não como foi naquela ocasião. (Pepe, BBF, em entrevista realizada no dia 26/10/2023).

Para a entrada no BBF, o torcedor precisa ter um padrinho, ou seja, ser indicado por um membro que já está presente no grupo. Após esse primeiro momento, o torcedor fica em fase de teste por um número de partidas indefinidas, uma vez que as

³² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5BozIgPwEi0>. Acesso em 09-01-2024 às 08h26.

lideranças do bonde de pista santista analisam sua trajetória torcedora; seu histórico nas pistas e os motivos que o levaram a querer ingressar no BBF. A avaliação do torcedor também passa por sua atuação na arquibancada, seja por sua presença (obrigatória) nos jogos do Santos como mandante e nas caravanas para partidas fora de casa, especialmente naquelas com elevado risco de confrontos. Após todas as análises descritas, o torcedor é aceito ou não no BBF. Ainda é importante dizer que eles não aceitam mulheres em seu quadro de integrantes, sendo essa uma regra estabelecida desde a criação do bonde de pista santista.

O BBF é formado por ex-integrantes da TJS que se encontravam insatisfeitos com a conduta da diretoria da torcida na época e, por isso, resolveram criar um grupo entre eles, que pregava a pista limpa, sem covardias e sem a presença de armas de fogo. Além disso, naquele primórdio, o BBF tinha o intuito de atrair pessoas que gostavam de brigar, de transformar o prazer e a adrenalina presentes nos confrontos em um estilo de vida que unificasse as demais relações sociais do grupo. Por conseguinte, eles me afirmaram que em nenhum momento foram ou gostariam de ser uma oposição à hierarquia na arquibancada, nas caravanas e no poder simbólico que a TJS detém na torcida santista. Pelo contrário, pregaram desde o início uma cultura de unidade na torcida do Santos, seja entre torcedores organizados, coletivos e torcedores comuns.

Nos dois primeiros anos, o BBF fez parte da Sangue Jovem Santista (SJS) como um dos grupos da torcida. Em seguida, separou-se em definitivo, apesar de ainda possuir laços de proximidade com esta organizada, como em caravanas, confraternizações e na arquibancada. A respeito desse último ponto, Pepe, um dos líderes do BBF, informa que o grupo de pista santista compartilha do mesmo espaço na arquibancada da SJS, entoando as mesmas canções e auxiliando na padronização da cor branca das torcidas organizadas santistas de pista, ou seja, a Torcida Jovem e a Sangue Jovem.

Dentre os bondes de pista, o BBF é o primeiro no cenário brasileiro com o formato que apresento no presente trabalho. Grupo independente ao clube; não possui CNPJ cadastrado; encara a briga como lazer, com a premissa de entender os confrontos pela lógica do jogo e com uma estrutura hierárquica menos verticalizada do que a das torcidas organizadas. Contudo, um ponto que atribui certo pioneirismo

ao grupo santista é sua atuação na arquibancada. Haja vista que ele – o BBF – se posiciona sempre no mesmo local – arquibancada atrás do gol do vestiário mandante da Vila Belmiro Belmiro – Estádio em que o Santos manda os seus jogos, apesar de não existir uma obrigatoriedade dos seus membros assistirem aos jogos naquele espaço (ao lado da Sangue Jovem Santista).

Eles também têm como fundamento a presença em todos os jogos como visitantes, em que ao menos um representante do grupo deve levar a faixa da entidade. Outro ponto interessante é que o BBF, assim como outros bondes de pista, tem a sua faixa barrada nos jogos como mandante, já que não possui CNPJ e, portanto, não pode cadastrar os seus integrantes junto ao Ministério Público do seu estado. Sobre a atuação do grupo, Pepe comenta:

Hoje o BBF é denominado nessas ações: pista, acompanhar o Santos, ação social e local no estádio. Na Vila Belmiro, ficamos ao lado da Sangue Jovem do Santos, por conta de termos amizades lá. Quando saímos da Torcida Jovem, fizemos parte da Sangue Jovem, sendo um bonde dela. Aí hoje, como temos essa amizade muito próxima com eles, ficamos ali no canto e até cantando as músicas deles. (Pepe, BBF, em entrevista realizada no dia 26/10/2023).

Os bondes de pista, incluindo o BBF, têm os trabalhos sociais como elementos aglutinadores de seus processos de sociabilidade (Simmel, 2006). O grupo santista pauta suas ações nos feriados das cidades de São Paulo e Santos. Estas acontecem, principalmente, em datas comemorativas de final de ano, como Natal e Ano Novo. Apesar de reconhecer que as brigas são atos desviantes (Becker, 2019) para as autoridades e outros santistas, eles percebem nas ações sociais um elemento de unificação que consolida amizades entre os pares e respeito para com outros torcedores. Quando realizam essas atividades, não se importam com o clube que os beneficiados torcem, já que estão ali para ajudar o próximo, sem julgar e fazer distinções.

O bonde de pista santista possui elevado poder político dentro da arquibancada, já que detém um papel importante nas ações coletivas que as torcidas do Santos realizam, como presença em treinos abertos, cobrança de jogadores quando resultados negativos acontecem, apoio ao elenco no centro de treinamento e

aeroporto, caravanas e campeonatos internos de futebol. Eles também são reconhecidos pela diretoria do clube, sendo lembrados em diálogos sobre ingressos, locais em que as faixas serão posicionadas e viagens para acompanhar a equipe. Nesse sentido, Pepe comenta:

Gostamos de brigar, temos como lema trocar soco e sair andando. Até o Presidente do Santos conhece o nosso grupo, como aqueles caras de briga. No entanto, essa nossa presença na pista abre passagem para outros âmbitos dentro do clube, como respeito e contato com figuras importantes do Santos Futebol Clube. E, querendo ou não, isso facilita quando precisamos de cortesias para jogos fora de casa e/ou facilitação na compra de ingressos em partidas na Vila Belmiro. (Pepe, BBF, em entrevista realizada no dia 26/10/2023)

É interessante observar que o conceito do *tener aguante* (Zucal, 2006; 2010) está emaranhado nas relações torcedoras do BBF (Rezende, 2024), visto que suas lideranças atribuem o sucesso na pista como ponto-chave para eles terem uma inserção na política do clube e, conseqüentemente, atingir posições de destaque na hierarquia das torcidas santistas. A briga é valorizada nesse meio, mais ainda, ela é entendida como um elemento que distingue e algo necessário para que se construa uma relação de respeito com outros grupos que ali se encontram. Nesse sentido, dentre os bondes de pista, o BBF é o grupo que possui maior e melhor relação com a diretoria do clube que representa, o que também auxilia a ter uma presença marcante nas arquibancadas santistas, seja em jogos dentro ou fora de casa.

Por isso, em alguns pontos, o BBF se assemelha às torcidas organizadas (Teixeira, 2003; Lopes, 2013; Hollanda, 2016). Por exemplo, nas vestimentas específicas que diferenciam o grupo de outros torcedores; presença em todos os jogos da sua equipe; cânticos que exaltam o grupo e os confrontos que saíram vitoriosos; organização de caravanas; realização de ações sociais e presença em protestos contra mandos e desmandos da diretoria do clube. As caravanas merecem destaque nesse momento da escrita, já que se mostraram um como um ponto similar do BBF às torcidas organizadas, haja vista que o grupo tem como pauta estar presente em todas as partidas do Santos Futebol Clube, tendo lideranças que vivem o clube como única obrigação, fato que permite com que eles fiquem dias na estrada para marcar presença em jogos como visitantes. A ideologia do grupo está pautada no apoio ao clube, presença na arquibancada e pré-disposição para confrontar os seus rivais, o

que se assemelha às torcidas jovens que têm a pista como um elemento aglutinador de suas ações (Toledo, 1996; Teixeira, 2003).



Figura 3 – BBF em jogo como visitante contra o América - MG no ano de 2024.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Inclusive, essa forma de conduta foi um marco nas pistas brasileiras no século XXI, pois ela busca resgatar, justamente, questões que, à priori, o BBF e, anos mais tarde, os demais bondes de pista contestam nas torcidas organizadas. Para eles, as brigas, atualmente, se pautam em vinganças pessoais, fazendo com que a ideia de extermínio esteja presente entre as instituições e os seus membros, sendo esse um motivo que explica a presença de armas de fogo e armas brancas nos confrontos (Teixeira, 2021). Outro ponto é que, segundo eles, a culpa da criminalização dos grupos torcedores também é das torcidas organizadas de pista, já que as inúmeras emboscadas, utilização de armas de fogo e mortes motivaram a repulsa das autoridades, da sociedade civil e o estigma (Goffman, 1988) de grupos violentos que possuem.

Portanto, o risco é escolhido de maneira proposital por esses torcedores (Teixeira, 2021), dado o número de vezes que eles esperam e até buscam encontrar os seus rivais para demonstrarem superioridade na pista. A ideia de vivenciar o perigo, de sair da monotonia e de com isso buscar prazer em suas ações é bem fundamentada por Le Breton (2009) e é relacionada, nesse trabalho, ao contexto das brigas no futebol e ao sentimento de confiança que os torcedores têm em batalhas

contra determinados rivais em que as regras de conduta impostas são respeitadas em situações favoráveis ou não.

No entanto, o BBF, ao longo dos anos, entende que a ideia de uma briga limpa em muitas ocasiões se mostra utópica, já que boa parte dos seus rivais do estado de São Paulo e de outras localidades não compartilham das mesmas premissas e se utilizam de armas brancas e de fogo para ganharem os conflitos. Por isso, precisaram mudar um pouco a sua maneira de atuar:

Todos sabem que São Paulo, infelizmente, está no ritmo das barras de ferro, então não adianta você achar que vai encontrar um bonde na mão que não vai mais. Hoje os bondes são todos preparados, todos se estudam. Aí entra aquela frase que a gente fala que cada estado tem a sua lei e faz do seu jeito. Infelizmente, eu falo isso, porque eu sou uma das pessoas contra isso aí. Mas, mesmo que eu seja contra, não posso ser burro. Eu não vou para uma pista achando que o outro bonde estará na mão, porque, consequentemente, nós vamos perder. Assim como já aconteceu, de trombarmos nossos inimigos, a gente na mão e eles na barra, pedimos para eles largarem e infelizmente tivemos essa derrota em uma pista. Faz parte, foi um erro nosso que custou caro. Como eu disse, cada estado tem uma lei e faz de um jeito. Aqui, hoje, em São Paulo está nas barras, lá em Curitiba sai na mão, lá em Minas sai na mão, quando vamos para o Nordeste sai na mão. (Pepe, BBF, em entrevista realizada no dia 26/10/2023).

Os confrontos são os momentos em que os integrantes conseguem provar fidelidade ao grupo. A ideologia do BBF gera notoriedade para eles, pois o ato de sair na mão contra os rivais é um demonstrativo de coragem, de honra e de masculinidade (Dunning, 1994). Afinal, atirar em uma pessoa ou agredi-la em inferioridade numérica e/ou com ela fora de combate (caída, desmaiada) não é considerada uma atitude ideologicamente aceita pelo grupo, pois isso se opõe aos códigos de conduta que eles pregam e ao lema do grupo que, inclusive, alguns membros têm tatuado em seus corpos: troca soco e sai andando.

Fatos que corroboram com Moreira (2007) e com a lógica de que a violência deve ser contextualizada e entendida por meio de avaliações morais que os sujeitos possam produzir. Elias & Dunning (2019) chamam esses comportamentos controlados e combinados pelos grupos de códigos sociais, o que transfere para o contexto dos bondes de pista brasileiros, sem deixar de destacar suas especificidades.

As emboscadas e vinganças tornaram-se a marca de torcidas organizadas em todo território nacional. No ano de 2023, torcedores da Gaviões da Fiel do Corinthians foram surpreendidos por integrantes da Mancha Alviverde do Palmeiras, que, em

maior número, levaram vantagem no confronto e deixaram dezenas de corinthianos feridos³³. O fato chamou a atenção da mídia, visto que a briga aconteceu em uma via movimentada da capital paulista, assustando trabalhadores, comerciantes, moradores e motoristas que se encontravam nas proximidades.

Esse confronto fez com que uma organização criminosa fundada na cidade de São Paulo intervisse e proibisse as brigas no estado, o que foi confirmado por postagens nas redes sociais de torcidas organizadas que têm a briga como elemento aglutinador e do próprio BBF³⁴. O que mostra a considerável influência que essa organização paralela detém no torcer, haja vista que a questão da violência no futebol tenta ser combatida pelas autoridades por décadas e com apenas alguns dias os conflitos, ao menos por hora, foram interrompidos.

Em suma, o BBF é criado em 2008 e busca resgatar um código da briga que eles consideram que foi perdido, já que grupos passados tinham a ideia de vencer moralmente os seus rivais (Teixeira, 2021) e não de finalizá-los no campo de batalha. O último ponto para os bondes de pista é a expressão máxima da covardia, da judiaria e da falta de coragem, todas estas categorias, utilizadas pelas lideranças entrevistadas, exemplificam o ato de atirar no rival, demonstrando a ausência de masculinidade, de honra e apresentando a face mais dramática e impiedosa da violência no futebol, pois nesses casos não existe a possibilidade do rival se defender (Moreira, 2007; Teixeira, 2021).

Nesse sentido, é necessário que se busque compreender que o que é violento para a sociedade e para as regras que nela foram impostas, para os bondes de pista, nada mais é do que a demonstração legítima de um ethos torcedor baseado na paixão pelo clube e no prazer pelas brigas. No entanto, essas devem ser específicas, sendo o BBF o grupo que retoma esse sentido, anteriormente protagonizado pelas torcidas organizadas na década de 1980, pelas primeiras e segundas gerações das barras argentinas (Alabarces, 2004; Moreira, 2005; Zucal 2006; 2010; Cabrera, 2022) e pelos *hooligans* ingleses (Giulianotti, 2002).

³³ Disponível em: <https://www.otempo.com.br/sports/futebol/emboscada-da-mancha-alviverde-contra-gavioes-da-fiel-deixa-cinco-feridos-em-sp-1.2812314>. Acesso em 06-01-2024 às 10h33.

³⁴ Disponível em: <https://saopaulo.blog/2023/02/15/pcc-proibe-brigas-entre-torcidas-organizadas-de-times-de-futebol-em-sao-paulo-veja/>. Acesso em 06-01-2024 às 10h36.

Para mais, é necessário um adendo sobre o BBF e a sua atual situação dentro do cenário das torcidas brasileiras. Utilizo o termo torcidas, pois no dia 29 de janeiro de 2024 ocorreu uma reunião geral na qual os membros do grupo santista discutiram a mudança oficial do BBF para uma torcida organizada. O assunto em questão se inicia 15 dias antes, quando o Santos Futebol Clube convida as suas torcidas para uma reunião de planejamento anual e, dentre os pontos de pauta, surge a curiosidade de um diretor do clube de entender os motivos que faziam com que o BBF não estendesse sua faixa na Vila Belmiro. Assim, suas lideranças presentes na referida reunião explicaram que, como eles não eram uma torcida organizada, dentro do estado de São Paulo eram proibidos de colocarem sua faixa. Contudo, em jogos como visitantes em dados momentos eles entravam com o respectivo patrimônio, apoiados quando outra organizada santista (na maior parte das vezes a Sangue Jovem do Santos) enviava o ofício para as autoridades em relação a liberação dos materiais e, dentre outros, colocava o do BBF.

Dois dias depois do citado encontro, o diretor do Santos Futebol Clube convocou outra conversa, dessa vez entre as torcidas do clube, o Ministério Público de São Paulo e a Polícia Militar. Na ocasião, o ponto de pauta era discutir a situação do BBF, liberar os materiais do grupo para a partida do dia 25 de janeiro na Vila Belmiro e realizar o convite formal para que o BBF fizesse a transição de um grupo que, historicamente, agiu na clandestinidade para se tornar de fato uma torcida organizada.

Diante disso, no dia 29 de janeiro, destaco que os líderes do BBF em conjunto com os demais membros presentes, optaram por, após mais de 15 anos de existência, tornarem-se uma torcida organizada e aceitar as imposições do poder público, como o registro de um CNPJ e o cadastramento dos membros no Ministério Público do estado. Ademais, em conversas com o Pepe – um dos líderes do BBF – e ao acompanhar a nota oficial que o grupo postou em seu perfil oficial do *Instagram*, observa-se uma preocupação de deixar claro que a ideologia inicial de pista não será deixada de lado e esclarecer que a mudança para torcida organizada nada mais representa que o reconhecimento de um trabalho feito há mais de 15 anos e que possibilitará – ao menos eles esperam – uma maior representatividade e poder político na arquibancada santista. Por fim, é necessário salientar que a citada mudança para

uma torcida organizada no atual momento se encontra estagnada, devido aos jogos e viagens constantes que o BBF vem fazendo para acompanhar o Santos Futebol Clube na Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino de 2024.

4.5 Ultras do ABC: amizade & respeito – 1915

A entrevista com os Ultras do ABC foi realizada no dia 08 de novembro de 2023, via google *meet*. Na oportunidade conversei com uma liderança dos Ultras do ABC de Natal, que é oriundo da Garra Alvinegra, antiga Gang Alvinegra. A mudança de nome ocorreu no ano de 2004, devido ao CNPJ da organizada em questão ter sido extinto pelo Ministério Público do Rio Grande do Norte, por conta do envolvimento da Gang Alvinegra em brigas e mortes de torcedores na cidade de Natal e em outras cidades nordestinas.

A cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte, abriga uma importante rivalidade clubística. Trata-se do clássico entre ABC e América de Natal. O ABC possui como torcida organizada de pista a Garra Alvinegra. Já o América de Natal, tem a Máfia Vermelha como torcida organizada, para quem a briga é um importante elemento de atuação. Nesse sentido, as entidades citadas alimentam uma rivalidade histórica que se formou pelos duelos entre ambos os clubes e por inúmeros confrontos e relações antagônicas com outras torcidas organizadas do Brasil.

As torcidas organizadas de pista do ABC e do América de Natal nascem no ano de 1991. A Gang Alvinegra (hoje Garra Alvinegra) surge meses antes da Máfia Vermelha, o que mostra como a disputa entre os clubes motiva e movimenta os seus torcedores. Como a Síndrome do Beduíno³⁵ (Souza, 2020) explica, estas torcidas possuem alianças antagônicas que, ao longo dos anos, se formaram em diferentes praças esportivas do Brasil.

Devido ao antagonismo exacerbado, ao longo das décadas ocorreram variados confrontos entre as torcidas do ABC e do América, que por vezes culminaram em óbitos. Esses acontecimentos deixaram sentimento de vingança entre os torcedores e atraíram a atenção das autoridades policiais e de outros órgãos responsáveis pela

³⁵ A Síndrome do Beduíno para Souza (2020), é entendida por relações de amizade e inimizade entre torcidas, como: o amigo do meu amigo é meu amigo; o inimigo do meu amigo é meu inimigo; o amigo do meu inimigo é meu inimigo.

segurança pública do estado do Rio Grande do Norte. Esse processo de criminalização, assim como no Rio de Janeiro, abriu caminhos para a criação de outros grupos, seja para burlar o sistema que perseguiu e puniu as torcidas organizadas, seja para questionar o *modus operandi* delas nos confrontos. Nesse cenário, destaco os Ultras do ABC, bonde de pista criado por ex-integrantes da Garra Alvinegra que não concordavam com as formas como as brigas estavam acontecendo, com a presença de armas de fogo, armas brancas, emboscadas e mortes.

Diante desse contexto de insatisfação interna na Garra Alvinegra, os Ultras do ABC surgem em 31 de janeiro de 2017. O grupo é formado por torcedores que eram de Comandos (subgrupos) da Garra Alvinegra, como o Comando Oeste. Os Ultras são um bonde de pista, portanto, existe a obrigatoriedade que os seus membros participem de confrontos contra os seus rivais. Afinal, as brigas são entendidas como práticas de lazer conscientes, lúdicas, de extravasamento e de pertencimento a um estilo de vida que deve ser preservado com regras de condutas que ambos os lados precisam respeitar.

Como mesmo fala um dos líderes dos Ultras do ABC, eles foram inspirados pela atuação de bondes de pista que já existiam no Brasil, por suas ações e ideologia nas pistas:

Quando fomos começar aqui, nos inspiramos no pessoal do Rio, porque o movimento deles já tinha iniciado. Fomos com esse intuito também, por alguns protestos contra o futebol moderno, contra questões de arbitragem muitas vezes em jogo, porque aqui no Nordeste, principalmente, em jogos grandes nosso time é muito prejudicado, todos sabem disso. Não é só com a gente e, sim, com vários outros. Mas nos intitulamos sim, temos esse pensamento como eles lá do Rio. Até porque, eles já são bem maiores, têm mais tempo, mais organizados. Quando fomos criar o nosso movimento, buscamos saber sobre o nome, o lema e fomos observando como eles faziam lá no Rio, a ideologia. (Alberi, Ultras do ABC. 30/10/2023).

Quando observo o processo de criação dos Ultras do ABC e analiso a utilização da nomenclatura 1915, percebo que os bondes de pista, assim como o Sobranada 1902, têm uma forte influência das torcidas organizadas. Por exemplo, no que diz respeito à colocação do nome composto por um ano com elevada representatividade, como a data de fundação do clube ou do grupo. Nesse caso específico o ano é 1915. A Garra Alvinegra também utiliza o mesmo ano em alguns dos seus materiais, como

em bonés e camisetas da entidade. A escolha do 1915 se justifica por este ser o ano de fundação do ABC Futebol Clube, assim como o 1902 representa o ano de fundação do Fluminense Football Club.

A respeito dos materiais, os Ultras têm o costume de levar faixas e bandeiras para as arquibancadas do Frasqueirão³⁶. Apesar do grupo não possuir CNPJ, ele consegue a liberação dos materiais por meio do ofício que outra torcida organizada do ABC envia para as autoridades³⁷ e pela facilidade que recebem da diretoria para a entrada dos seus patrimônios (faixas, bandeiras) em jogos dentro de casa. Contudo, Alberi (uma das lideranças dos Ultras do ABC) aponta que as brigas servem como modulador para a entrada ou não dos materiais.

... Nos últimos jogos a polícia vem barrando os nossos materiais, pois invadimos o estádio do rival antes do último clássico e pegamos a faixa deles. Eles colocaram a faixa e a gente invadiu lá com a roupa deles, pegamos a faixa principal e ela sumiu. Aí depois disso, a polícia barrou os nossos materiais. (Alberi, Ultras do ABC. 30/10/2023).

Sobre a criação do nome Ultras, Alberi conta que:

A princípio foi uma votação. Como aqui o nosso rival da Zona Sul se intitulava como hooligans, procuramos algum nome para fazer uma analogia, mas sem copiar eles. Com isso, vimos o movimento dos Ultras, que é como se fosse o movimento dos hooligans, mas de outros países da Europa. Buscamos uma forma diferente, porque também prezamos por torcer por nosso time e não só aparecer quando tem pista. A princípio íamos ficar apenas com o nome Amizade e Respeito 1915, que é o ano de fundação do ABC. Ficou nessa, mas um pessoal gostou do nome Ultras, no grupo tinham poucas pessoas. Fomos discutindo, até que chegamos a um acordo e colocamos o nome Ultras 1915. O nome bonde veio depois. Foi algo dado, que falavam sobre o grupo que criamos, quando nos viam juntos chamavam a gente de bonde e perguntavam o nosso nome, Ultras. Aí ficou o bonde dos Ultras. (Alberi, Ultras do ABC. 30/10/2023).

As relações antagônicas moldam as manifestações torcedoras e têm a capacidade de influenciar até os nomes escolhidos, como no caso exemplificado. Assim, existe o desejo e a necessidade de se colocar no lado oposto ao do rival e de se mostrar disponível para ir contra este não somente na pista, mas em outros momentos, como na ideologia, nas fabricações de bandeiras, faixas, roupas, bonés, adesivos e na criação de cânticos. Isto evidencia o fato de que apesar dos Ultras do

³⁶ Estádio Maria Lamas Farache, apelidado de Frasqueirão, foi inaugurado em 22 de janeiro de 2006 e desde então é o local onde o ABC Futebol Clube manda os seus jogos.

³⁷ Estratégia que também é utilizada por outros bondes de pista e por torcidas organizadas que se encontram punidas pelos órgãos de segurança responsáveis.

ABC terem como foco principal a pista, outros processos de sociabilidade (Simmel, 2006) estão presentes nesse emaranhado de relações que conduz o comportamento dos seus membros. Tendo em vista que no tempo em que não estão confrontando os seus rivais, traçam estratégias para tais ações, preparam-se para os embates, criam laços de amizade com os seus companheiros, realizam confraternizações e apoiam o clube que torcem.

As brigas, certamente, se mostram como o principal processo de socialização dos Ultras. Ou seja, é a partir da disposição para os confrontos, de ser bem-sucedido nos mesmos que um integrante ganha respeito e assume posições de prestígio dentro do grupo. Até por isso os Ultras se mostram um grupo mais fechado, quando comparado ao Sobranada 1902. Não é todo torcedor do ABC que pode participar e os que desejam entrar passam por um processo de aceitação e testes para ter acesso a informações privilegiadas, de modo a se tornar merecedor de conviver com o restante dos membros.

Esta é uma estratégia utilizada por eles, já que, para a sociedade, outros torcedores do ABC, a imprensa e as autoridades, seus atos são considerados desviantes. Corroboro com a teoria de Becker (2019) sobre o desvio, por isso é interessante dizer que, sob o prisma dos bondes de pista, aqueles torcedores que não priorizam as brigas e aqueles que têm códigos de conduta que eles enxergam como covardia também são vistos como desviantes. Tudo depende da ótica de quem analisa as relações e de quem tem o poder de construir leis e regras.

Dentro dos Ultras, as normas são constituídas por suas lideranças, logo aqueles novos integrantes que desejam fazer parte do grupo precisam estar de acordo com os códigos que ali se apresentam, como a obrigatoriedade de participar da preparação dos confrontos (treinos, reuniões, caravanas, caminhadas do grupo pela cidade) e das brigas. Os membros também devem se mostrar aptos a defender os patrimônios do grupo, como suas bandeiras e faixas – já que, para eles, assim como para as torcidas organizadas, a questão da preservação dos materiais é sagrada. Quando um torcedor perde algum adereço do grupo para o seu rival, isto é visto como um sinal de desonra e humilhação, pois as camisas, bandeiras e bonés, por exemplo, são vistos pelos rivais como troféus e símbolos de superioridade (Moreira, 2005;

Hollanda, 2017). Em relação a isso, percebo a preocupação na fala do Alberi, quando ele explica os motivos das vendas restritas de materiais:

É, mano, material é complicado, é uma bandeira, o nosso manto. Quando criamos o nosso bonde, passamos cerca de cinco a seis anos sem perder nenhum material. Justamente porque o nosso pessoal sempre foi muito selecionado. A partir do momento em que começamos a vender para um pessoal não tão selecionado, aconteceu de perdermos duas camisas. Outra foi em um jogo, em que os rivais arrombaram o carro, enquanto assistíamos o jogo. Jogaram uma pedra no vidro, pegaram uma camisa que estava na mala e sumiram. (Alberi, Ultras do ABC. 30/10/2023).

Dito isso, os membros que não conseguem defender os seus materiais e/ou por algum motivo os perdem para os rivais acabam por sofrer sanções do grupo, como: suspensão das atividades, proibição de ir às caravanas e até mesmo expulsão. Em síntese, os Ultras possuem uma ideologia baseada na pista, esta também é comum a algumas torcidas organizadas. Todavia, o que os diferencia da Garra Alvinegra e outras torcidas organizadas de pista é o fato de os primeiros presarem por uma briga limpa, sem a utilização de artefatos que lhes deem vantagens durante as contendas. Ideologia esta que os Ultras do ABC afirmam ter sido influenciada pelos bondes de pista do Sudeste e a cultura dos bailes *funks* de corredor (Cymrot, 2012). Já os segundos – torcidas organizadas de pista – apesar de também terem as brigas como elementos de pertencimento, buscam vencer os confrontos a qualquer custo, observando esses momentos como possibilidades de vinganças pessoais e extermínio dos rivais.

Ainda que a ideia de brigas limpas e justas dos Ultras do ABC e demais bondes de pista seja pouco difundida para as torcidas organizadas, a mensagem vem sendo transmitida. Isso ocorre, principalmente, pelas redes sociais, com fotos e vídeos de confrontos onde torcedores desacordados não foram espancados. Este aspecto gera notoriedade, respeito e representatividade para o grupo, pois eles são vistos por seus pares como aqueles torcedores que têm disposição para brigar e que, ao mesmo tempo, seguem códigos sociais (Elias & Dunning, 2019).

Embora, essas condutas não sejam respeitadas pela maioria das torcidas organizadas, já é possível notar uma preocupação geral e não só dos bondes de pista na preservação da vida do outro, seja por receio de punições para a entidade ou por uma tentativa de um resgate de condições que possibilitem com que todos defendam

suas bandeiras, possam voltar para as suas casas, de modo a encarar aquele momento como lazer, jogo e extravasamento das emoções.

Saldanha (2023) fala de uma consciência política torcedora quando estuda os coletivos antifascistas em sua tese. Contasto que este pensamento também se apresenta nos grupos estudados, a partir do momento em que eles entendem que as brigas estão levando os movimentos torcedores para um caminho diferente do que aquele idealizado nas décadas de 1970 e 1980. Ademais, a cultura da vingança pessoal ganhou notoriedade nos últimos anos nas pistas entre as torcidas organizadas, sendo o estado do Rio Grande do Norte um dos principais expoentes desses atos no Brasil. Por isso, a consciência torcedora política dos coletivos antifascistas do Norte/Nordeste, discutida por Saldanha (2023), nesse caso, é observada a partir de uma compreensão humanitária voltada para a ideia da preservação da vida do próximo e do entendimento que as brigas devem ser um espaço de representação, de valentia e coragem daqueles que as experimentam como um estilo de vida.



Figura 4 – Ultras do ABC em clássico contra o América de Natal.

Fonte: Instagram Oficial dos Ultras do ABC.

4.6 Bonde da Aliança: amigos até no céu

A entrevista com o bonde de pista do Ceará Sporting Club, conhecido como Bonde da Aliança, aconteceu no dia 18 de novembro de 2023, de forma *online*, na plataforma *google meet*. Na ocasião, realizei o contato com um sub líder do grupo cearense, por intermédio de um representante da Tradição Justifica Fanatismo (TJF) – Náutico Até Morrer que estava sabendo do estudo, graças ao Pepe do BBF. Em seguida, este informou que precisava conversar com o líder geral do Bonde da Aliança e ver se ele em conjunto com as demais lideranças concordava em participar da pesquisa. Cerca de oito dias depois, desde o primeiro contato, via *whatsapp*, fui autorizado para poder pesquisar o referido grupo do Ceará Sporting Club.

Cymrot (2012) afirma que os bailes *funk* de corredor se constituíram como expressão das juventudes (Melucci, 2001) e uma das principais formas de lazer das classes sociais menos favorecidas nas décadas de 1990 e 2000. Estes representavam uma cultura popular e de lazer acessível para as grandes massas e permitia que os participantes, em sua maioria homens e jovens, vivenciassem de maneira corriqueira os *shows* que aconteciam em diferentes localidades da cidade. Com o passar do tempo, a cultura do baile *funk* migrou para as demais classes sociais brasileiras, trazendo à tona expressões, costumes e identidades de personagens que, historicamente, estão esquecidos e marginalizados (Cymrot, 2012).

No geral, os lados no baile eram definidos pelo bairro em que cada participante morava (Cymrot, 2012). Contudo, outro ponto que determinava a posição nos bailes na cidade de Fortaleza – capital do estado do Ceará –, era para qual clube o indivíduo torcia: Ceará Sporting Club ou Fortaleza Esporte Clube. Assim, os jovens que formavam o Lado A, em maioria, eram torcedores do Fortaleza e membros da Leões da TUF (Torcida Uniformizada do Fortaleza), que foi fundada do ano de 1991. Já os que formavam o Lado B, em sua maioria eram integrantes da Torcida Organizada Cearamor (TOC), fundada em 1982.

Devido à distribuição quase que natural dessa rivalidade nos bailes e nos estádios, os bailes de corredor no Ceará se tornaram quase que uma extensão do Clássico Rei³⁸. Isso fez com que a violência entre ambos os grupos aumentasse no

³⁸ Como é conhecido pela imprensa e demais torcedores o jogo entre Ceará e Fortaleza.

final dos anos 1990 e início dos anos 2000. Afinal, quando os embates não aconteciam nos jogos de futebol, eles certamente ocorreriam nos bailes de corredor, onde a presença das autoridades era menor e a briga era legalizada.

É nesse contexto que, em 1996, surge o Bonde da Aliança, grupo que no seu início pertencia à Cearamor. Este é oriundo do bairro da Aliança, localizado na Zona Norte da capital cearense e, historicamente, considerada um reduto de torcedores organizados do Ceará. O Bonde da Aliança cresceu rapidamente na Cearamor, se tornando um dos maiores grupos da torcida em pouco menos de cinco anos. Ao mesmo tempo, ganhou notoriedade nos bailes, devido ao seu desempenho positivo contra os rivais do Lado A. Isso fez com que torcedores organizados do Ceará que residiam em outros bairros e outras regiões da cidade entrassem para o grupo, pois entendiam que ali as chances de êxitos nos confrontos eram maiores.



Figura 5 – Bonde da Aliança de visitante em Maceió - Alagoas.

Fonte: Instagram oficial do Bonde da Aliança.

Além disso, desde aquela época, o Bonde da Aliança se diferenciava em questão ideológica de outras partes da Cearamor, pois já buscava uma pista limpa, sem covardia e respeitando a vida dos rivais – características estas que estão presentes em todos os bondes de pista da atualidade.

Com o crescimento das uniões de torcidas organizadas pelo Brasil, os estados do Norte e do Nordeste acabaram por criar os seus próprios conclaves, motivado por

outras alianças que já se estabeleciam no contexto nacional – a exemplo da União do Punho Cruzado (UPC) e a União do Dedo para o Alto (DPA) (SOUZA, 2018). Em razão da importante atuação que as torcidas de Ceará e Fortaleza possuem no Nordeste e motivadas por seu antagonismo histórico, acabaram por se tornar pilares da União do Lado A e do Lado B.

No entanto, o Lado A e o Lado B é um fenômeno mais complexo, pois desconsidera uniões de outros estados e, mesmo assim, mostra-se como um movimento forte e bem estabelecido. À priori, tem início no estado do Ceará, em seguida migra para outras localidades do Nordeste e depois para o Norte do país.

O Bonde da Aliança, portanto, auxiliou na consolidação da união das torcidas do Nordeste – Lado B, sendo um dos principais pilares desse coletivo. O seguinte trecho exemplifica isso:

Tudo que a gente vê é a adrenalina. Como eu te falei, o nosso grupo, o Bonde da Aliança é um grupo que tem uma geração de baile *funk* de corredor. Começamos lá atrás nos bailes de corredor aqui no Ceará, que inclusive daí surge essa denominação de Lado A e Lado B, como tem no Rio de Janeiro. Aqui na cidade também existe essa denominação. O Lado A no baile *funk* era a torcida do Fortaleza e o Lado B a torcida do Ceará, isso foi se formando. Daí também surge a denominação das alianças das torcidas do Norte/Nordeste. Daí no início dos anos 2000, quando os bailes acabaram, o pessoal dos bailes foram migrando para dentro das torcidas organizadas. Aqui no Ceará, o grande crescimento das torcidas organizadas, se deu quando acabaram os bailes *funk* de corredor e aquele pessoal migrou para as torcidas. (Gildo, Bonde da Aliança. 19/10/2023).

O próprio lema – “Amigos até no céu” – é oriundo de uma música famosa nos bailes de corredor do Rio de Janeiro e que migrou para o estado do Ceará. Como ela era tocada nos bailes em que o Lado B predominou, acabou por se tornar um lema daqueles grupos que ali ganhavam destaque por vencer os confrontos e não recuar diante dos adversários. O trecho a seguir retrata um pouco sobre o início do grupo e as canções que eles entoavam e levavam para as arquibancadas.

Na verdade, nós temos um grito de guerra que você já deve ter visto no nosso *Instagram*. É um grito conhecido no Nordeste todo, que é assim: No Lado B quem manda é a Aliança... como se fosse uma paródia do melo da Nova Holanda no Rio de Janeiro. Aquela montagem do baile funk. Esse é o nosso grito de guerra que, justamente, surgiu em baile funk. O nome Aliança também é herdado de outro grito de guerra do nosso bairro. Tínhamos uma montagem que era assim: Aliança eterna, amigos até no céu. Olavo-Oliveira (um bairro), FX (um pessoal) e Ala Fiel (uma ala da Cearamor). Cantávamos no baile funk essa música. Então, a partir, desse trecho aliança eterna, como

lhe falei que foi a junção entre os bairros, o pessoal foi falando. (Gildo, Bonde da Aliança. 19/10/2023).

O Bonde da Aliança, historicamente, acabou por fazer parte das duas torcidas de pista do Ceará: a Cearamor e o Movimento Organizado Força Independente (MOFI), que surge na torcida do Ceará como uma dissidência da Cearamor. Assim, como relatado pelo Gildo, o Bonde da Aliança participa do MOFI desde os anos iniciais da sua fundação, o que gera prestígio ao novo grupo, tanto nas arquibancadas, como nas pistas. Afinal, eles conseguiram levar para o seu corpo integrante, um dos principais grupos da Cearamor, que, devido à cultura dos bailes *funk*, tinha uma atuação considerável nas arquibancadas e sempre se caracterizou por priorizar a pista de maneira limpa, sem covardia e com brigas na mão. Este foi um dos principais motivos, que fez com que o MOFI crescesse consideravelmente em seus anos iniciais e que as lideranças do Bonde da Aliança também fossem da diretoria da então recém-formada torcida organizada do Ceará.

Em um primeiro momento, a criação e posterior crescimento do MOFI gerou desavenças que culminaram em confrontos com a Cearamor. Afinal, apesar de serem torcidas do mesmo clube, existe uma disputa simbólica entre os grupos pelo capital político e econômico que as arquibancadas e as torcidas organizadas detêm no futebol brasileiro.

Este fenômeno não é uma particularidade das torcidas organizadas do Ceará Sporting Club, mas ocorre em diferentes equipes brasileiras, merecendo maior atenção de cientistas que se debruçam no tema das torcidas de futebol, violência e política. Nesse sentido, as brigas internas que ocorreram em diferentes momentos na torcida do Clube de Regatas do Flamengo, do Cruzeiro Esporte Clube, do Fortaleza Esporte Clube e do Club de Regatas Vasco da Gama evidenciam uma tensão entre grupos que, em tese, defendem as mesmas cores e ideologias.

Para além de questões de domínio interno nas arquibancadas, existem as alianças antagônicas que torcidas do mesmo clube possuem. A Leões da TUF, do Fortaleza Esporte Clube, possui aliança com a Inferno Coral, do Santa Cruz Futebol Clube – de Pernambuco –, ambas inclusive sendo um dos principais sustentáculos da União do Lado A; já a Jovem Garra Tricolor (JGT), também do Fortaleza Esporte Clube, possui aproximações com a união do Punho Cruzado e, portanto, com a

Torcida Jovem do Leão no estado de Pernambuco. Este cenário gera constantes problemas nos jogos cearenses, visto que ambas as torcidas do Fortaleza recebem apoio de entidades rivais na cidade de Recife.

Outro exemplo, é a Fúria Jovem, do Botafogo, que tem amizade com a Gaviões da Fiel, do Sport Club Corinthians Paulista, e a Torcida Jovem do Botafogo de Futebol e Regatas, que é aliada da Mancha Alvi Verde da Sociedade Esportiva Palmeiras. Indubitavelmente, quando o Botafogo joga no estado de São Paulo, tem-se uma tensão instaurada nas arquibancadas alvinegras, devido à rivalidade que existe entre Corinthians e Palmeiras.

Além disso, as disputas internas, que ocorrem com a finalidade de se resolver quem é a principal torcida organizada de determinado clube, envolvem maiores regalias das diretorias, melhor localização na arquibancada, colocação do maior número de faixas e o controle das músicas que são cantadas nos jogos (Marra, 2016). Quando se compara o cenário brasileiro ao argentino, é notória a diferença existente. Na Argentina os clubes não têm mais de uma barra, inclusive Cabrera (2022) utiliza a frase “um clube, uma barra”, pois é inimaginável duas barras em uma equipe. O que acontece lá é que existem disputas internas, mas estas não formam outras torcidas como no contexto brasileiro, mas sim grupos que querem tomar o poder e brigam por esse domínio.

Cabrera (2022) também afirma que as contendas pelo poder têm a utilização de armas de fogo, como ocorre e/ou já ocorreu nos Piratas Albicelestes de Alberdi (barra do Belgrano) – acontecimento este que ocorre em menor número no Brasil, já que as armas são utilizadas em geral para situações de desvantagem e emboscadas contra torcedores rivais. Grabia (2012), ao estudar a La Doce, barra do Boca Juniors, também mostra essa peculiaridade ao relatar os confrontos pelo monopólio da barra, os quais, geralmente, terminavam com um grupo correndo dos tiros daqueles que por anos dividiram a mesma arquibancada e brigavam juntos contra os rivais.

Nesse sentido, a dissertação de Aragón (2007) é importante para entender a situação argentina no que diz respeito às disputas pelo poder dentro das barras. O autor elenca como um dos motivos para o aumento da violência no futebol argentino o efeito do neoliberalismo na sociedade portenha. Dentre as consequências citadas,

Aragón concentra a sua argumentação na acentuação do individualismo na sociedade, que, nesse contexto torcedor, pode ser observado por disputas intrínsecas pelo poder da *hinchada*, sendo estas cada vez mais letais, pois contam com a utilização de armas de fogo. Portanto, as brigas passam a acontecer em maior intensidade contra subgrupos da mesma torcida e não contra torcedores de clubes antagonistas.

Na conjuntura brasileira, os confrontos ocorrem, mas não com tamanha letalidade, como mostra Cabrera (2022) sobre a Argentina. No Brasil o mais comum é que os grupos descontentes criem outras torcidas organizadas, coletivos e busquem outros lugares nas arquibancadas. Esse é um raciocínio que explica o considerado número de torcidas organizadas que os times brasileiros possuem. Além do mais, esta é uma prática que gera privilégio e pode gerar vantagens para aqueles que estão nas lideranças desses agrupamentos.

Os questionamentos sobre mandos e desmandos das torcidas organizadas também acabam por gerar separações abruptas, sendo uma das causas que motivou a criação dos bondes de pista. O Bonde da Aliança, por exemplo, separa-se do MOFI em 2018, com a premissa de formar um movimento independente em prol do Ceará Sporting Club. Por isso, para além do destaque nas pistas, ele também se sobressai por sua atuação na arquibancada, tendo um lugar próprio no Estádio Plácido Aderaldo Castelo, o Castelão – local onde o Ceará costuma mandar os seus jogos, além de levar faixas e bandeiras com as escritas, ano de fundação e lema do grupo. Isso demonstra a conservação de uma cultura de arquibancada e festa, que vem desde a sua criação no ano de 1996.

O interessante é que, nas arquibancadas e em outros eventos do grupo, como em ações sociais, foi possível perceber a atuação de mulheres. Mesmo os bondes de pista sendo ambientes que na teoria não possuem mulheres, essa é uma lógica diferente do Bonde da Aliança. No bonde de pista em questão, notei uma presença elevada do público feminino nas atividades do grupo, o que se diferencia do Sobranada 1902, por exemplo, que, apesar de possuir a Sissi como uma mulher influente e líder do grupo, não possui um número considerado de mulheres entre seus integrantes.

O jogo entre Sport Recife x Ceará, pela Copa do Nordeste de Futebol Masculino de 2023, comprova a presença maciça de mulheres no Bonde da Aliança, já que estas também participaram do confronto que ocorrera nas arquibancadas da Ilha do Retiro – estádio do Sport – com as integrantes da Torcida Jovem do Leão, rival histórica das torcidas do Ceará. Na ocasião, o Sport Club do Recife cumpria punição por conta de brigas que haviam acontecido no ano de 2023 e o Ministério Público de Pernambuco acabou por permitir somente a presença de mulheres e crianças de maneira gratuita no estádio. Esse é um exemplo que demonstra que o futebol é um espaço de resistência para as mulheres (Goellner, 2005) e que até nos ambientes mais hostis para elas, como as pistas, elas se mostram presentes, reivindicando e contestando as ordens de uma sociedade que ainda hoje perpetua valores patriarcais.

Ante ao exposto, percebo o Bonde da Aliança como o bonde de pista que possui maior flexibilidade para a presença feminina. Contudo, é importante dizer que quando questiono o Gildo – um dos líderes do Bonde da Aliança – sobre quem pode participar do grupo, ele me informou que a pista é 80% da atuação do grupo, entretanto eles também têm se organizam em outros cenários, como nas ações sociais e nas arquibancadas e, por isso, precisam de integrantes que tenham assiduidade e comprometimento com o coletivo. Em geral, eles encontram essas características nas mulheres que não necessariamente têm as brigas como fim, e sim, como consequência.

5 REFLEXÕES FINAIS: UMA NOVA CONDIÇÃO TORCEDORA – AS BRIGAS COMO LAZER

Analisando as características em comum dos grupos que pesquiso, identifico, atualmente, os bondes de pista a partir de alguns elementos. Primeiramente, evitam formalização: não possuem CNPJ e não têm os seus membros cadastrados junto ao Ministério Público do seu respectivo estado. São também grupos independentes do clube e de outras formas de organizações torcedoras. Quanto à sua forma de organização, mantém processos hierárquicos menos verticais do que uma torcida organizada, não dispondo da figura de um Presidente ou Vice, mas sim lideranças gerais que são denominadas de diretores. E, por fim, e possivelmente o aspecto mais importante: têm o agonismo como marco identitário no que concerne aos elementos que envolvem as brigas, desde a sua preparação, idealização e o estabelecimento prévio de regras que as normatizam como um elemento político de sua atuação. Também destaco que esse modelo, como qualquer coletivo humano, é dinâmico e, portanto, pode sofrer mudanças com o tempo.

À vista disso, os bondes de pista se mostram como uma manifestação torcedora e cultural que vêm ganhando destaque seja dentro ou fora das arquibancadas brasileiras. O respeito às regras pré-estabelecidas possibilitou o ressurgimento de uma consciência torcedora que é nutrida nos embates corporais – quando estes se voltam para a preservação da vida e do confronto limpo em que ambos os grupos devem possuir condições de equilíbrio durante as contendas (Rezende, 2023). Dessa maneira, o entendimento da pista como lazer é mostrado por essas condutas e nos momentos que a ideia de jogo (Coelho, 2016) é estabelecida por discursos que priorizam a busca por adrenalina e extravasamento em detrimento da vitória a qualquer custo.

Embora tenha notado diferenças entre esses bondes e outros tipos de agrupamentos de torcedores, identifiquei que a ascensão dos membros dentro daqueles que têm as brigas como processos de sociabilidades – barras sul-americanas, *hooligans* e ultras – se dá de maneira parecida. Aquele torcedor que

demonstra disposição e é bem-sucedido³⁹ nos embates físicos, que apresenta proatividade para auxiliar no cotidiano e na resolução de problemas, que possui bom relacionamento com outros membros e torcidas, que está presente na maioria dos jogos e caravanas, tem maior probabilidade de crescer internamente do que outros torcedores que não possuem estas valências.

Em suma, observo um evidente processo de hibridização⁴⁰ entre os bondes de pista e outras manifestações torcedoras. Isso é explicado, pois os membros dos referidos grupos são oriundos ou ainda fazem parte de torcidas organizadas, o que naturalmente faz com que eles se organizem em caravanas, vestimentas padronizadas, entoem cânticos que exaltem o bonde e o clube que representam, e alimentem pertencimento e rivalidades contra torcidas rivais.

Além disso, destaco que, individualmente, os sujeitos que frequentam e formam os bondes de pista não possuem representatividade suficiente para insurgirem e se colocarem em posições sociais e políticas que permitam com que eles questionem a estrutura vigente que violenta a cultura torcedora brasileira. No entanto, como coletividade, os grupos que estudei mostram-se um espaço poderoso de sociabilidade e um meio para endossar a luta contra desmandos e tutelas no ato do torcer.

Por conseguinte, é inegável que a cultura do mano a mano está disseminada em diferentes localidades brasileiras, como no Rio de Janeiro e no Ceará. Dessa maneira, após estudar todos os bondes de pista brasileiros, identifico a existência de uma notoriedade torcedora alcançada nas duas últimas décadas devido ao desejo de encarar as brigas como atos conscientes que lhes traz prazer, que têm significado e que resgatam uma cultura de brigas justas, entendidas por seus praticantes como sinônimo de esporte, divertimento, extravasamento e desvio de regras estabelecidas na sociedade.

Nesse sentido, o elemento que justifica o crescimento da ideologia e da atuação dessas tribos urbanas (Maffesoli, 1998) no cenário brasileiro é, justamente, a insatisfação com as brigas protagonizadas pelas torcidas organizadas que têm a pista

³⁹ Nesse caso, ser bem-sucedido não significa ganhar todos os confrontos. Mas sim, mostrar disposição de se preparar para as contendidas, estar presente nas mesmas e seguir a ideologia pregada pelo grupo.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.usp.br/esportivo/?p=3837>. Acesso em 19-01-2024 às 07h15.

como elemento aglutinador, mas que estão dispostas a fazer uso de recursos elaboração de emboscadas, utilização de armas brancas e de fogo e, por consequência, o aumento no número de óbitos. Esses fatos culminam na maior atenção do poder público e dos meios de comunicação no combate às torcidas organizadas, gerando normativas como a Lei Geral do Esporte, que criminaliza (Rezende, Saldanha & Silva, 2023) a torcida organizada enquanto movimento social, colocando-a em um único prisma e desconsiderando seus variados vértices. Ademais, dispositivos como esse primam pela punição da coletividade torcedora e não do indivíduo infrator, o que apresenta caráter inconstitucional ao propor penas que ultrapassam a pessoa do condenado (Hollanda & Aguilar, p. 97, 2017).

As brigas se mostram prazerosas para os grupos que estudei até o ponto em que ninguém venha a óbito. Tal fato corrobora com os dizeres de Teixeira (2021), que afirma que a morte é algo temido, não somente pelo sentimento de perda que gera, mas também por representar o sentido de derrota para a ideologia e tradição que vem sendo resgatada.

Aragón (2007) afirma que a teoria do *aguante* (Alabarces, 2004; Moreira, 2005; Zucal, 2006; 2010) é uma explicação consistente para a violência entre torcedores na América Latina. No Brasil, este termo não possui uma tradução exata. No entanto, isso não invalida a sua presença nos coletivos torcedores, especialmente, naqueles que cunham a pista como um importante processo de sociabilidade. Afinal, a ideia do sacrifício, da honra, de colocar o corpo à prova também está presente. Contudo, o que diferencia o *aguante* brasileiro é que o sacrifício em variados momentos é mais voltado ao grupo torcedor que aquele indivíduo pertence do que ao próprio clube (Rezende, 2024).

Diante disso, Hollanda & Aguilar (2017) afirmam sobre a naturalização da violência, haja vista que ela está para além de um ímpeto físico, mas também é observada nas vestimentas, formas de falar, nos cânticos, frases/lemas e nos mascotes⁴¹ dos grupos estudados. Sob a ótica dos bondes de pistas, a violência não

⁴¹ A partir, da década de 1990 as torcidas organizadas reconstituem seus mascotes, de forma a transformá-los em figuras masculinizadas, musculosas, que denotam masculinidade agressiva e imposição frente aos seus rivais (HOLLANDA & AGUILAR, 2017). Os bondes de pistas seguem essa retórica das torcidas organizadas da década de 1990, com frases e mascotes que têm como objetivo se impor diante de outros grupos torcedores.

é entendida como uma anormalidade (Archetti, 2003; Zucal, 2006), mas sim como um fim em si mesma, devido ao sentido hedonista que elas representam para os seus participantes.

Para mais, a violência existente nas últimas décadas no futebol brasileiro vai além das ações dos bondes de pista. Elas têm a ver com a violência física por parte da polícia, enquanto braço armado do estado, e das barbáries estruturais construídas e justificadas pelos aparatos estatais (Aragón, 2007), por meio de leis e proibições ao ato de torcer e frequentar as arquibancadas brasileiras.

O presente estudo possibilita a percepção do caráter insurgente dos bondes de pista para além de uma lógica que julga, criminaliza e coloca à margem estes sujeitos que encaram as brigas como lazer. Dito isso, existe a necessidade de observar esses grupos como sujeitos complexos que ultrapassam a lógica de pessoas violentas, que se mostram como personagens multifacetários e que utilizam o protagonismo de torcedores de briga para direcioná-los diante de uma perspectiva contra hegemônica no que tange a utilizar as pelejas para criar laços de amizade, respeito e união entre os seus membros. Devido a esse amplo potencial de sociabilidade exercido através da violência cultural dos bondes de pista, ela acaba por operar como um construtor de identidades e de status sociais, seja pelos atos, formas de agir ou pelas linguagens que se diferenciam de outros torcedores.

A dissertação em questão possui duas limitações: a primeira é que as entrevistas foram realizadas apenas com as diretorias dos bondes de pista. Por isso, para investigações futuras, é importante que a pesquisa de campo alcance os demais integrantes desses grupos, com a finalidade de se ter uma visão da base e de outros elementos que podem passar despercebido quando se tem um cargo de liderança. Já a segunda limitação é, justamente, a necessidade de mais tempo em campo dentro de cada bonde de pista estudado, de modo a conseguir elementos que permitam responder outras questões, como a transmissão da ideologia dos bondes de pista para outros coletivos torcedores e a relação deles com os órgãos públicos, de modo a possibilitar entendimentos que ultrapassam os percebidos na atual escrita.

Após os dois anos de leituras, trabalhos de campo, entrevistas, acompanhamento das ações dos grupos, afirmo que, atualmente, essas coletividades

são uma realidade da cultura torcedora brasileira. Por isso, entendo o estudo em questão apenas como um primeiro passo para futuras investigações científicas de grupos que possuem códigos de condutas específicos para os confrontos e que utilizam de sua formação clandestina, aos olhos das autoridades e do estado, como possibilidade de burlar os mandos e desmandos das instituições que regem o futebol brasileiro do ponto de vista legislativo, sendo, então, mais uma possibilidade de resistência ao futebol moderno.

Além do mais, entendo a necessidade de outras investigações que busquem complementar as lacunas não exploradas por essa dissertação, como a existência de novos grupos que possam vir a surgir em outros clubes com as características dos bondes de pista. Outra possibilidade seria identificar características sociodemográficas (faixa etária; raça-cor; gênero; presença ou não de deficiências; orientação sexual; naturalidade) dos membros dos bondes de pista, considerando o histórico das torcidas organizadas das décadas de 1980 e 1990, as quais eram caracterizadas por coletivos juvenis (Reguillo, 2000).

Este estudo é um movimento político, pois representa a oportunidade de ouvir grupos que, além de invisibilizados e colocados à margem, em variados momentos são divulgados de maneira simplista pela mídia e pelas autoridades, o que promove uma visão descontextualizada da sociedade sobre eles. Por meio das interlocuções que realizei com as lideranças dos bondes de pista brasileiros, os observo como sujeitos de suas ações e compreendo a existência de uma consciência torcedora, no que tange ao gosto pelas brigas, reconhecendo essa prática como um estilo de vida legítimo. Afinal, o brigar para eles não tem como objetivo a eliminação dos rivais, ao contrário: existe um entendimento da importância das rivalidades, também para que as contendas continuem acontecendo e a cultura da pista prevaleça, sendo essa condição torcedora a principal herança que os bondes de pista têm deixado até o momento para as futuras gerações. Finalmente, as brigas no contexto dos bondes de pista se mostram como uma prática de lazer consciente, voluntária, lúdica e significativa para os seus praticantes.

REFERÊNCIAS

- ABARCA, H. Crónicas del aguante. *In*: OLAVARRÍA J. (editor). **Hombres: identidad/es y violencia**. Santiago: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, 2001. p. 111-124.
- ABRANTES, F. V. P. de. **Quando o bar se torna estádio**: um estudo acerca do torcer em bares de Belo Horizonte. 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- ALABARCES, P. **Crónica del aguante**. Fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.
- ALABARCES, P.; ZUCAL, J. G. & MOREIRA, M. V. El aguante y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 113-136, 2008.
- ANJOS, L. A. dos. **De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay. 2018. 388f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- ARAGÓN, S. **Los trapos se ganan en combate**: uma mirada etnográfica sobre las representaciones y prácticas violentas de la ‘barra brava’ de San Lorenzo de Almagro. Buenos Aires: Antropofagia, 2007.
- ARAÚJO, H. M. Entre a “pista” e a “arquibancada”: identidades, mediações culturais e a construção de uma cidadania torcedora. **Esporte e Sociedade**, ano 14, n. 34, p. 1-22, dez, 2021.
- ARCHETTI, E. **Fútbol y ethos**. Buenos Aires: FLACSO-Series de investigación, 1985.
- ARCHETTI, E. **Masculinidades**. Buenos Aires: Ed. Antropofagia, 2003.
- ARMSTRONG, G. **Football hooligans: knowing the score**. New York: Berg, 2013.
- ARROYO, D. **Barrismo social Y colectivo barrista colombiano**: los antecedentes del diseño de una política pública. Cali: Tesis (Pregrado en Profesional en Estudios Políticos y Resolución de conflictos) - Universidad del Valle, 2014.
- BANDEIRA, G. A. “Eu canto, bebo e brigo...alegria do meu coração”: Currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 127f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BECKER, H. **Outsiders**: estudos da Sociologia do Desvio. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Revisão Técnica Karina Kuschnir. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online], n. 19, p. 20-28, 2002.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.1998.

BOTELHO, R. G.; DE OLIVEIRA, C. C. Literatura branca e cinzenta: uma revisão conceitual. **Ci.Inf.**, Brasília, v.44, n.3, p.501-513, 2015.

BRASIL. **Decreto n. 14.529, 9 de dezembro de 1920**. Diário Oficial da União - Seção 1 - 28/12/1920, Página 21569 (Republicação). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-14529-9-dezembro-1920-503076-republicacao-93791-pe.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto de Defesa do Torcedor e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10671-15-maio-2003-496694-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 16 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010**. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas; altera a Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003; e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/lei/l12299.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.299%2C%20DE%2027,2003%3B%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias. Acesso em: 16 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº14.547, 14 de junho de 2023**. Lei Geral do Esporte. Institui a Lei Geral do Esporte. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14597.htm. Acesso em: 16 jul. 2024.

CABRERA, N. Una aproximación etnográfica sobre la hinchada de Belgrano: violencia, identidad y poder. **“Los Piratas”**. **Revista del Museo de Antropología** v.7, n.2, p.359-370, 2014.

CABRERA, N. **Que la cuenten como quieran: pelear, viajar y alentar en una barra de fútbol argentino** / Nicolás Cabrera. 1.ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2022.

CANALE, V. S. dos. **Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer**. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

CARMO, P. S. do. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

CASTRO J. El carnaval y el combate hacen el aguante en una barra brava. **Revista Colombiana de Sociología**, v.36, p.77-92, 2013.

CASTRO, J. Cuerpo, jerarquía y formas de actuar: estética, política y ética en barras bravas de bogotá. **Revista FuLiA/UFMG**, v. 7, n. 1, jan.-abr., 2022.

COELHO, G. **Deixa os Garotos Brincar**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

CYMROT, D. Ascensão e declínio dos bailes de corredor: o aspecto lúdico da violência e a seletividade da repressão policial. **Sistema Penal & Violência**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 169-179, jul./dez. 2012.

DAMATTA, R. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

DAMO, A. S. Bons para torcer, bons para se pensar – os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. **Motus Corporis**, v.5, n.2, p.11-48. nov., 1998.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. p.15-41.

DUNNING, E; MURPHY, P; WILLIAMS, J. Spectator violence at football matches: towards a sociological explanation. *In*: ELIAS, N; DUNNING, E. **Quest for excitement**: sport and leisure in the civilizing process. Cambridge: Blackwell, 1993. p.245-266.

DUNNING, E. The social roots of football hooliganism. A reply to the critics of the 'Leicester School'. *In*: GIULIANOTTI, Richard (org.). **Football, Violence and Social Identity**. Londres: Routledge, 1994. p.144.

DUNNING, E. **El fenómeno deportivo**. Barcelona: Paidotribo, 2003.

DUNNING, E. **Sociologia do esporte e os processos civilizatórios**. São Paulo: Annablume, 2014.

DYAL, M. **Hated and proud**: ultras contra modernity. London: Arktos, 2018.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Coimbra: Edições 70, 2019.

ESCHER, T. A. REIS, H. H. B; **Futebol e sociedade**. Brasília: Liber Livros, 2006.

FLORES, T. L. S. **Suástica nas Arquibancadas**: o caso dos Ultras Neonazistas na Espanha. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Departamento de História, Universidade de Brasília. Distrito Federal, 2019.

FREITAS, G. S. P. de. **As seleções de futebol multiculturais da União Europeia**. Orientador: Prof. Luiz Gonzaga Godoi Trigo. Dissertação (Mestrado em Filosofia – Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 101, 2017.

- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, A.; SUTTON, P. W. **Conceitos essenciais da sociologia**. Traduzido por Claudia Freire. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira De Educação Física e Esporte**, v.19, n.2, p. 143-151, 2005.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- GOMES, C.L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer - RBEL**, v. 1, n.1, p. 3-20, 2014.
- GOMES, E. S. de. Futebol e narcotráfico: uma releitura do caso de Pablo Escobar na Colômbia. **Ludopédio**, São Paulo, v. 87, n. 12, 2016.
- GOMES, E. S. de. Futebol e narcotráfico II: uma breve análise da influência do cartel de Cali no futebol do América. **Ludopédio**, São Paulo, v. 95, n. 32, 2017.
- GOMES, E. S. de. Futebol e narcotráfico III: as influências de Gonzalo Rodríguez Gacha “El Mexicano”, no futebol do Millonarios. **Ludopédio**, São Paulo, v. 134, n. 54, 2020.
- GRABIA, G. **La doce: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo**. São Paulo: Panda Books, 2012.
- GREEN STREET HOOLIGANS. Direção: Lexi Alexander. 2005. Dublado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Jt8hnA_my9w.
- HAMILTON, A. **Um jogo inteiramente diferente!** Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- HOLLANDA, B. B. B. de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**: 7Letras, 2009.
- HOLLANDA, B. B. B. de. Torcidas, ultras e *hooligans*: paralelos da problemática torcedora no Brasil e na França. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. e REIS, H. H. B. **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014. p. 153.
- HOLLANDA, B. B. B. de. A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980). **Brasiliana**, v.5, p. 367-404, 2016.

HOLLANDA, B. B. B. de. **Torcidas, hinchadas e barras**: a problemática torcedora em escala continental. In: HOLLANDA, B. B. B. e AGUILAR, O. R. **Torcidas organizadas na América Latina**: estudos contemporâneos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017. p. 11-64.

HOLLANDA, B.B.B. de. **Os estudos do futebol na Inglaterra**: um balanço bibliográfico da produção acadêmica sobre hooliganismo. **História da Historiografia**, v. 14, p. 289-318, 2021.

HOLLANDA, B.B.B de.; TEIXEIRA, R. C. da. **“Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo.”** Memórias da Torcida Jovem do Flamengo [anos 1960-1990]. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2022.

LE BRETON, D. **Condutas de risco**. Dos jogos de morte aos jogos de viver. Campinas: Autores Associados, 2009.

LOPES, F. T. P; CORDEIRO, M. P. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 104, p. 75-83, jan. 2010.

LOPES, F.T.P. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol**: ideologia e crítica na construção de um problema social. 2012. 589f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2013.

LOPES, F. T. P. Dimensões Ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, p.597-612, out-dez. 2013.

LOPES, F. T. P.; HOLLANDA, B. B. B. de. Ódio eterno ao futebol moderno: poder, dominação e resistências nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo** (Niterói. Online), v. 24, p. 206-232, 2018.

LOPES, F. T. P; PERINA, F. C. Vigiar e punir o torcedor: uma reflexão sobre as tecnologias disciplinares no contexto do futebol brasileiro e chileno. **Esporte e Sociedade**, v.1, p.1-27, 2018.

LOPES, F.T. P. A alteridade torcedora: contribuições da prática antropológica para a compreensão das torcidas organizadas de futebol. **Revista de estudos universitários – REU**, Sorocaba, SP, v. 46, n. 2, p. 213-229, 2020.

LOPES, F.T. P. A atuação de Coletivos Ativistas de Torcedores nas Ruas e Estádios de São Paulo. **Revista Central de Sociologia**, v. 17, p. 93-112, 2023.

MAFFESOLI, M. **De la orgía, una aproximación sociológica**. Barcelona: Ariel, 1996.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MALAIA, J. M. C. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910 – 1950. *In*: TOLEDO, L. H.; MALAIA, J.; BUARQUE DE HOLLANDA, B.; MELO, V. A. de (Org.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2012.

MARRA, P. S. **Vou Ficar de Arquibancada pra sentir mais emoção**: técnicas sônicas nas dinâmicas de produção de partidas de futebol do Clube Atlético Mineiro. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 203 f. 2016.

MASCARENHAS, G. O direito ao estádio. **Ludopédio**, São Paulo, v. 119, n. 12, 2019.

MELUCCI, A. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MENEZES, I. **Entre a Fúria e a Loucura**: análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e Regatas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós - Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MINAYO, M. C. S. de. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14.ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014. p. 407.

MONTEIRO, R. A. **Torcer, lutar, ao inimigo massacrar Raça Rubro-Negra!** uma etnografia sobre futebol, masculinidade e violência. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MOREIRA, V. Trofeos de guerra y hombres de honor. *In*: ALABARCES, P. *et al.* (comp.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2005. p. 75-90.

MOREIRA, V. Etnografía sobre el honor y la violencia de una hinchada de fútbol en Argentina. **Revista Austral de Ciencias Sociales**, p. 5-20, 2007.

MURAD, M. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

MURAD, M. **A violência ao futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MURAD, M. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **Revista USP** (on-line), n.99, p.139-152, 2013.

OLIVEIRA, E. C. de. As interfaces da prática torcedora pelo mundo contemporâneo: Hooligans, Ultras, Torcidas Organizadas e Barras Bravas. **Esporte e Sociedade**, ano 15, n.36, dezembro 2022.

OLIVEIRA, E. C. de. **“Pasos al costado”**: uma história do processo de constituição das barras e a platinização do torcer no Rio Grande do Sul (2001-2011). Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2023.

PALHARES, M. F. S; SCHWARTZ, G. M; TERUEL, A. P; SANTIAGO, D. R. P; TREVISAN, P. R. T. C. 2012. Lazer, agressividade e violência: considerações sobre o comportamento das torcidas organizadas. **Motriz**, Rio Claro, v.18 n.1, p.186-199, jan./mar. 2012.

PERINA, F. C.; LOPES, F. T. P. Dispositivos de segurança no futebol argentino e colombiano: uma revisão bibliográfica. **Revista Motrivivência**, v. 33, p. 1-15, 2021.

PERSON, G. **Hooligan: a history of respectable fears**. Londres: Macmillan, 1983.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas organizadas de futebol, violência e autoafirmação: aspectos da construção das novas relações sociais**. Taubaté: Vogal, 1997.

PIMENTA, C. A. M. Hooligans: barbárie e futebol. *In: Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004.

PINTO, V.T. Contramodernidade ultra e conflito no futebol contemporâneo. *Revista Antropolítica*, n. 52, Niterói, p. 418-424, 2021.

PITT-RIVERS, J. A doença da honra. *In: CZECHOWSKY, N. (org.). A honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco*. Porto Alegre: LP&M, 1992. p.17-32.

QUEIRÓZ, M. I. P. de. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. *In: LANG, A.B.S.G. (org.). Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1992. p. 13-29. (Coleção Textos; 2ª série, 3).

RAMÍREZ, G. J.; SALAZAR, S. Hinchas organizados: ¿ Barras bravas o barristas sociales? Una mirada desde Colombia y Ecuador. Departamento de Ciências Sociais, Unimontes-MG. **Argumentos**, v.18, n.2, jul./dez. 2021.

REBELO, A.; TORRES, S. **CBF-NIKE**. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

REGUILLO, R. **Emergencia de culturas juveniles: estrategias del desencanto**. Bogotá: Norma, 2000.

REIS, H. H. B. **Futebol e sociedade: as manifestações da torcida**. 1998. 127 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 1998.

REIS, H. H. B. **A violência nos estádios: estudo comparado entre Brasil e Espanha**. 2004. 127f. Tese (Livre-docência em Estudos do Lazer) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2004.

REIS, H. H. B. Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. *In: DAOLIO, J. Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 105- 130.

REIS, H. H. B. O espetáculo futebolístico e o Estatuto de Defesa do Torcedor. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 111-130, maio 2010.

RESTREPO, J. M. **Plan decenal de seguridad, comodidad y convivencia en el fútbol:** entre la vigilancia y la voluntad política, un análisis comparado sobre la política del fútbol colombiano los casos de Cali y Medellín". Quito: Tesis (Maestría de Investigación en Estudios Urbanos) - FLACSO Ecuador, 2018.

REZENDE, F. H. F.; SALDANHA, R. M. Tutela e controle no torcer no Brasil. **Ludopédio**, São Paulo, v. 168, n. 20, 2023.

REZENDE, F. H. F.; SALDANHA, R. M. SILVA, S. R. da. Estatuto de Defesa do Torcedor e Lei Geral do Esporte: similaridades e distinções no que concerne à atuação perante as torcidas organizadas. **Ludopédio**, São Paulo, v. 169, n. 7, 2023.

REZENDE, F. H. F. Uma nova condição torcedora: Um estudo sobre os bondes de pista brasileiros e as brigas como lazer. **Ludopédio**, São Paulo, v. 173, n. 20, 2023.

REZENDE, F. H. F. A presença do aguante nos bondes de pista brasileiros. **Ludopédio**, São Paulo, v. 178, n. 4, 2024.

ROJO-LABAIEN, E. Football as a reflection of modern society's conflicts and a way of creating societal ties in enduring enmity context. **International Journal of Science Culture and Sport**, junho 2014.

SALDANHA, R. M. **Nem guerra entre as torcidas, nem paz entre as classes:** decifrando as torcidas antifascistas unidas do norte e do nordeste. Orientador: Prof. Silvio Ricardo da Silva. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, p. 184, 2023.

SANTOS, T. C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas:** paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004.

SILVA, S. R. da *et al.* **O Estatuto de Defesa do Torcedor e a questão da violência:** uma análise sobre a apreciação do lazer a partir dos torcedores de futebol. Recife: Conbrace, 2007.

SILVA, S. R. da; CORDEIRO, L. B.; CAMPOS, P. A. F. (Orgs.). **O ensino do futebol:** para além da bola rolando. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

SILVA, S. R. da.; SOUZA NETO, G. J.; CAMPOS, P. A. F. Lazer, torcidas e futebol. *In:* ISAYAMA, H. F.; SILVA, S. R. da. (orgs). **Estudos do lazer:** um panorama. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais de sociologia:** indivíduo e sociedade. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, A. L. de. **Alianças entre torcidas organizadas:** análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem. 2018.

SOUZA, E. A. P. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: o caminho até as alianças. **Csonline** (UFJF), v. 31, p. 192, 2020.

SOUZA NETO, G. J. **A invenção do torcer em Belo Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904 – 1930). Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOARES, F.C; REZENDE, F.H.F. Os Fanáticos x Força Jovem do Vasco: um confronto que marcou o Campeonato Brasileiro de 2013. **Ludopédio**, São Paulo, v. 121, n. 23, 2019.

SPAAIJ, R.; VIÑAS, C. Passion, politics and violence: a social historic analysis of spanish ultras in soccer and society. **Soccer & Society**, v.6, n.1, p.79-96, 2005.

SPAAIJ, R. **Understanding football holiganism**: a comparison of six Western European football clubs. Amsterdam: Vossiuspers, 2007.

SPAAIJ, R. Mens like us, boys like them: violence, masculinity and collective identity in football hooliganism. **Journal of sport and social issues**, p. 369-392, 2008.

TEIXEIRA, R. C. da. Torcidas jovens: entre a festa e a briga. **Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. n.10/11, p.85-104, 2001.

TEIXEIRA, R. C. da. **Os perigos da paixão**: visitando jovens torcidas cariocas. São Paulo: Annablume, 2003.

TEIXEIRA, R. C. da. **Aprendizagens e sociabilidades juvenis**: a experiência das Torcidas Jovens cariocas, 2003.

TEIXEIRA, R. C. da. A Volta do mano a mano: algumas considerações sobre briga entre torcedores, códigos de honra, adrenalina e risco a partir de uma reportagem de televisão. In: HELAL, Ronaldo *et al.* **Estudos em mídia, esporte e cultura**. Curitiba: Appris, 2021. p.113-128.

TEIXEIRA, R. C.; MEDEIROS, J.; REIS, H. H. B.; LOPES, F. T. P. I Censo Anatorg: análise do perfil de lideranças de torcidas organizadas. **FuLiA/ UFMG**, v. 6, p. 110-136, 2021.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.

TOLEDO, L. H. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, B. B. B. de *et al.* **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p.122-158.

TREJO, F. S. *et al.* Violências no futebol Argentino: O que está em jogo? Quais são os paralelos com o Brasil? **Publicatio UEPG**: Ciências Sociais Aplicadas, v. 27, p. 42-58, 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VIMIEIRO, A. C. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens. **Revista Contracampo**, Niterói, v.7, n.1, p.23-59, dez-mar de 2014.

Violência no futebol já provocou 155 mortes no Brasil desde 1988, diz jornal. UOL, São Paulo, abr. 2012. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2012/04/03/violencia-no-futebol-ja-provocou-155-mortes-no-brasil-desde-1988-diz-jornal.htm>. Acesso em: 06 jan. 2024.

VOGEL, A. O momento feliz – reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. *In*: DaMATTA (org.) **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

WACQUANT, L.J.D. **Corpo e Alma:** notas etnográficas de um aprendiz de boxe/ Loic Wacquant / tradução Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZUCAL, J.G. **El Aguante:** prácticas violentas y identidades de género masculino en um grupo de simpatizantes del fútbol argentino. Buenos Aires: Tesis de Licenciatura/Departamento de Ciencias Antropológicas (UBA), 2004.

ZUCAL, J. G. Soy macho porque me la aguanto: etnografías de las prácticas violentas y la conformación de identidades de género masculinas. *In*: ALABARCES, P.; CONDE, M. DODARO, C. (Comp.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p.39-58.

ZUCAL, J. G. **Nosotros nos peleamos:** violencia e identidad de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2010.

ENTREVISTAS

19-10-2023 Entrevista realizada no formato *online*, via *Google Meet*, com o Gildo, um dos líderes do Bonde da Aliança.

20-10-2023 Entrevista realizada no clube social do Fluminense Football Club, no bairro das Laranjeiras, Zona Sul, do Rio de Janeiro, com o Washington, o Assis e a Sissi, algumas das lideranças do Sobranada 1902.

22-10-2023 Entrevista realizada na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, com o Imperador, um dos líderes do Bate Anda.

26-10-2023 Entrevista realizada no formato *online*, via *Google Meet*, com o Pepe, um dos líderes do Bonde do Braço Fino.

30-10-2023 Entrevista realizada no formato *online*, via *Google Meet*, com o Alberi, um dos líderes dos Ultras do ABC de Natal.